

Špánková, Silvie

Literaturas africanas de língua portuguesa I, Antologia de textos literários

Literaturas africanas de língua portuguesa I, Antologia de textos literários 1. vyd.
Brno: Masarykova univerzita, 2014

ISBN 978-80-210-6910-7; ISBN 978-80-210-6913-8 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/131149>

License: [CC BY-NC-ND 3.0 CZ](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/cz/)

Access Date: 16. 02. 2024

Version: 20220902

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Literaturas africanas de língua portuguesa I

Antologia de textos literários

Silvie Špánková

Masarykova univerzita

Brno 2014



EVROPSKÁ UNIE



MINISTERSTVO ŠKOLSTVÍ,
MLÁDEŽE A TĚLOVÝCHOVY



OP Vzdělávání
pro konkurenceschopnost



INVESTICE DO ROZVOJE VZDĚLÁVÁNÍ

Literaturas africanas de língua portuguesa I

Antologia de textos literários

Silvie Špánková

Masarykova univerzita
Brno 2014



evropský
sociální
fond v ČR



EVROPSKÁ UNIE



MINISTERSTVO ŠKOLSTVÍ,
MLÁDEŽE A TĚLOVÝCHOVY



OP Vzdělávání
pro konkurenceschopnost



INVESTICE DO ROZVOJE VZDĚLÁVÁNÍ

Dílo bylo vytvořeno v rámci projektu Filozofická fakulta jako pracoviště excelentního vzdělávání: Komplexní inovace studijních oborů a programů na FF MU s ohledem na požadavky znalostní ekonomiky (FIFA), reg. č. CZ.1.07/2.2.00/28.0228 Operační program Vzdělávání pro konkurenceschopnost.

© 2014 Masarykova univerzita



Toto dílo podléhá licenci Creative Commons Uveďte autora-Neužívejte dílo komerčně-Nezasahujte do díla 3.0 Česko (CC BY-NC-ND 3.0 CZ). Shrnutí a úplný text licenčního ujednání je dostupný na: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/cz/>.

Této licenci ovšem nepodléhají v díle užitá jiná díla.

Poznámka: Pokud budete toto dílo šířit, máte mj. povinnost uvést výše uvedené autorské údaje a ostatní seznámit s podmínkami licence.

ISBN 978-80-210-6910-7 (brož. vaz.)

ISBN 978-80-210-6911-4 (online : pdf)

ISBN 978-80-210-6912-1 (online : ePub)

ISBN 978-80-210-6913-8 (online : Mobipocket)

Índice

1. Literatura de Angola	7
JOSÉ DA SILVA MAIA FERREIRA	9
JOAQUIM CORDEIRO DA MATA	11
TOMÁS VIEIRA DA CRUZ.	14
ALFREDO TRONI.	17
CASTRO SOROMENHO	18
VIRIATO DA CRUZ.	20
ANTÓNIO JACINTO	24
AGOSTINHO NETO	26
JOSÉ LUANDINO VIEIRA	29
AIRES DE ALMEIDA SANTOS	31
ALDA LARA	33
ERNESTO LARA FILHO	35
MÁRIO ANTÓNIO	36
DAVID MESTRE.	38
RUY DUARTE DE CARVALHO	40
ARLINDO BARBEITOS.	41
PEPETELA	42
BOAVENTURA CARDOSO	46
HENRIQUE GUERRA.	48
UANHENGA XITU	50
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA	53
MANUEL RUI	58
JOÃO MELO	61
ONDJAKI	63

2. Literatura de Moçambique	67
RUI DE NORONHA	68
NOÉMIA DE SOUSA	69
JOSÉ CRAVEIRINHA	72
RUI KNOPFLI	76
LUÍS BERNARDO HONWANA	79
MIA COUTO	83
PAULINA CHIZIANE	88
UNGULANI BA-KA-KHOSA	91
3. Literatura de Cabo Verde	93
JORGE BARBOSA	94
BALTASAR LOPES.	96
MANUEL LOPES	97
ANTÓNIO AURÉLIO GONÇALVES	99
OVÍDIO MARTINS	101
GABRIEL MARIANO	102
CORSINO FORTES	105
ARMÉNIO VIEIRA	108
TEIXEIRA DE SOUSA.	110
ORLANDA AMARÍLIS	112
GERMANO ALMEIDA	114
4. Literatura de S. Tomé e Príncipe	117
FRANCISCO JOSÉ TENREIRO	118
ALDA DO ESPÍRITO SANTO	122
ALBERTINO BRAGANÇA	124

5. Literatura de Guiné-Bissau	126
ODETE SEMEDO	126
ABDULAI SILA	128
 Bibliografia.	 130

A presente antologia é concebida como um material de trabalho para acompanhar o curso de iniciação às literaturas africanas de língua portuguesa e tem por objetivo promover o conhecimento da obra dos autores já consagrados através de textos literários.

A este objetivo corresponde também a seleção dos textos, regida sobretudo pelo critério de representatividade (das obras e dos autores) e pelo interesse que os textos possam despertar nos estudantes que começam a familiarizar-se com as literaturas africanas. Naturalmente, não se eliminou também o gosto pessoal da antologista e, em última estância, a acessibilidade dos livros. A ordem das entradas procura, na medida do possível, manter o critério cronológico.

1. Literatura de Angola

Se excetuarmos as obras historiográficas e factográficas que abordam os temas angolanos (p.ex. *História Geral das Guerras Angolanas* de **António Oliveira de Cadórnega**), o início da literatura angolana pode ser ligado à introdução da imprensa (1845): *Boletim* (1845) que passou a ser *Boletim Oficial de Angola*, *Jornal de Loanda* (1878), *A Civilização da África Portuguesa* (1886), *Luz e Crença* (1902–1903), a coletânea *Voz de Angola Chamando no Deserto* (1901) etc., sem deixar de mencionar o importantíssimo *Almanach de Lembranças* (1851–1900).

Como a primeira obra literária angolana é considerado o livro de poemas de **José da Silva Maia Ferreira** (*Espondaneidades da Minha Alma*, 1849). Mais tarde, aparece uma noveleta de influência queirosiana, *Nga Mutúri* (1882) de **Alfredo Troni**, bem como a obra de **Cordeiro da Matta**.

Na primeira metade do século XX, dado o contexto histórico-político (o Estado Novo com o seu nacionalismo e colonialismo imperial), aparecem alguns textos de carácter ambíguo, de temas angolanos mas com uma propensão ao exotismo e celebração do colono português. Dentro desta linha “lusu-tropicalista” insere-se a obra de **Tomás Vieira da Cruz** e de **Geraldo Bessa Vítor**.

Por outro lado, começam a aparecer autores, intelectuais assimilados, que trazem novos temas à literatura (os costumes angolanos), de certo sabor etnográfico mas com uma perspectiva interior, bem longe da literatura africanista portuguesa. É o caso de **António Assis Júnior** (*O Segredo da Morta*, 1929, publicado em folhetim) e de Óscar Ribas (*Uanga*, 1951). Um caso à parte é **Castro Soromenho** que, a partir de 1949 envereda pelo caminho da ficção neorrealista (*Terra Morta*, 1949, *Viragem*, 1957, *A Chaga*, 1970)

Em 1948 surge o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA) com o lema “Vamos descobrir Angola”, que dá impulso ao aparecimento da revista *Mensagem* em 1951, em cujo redor se encontram autores como **António Jacinto** (*Poemas*, 1961), **Viriato da Cruz** (*Poemas*, 1961), **Agostinho Neto** (autor da posterior *Sagrada Esperança*, 1974). Na sua sequência surge ainda a revista *Cultura* (*II série*, 1957–1970), ligada a **Mário António**, **Henrique Abranches**, **Luandino Vieira** (*Luuanda*, 1964) etc.. Não podem ser também esquecidas as iniciativas literárias, promovidas na Metrópole pela *Casa dos Estudantes do Império* (CEI) que reúne jovens autores preocupados com a questão da identidade.

Com a eclosão da guerra de libertação (1961), os autores angolanos expressam e lutam abertamente pela “angolanidade”, oposta ao colonialismo português. A seguir,

começam a aparecer autores da chamada *Geração de 70* (**David Mestre, Arlindo Barbeitos, Ruy Duarte de Carvalho, João Maria Vilanova**) que representam a ruptura estética com as gerações precedentes.

Após a independência, para além dos autores já reconhecidos (como Luandino Vieira), a cena literária angolana enriquece-se por novos nomes que trazem, cada um por si, novas ideias, perspetivas, temas e estilos à literatura angolana: **Pepetela, Uanhenga Xitu, Manuel Rui, João Melo, José Eduardo Agualusa** etc.

JOSÉ DA SILVA MAIA FERREIRA

(1827–1867), poeta angolano possivelmente mestiço, que teve uma vida acidentada entre Luanda, Benguela, Rio de Janeiro, Estados Unidos da América e Cuba, inicia a poesia angolana com o livro *Espontaneidades da minha alma: Às Senhoras Africanas* (1849), influenciado pelos românticos franceses (como Hugo e Lamartine) e pelos portugueses (Garrett, Castilho, Bocage, João de Lemos).

A MINHA TERRA

No album do meu amigo João d’Aboim

Recevez donc mon hymne, ó mon pays natal,
Et offrez-le de bon cœur à qui sut bien chanter
Le riante nature du beau Portugal.

(Do author.)

....

Tem palmeiras de sombra copada
Onde o Sóba de tribu selvagem,
Em c’ravana de gente cançada,
Adormece sequioso d’aragem.

Impinado alcantil dos desertos
Lá se aninha sedento Leão
Em covis d’espinhaes entr’abertos,
Onde altivo repousa no chão.

Nesses montes percorre afanoso,
A zagaia com força vibrando,
O Africano guerreiro e famoso
A seus pés a panthéra prostrando.

Não tem Virgens com faces de neve
Por quem lanças enriste Donzel,
Tem donzellas de planta mui breve,
Mui airosas, de peito fiel.

Seu amor é qual fonte de prata
Onde mira quem nella s’espelha
A doçura da pomba qu’exalta,
A altivez, que a da féra simelha.

Suas galas não são affectadas,
Coração todo amor lhe palpita,
Suas juras não são refalsadas,
No perjurio a vingança crepita.

Sabe amar! – Mas não tem a cultura
Desses labios de mago florir,
Em seu rosto se pinta a tristura,
Os seus olhos tem meigo lusir.

.....

(FERREIRA, José da Silva Maia, “A Minha Terra”, *Esportaneidade da minha alma*.

Às senhoras africanas, 1849, In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*.

Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 21)

JOAQUIM CORDEIRO DA MATA

(1857–1894), empregado no comércio em Luanda e na Barra do Quanza. Juntamente com **Eduardo Neves** e **José Bernardo Ferrão** formou um grupo de „mimosos vates do Quanza“, preocupados com Angola e críticos em relação ao colonialismo. A sua filiação na tradição local é notável pelo bilinguismo, pelos quadros típicos da comunidade crioula e pelos artigos etnográficos.

NEGRA!

I

Negra! negra! como a noite
d´uma horrível tempestade,
mas, linda, mimosa e bella,
como a mais gentil beldade!

Negra! negra! como a aza
do corvo mais negro e escuro,
mas, tendo nos claros olhos,
o olhar mais limpido e puro!

Negra! negra! como o ébano,
seductora como Phedra,
possuindo as celsas formas,
em que a boa graça medra!

Negra! negra!... mas tão linda
co´os seus dentes de marfim;
que quando os lábios entreabre,
não sei o que sinto em mim!...

II

Só, negra, como te vejo,
eu sinto nos seios d´alma
arder-me forte desejo,
desejo que nada acalma.
se te roubou este clima
do homem a cor primeva;
branca que ao mundo viesses,
serias das filhas d´Eva
em belleza, ó negra, a prima!...
gerou-te em agro torrão;

S'elevar-te ao sexo fragil
temeu o rei da criação,
é qu'és, ó negra creatura,
a deusa da formosura!....

(MATA, Joaquim Cordeiro da. "Negra!", *Almanach de Lembranças*, 1884,
In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*.
Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 34)

KICÔLA!

Imitação d'uns versos de João E. da C. Toulson

Nesta pequena cidade,
vi uma certa donzella
que muito tinha de bella,
de fada, huri e deidade –
a quem disse: – “Minha q'rida,
peço um beijo por favor,
bem sabes, oh meu amor,
q'eu por ti daria a vida!”
– *Nquâmi-âmi, ngna – iame*
“não quero, caro senhor”
disse sem mudar de côr,
– *Macûto, quangandall'ami.*
“não creio no seu amor”.
Eu querendo-a convencer,
– *muâmôno!?* – “querem ver!?”
exclamou a minha flôr.
– “O que t'assombra donzella
n'esta minha confissão?”
tornei com muita paixão.
Olhando sério p'ra ella –
– “Não é dado” – continuei –
“O que se sente dizer?!...
Sem ti não posso viver,
Só contigo f'liz serei.”
– *Kiri Ki amonequê,*
“ninguém a verdade falla”
Ôsso a kua-macuto – âla!

“toda a gente falsa é!”
Emé, ngana, nguixicána,
“aceitar não sou capaz”
o mâca mé ma dilage,
“a sua falla que engana!”
– Oh! Q’rida não há motivo
para descrêres de todos,
cada qual tem seus modos,
eu a enganar não vivo”
– “*Eie ngana úarimûca,*
“o senhor é muito esperto”
queria dizer, decerto,
uzuêla câlá úa cûca!

“Falla como homem d’idade!
Não sabes que o deus do amor
é um grande inspirador,
minha formosa beldade?!” –

.....

Depois falei-lhe ao ouvido
e me respondeu: – *Kicôla!* –
“não póde ser!” – “Ai! que tola!
por quem o foi proibido?!”

(MATA, Joaquim Cordeiro da. “Kicôla!”, *Almanach de Lembranças*, 1888,
In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*.
Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 37–38)

TOMÁS VIEIRA DA CRUZ

(1900–1960), poeta simultaneamente português e angolano, representante da poesia „colonial“. Farmacêutico oriundo do Ribatejo, apaixonou-se por Angola, desejando ser enterrado em Luanda. Escreveu a „trilogia africana“: *Quissanje: Saudade Negra* (1932), *Tatuagem: Poesia de África* (1941), *Cazumbi: Poesia de Angola* (1950). Apresenta-se aqui um poema de sabor lusotropicalista, elogiando a figura do colono (compreensivelmente polémico no que diz respeito ao discurso identitário na literatura angolana).

COLONO

A terra que lhe cobriu o rosto
e lhe beijou o último sorriso,
foi ele o primeiro homem que a pisou!

Ele venceu a terra que o venceu.
Ele construiu a casa onde viveu...
Ele desbravou a terra heroicamente,
Sem um temor, sem uma hesitação,
– terra fecunda que lhe deu o pão
e lhe floriu a mesa de tacula...

Mas quando olhava a imagem pequenina
– Senhora da Boa Viagem –,
que a mãe lhe pôs ao peito à hora da partida,
O Homem forte chorava...

Foi arquitecto e foi também pintor,
porque pintou de verde a sua esperança...

Esculpiu na própria alma um sonho enorme,
por isso foi também grande escultor!

Foi genial artista e mal sabia ler!
O que aprendeu foi Deus que o ensinou,
lá na floresta virgem, imensa catedral,
onde tanta vez ajoelhou!

Viveu a vida inteira olhando o céu,
a contar as noites
da lua nova à lua cheia.

E o sol do meio dia lhe queimou a pele,
o corpo todo e até a alma pura.

Foi médico na doença que o matou,
ao homem ignorado e primitivo
que derrubou bravios matagais
e junto deles caiu
como caem árvores sacrificadas
à abundância dos frutos que criaram...

E a primeira mulher que amou e quis
foi sua inteiramente...
E era negra e bela, tal o seu destino!

E ela o acompanhou
como a mais funda raiz
acompanha a flor de altura
que perfuma as mãos cruéis
de quem a arrancou.

.....

Foi o primeiro em tudo,
na dor e no Amor,
na honra e na Saudade,
porque nunca mais voltou...

E nas terras de toda a gente
e de ninguém...
– estranha criatura! –

...foi sua também
a primeira sepultura!

(CRUZ, Tomás VIEIRA DA, “Colono”, *Cazumbi – poesia de Angola*, 1950,

In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*.

Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 43–44)

KIÔKA

Chamam-te negra e tu
ficas triste e pensativa
cismando...

E o teu olhar que cativa
esta minha escravidão,
tem lágrimas de luz
chorando!

Chamam-te negra,
mas fica certa e atende
esta grande afirmação:
a tua cor não distingue,
nem ausenta, –
motivos que possam ter
certas cores de perdição...

Negros foram teus pais,
que em longes tempos passados
o mar, chorando, dispersou no mundo.

E nunca mais foram voltados
nunca mais!,
à sua terra de encantos...

Pobres escravos proscritos
que morreram quase santos!

Chamam-te negra para te ofender
e até fazer chorar...

Também o céu é mais negro
quando, em noites de tormenta
molha o cálice das rosas,
e as raízes alimenta.

Ó escultura de ferro,
ferro em brasa, que me quis
porque me queima...

És negra, andas de luto
por tua raça infeliz!

(CRUZ, Tomás VIEIRA DA, “Colono”, *Tatuagem – Poesia d’África*, 1942,
In FERREIRA, Manuel, *No Reino de Caliban II*,
Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 43–44)

ALFREDO TRONI

(1845–1904), político, advogado, escritor, descendia de emigrados italianos, ligados em Coimbra à Maçonaria. Dirigiu o *Jornal de Loanda*. Conhecido pela noveleta *Nga Mutúri*, pela primeira vez publicada em folhetim no *Diário da Manhã* de Lisboa em 1882 em que, depois de quase uma dezena de anos passados em Luanda, descreve a sociedade crioula luandense.

NGA MUTÚRI

Passou alguns anos naquela vida. Tinha aprendido um pouco a língua dos brancos, e já não era desajeitada no vestir dos panos como quando viera.

Um dia o *muari* esteve doente e meteu-se com ela e dois moleques num navio, que os levou a Luanda.

O senhor foi tirado para o escaler e levado do cais numa machila, muito doente, para uma casa grande de sobrado. - Que ela seguia atrás da machila a correr, com trabalho, por causa da muita areia. - Depois melhorou, passou para outra casa, onde abriu loja. Tinha muitas chitas, lenços e riscados, que vendia às pretas da *quitanda*, e a outra gente.

Nga Ndreza conheceu então o que era, e o que devia parecer. Esqueceu-se da primeira época da sua vida, e respondia com umas reticências duvidosas às perguntas que lhe faziam sobre a sua origem.

(TRONI, Alfredo. *Nga Mutúri*. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 43–44)

Mas *Nga Ndreza* andava triste, não tinha filho. - As amigas, muito invejosas, digam-se a verdade, diziam que talvez fosse dela, mas que era mau - que os brancos não se prendiam bem, senão quando tinham filhos, que precisava ter um. Lembraram-lhe promessas a Nossa Senhora de Muxima, ou que fizesse feitiços, e fê-los.

Havia uns dias que o *muari*, quando entrava na camarinha, começava a cheirar, a cheirar, fazendo desagradáveis trejeitos - cheirava-lhe mal. Que seria o gato, ou o cão, e corria os cantos da casa, mas nada. *Nga Ndreza* estendia a sua esteira ao pé da cama, e ficava muito quieta fingindo dormir.

Uma noite o *muari* disse que havia de saber a causa do mau cheiro. Chamou os moleques, o da mesa que era o *Muhongo*, e o da loja, e fê-los revistar tudo. Estava desesperado, eis que o *Muhongo* começou a desfazer a cama e a mexer no colchão.

Nga Ndreza entrou a resmonear, mas o moleque continuava procurando, até que achando um buraco no colchão pela parte de baixo, e metendo a mão, tirou uns pés, uns ossos e uma cabeça de galo com a sua crista e penas.

(TRONI, Alfredo. *Nga Mutúri*. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 52–53)

CASTRO SOROMENHO

(1910–1968) nascido em Moçambique e filho de portugueses, viveu em Angola, em Portugal, na França e no Brasil. A sua obra ficcional que tematiza a colonização dos Lundas, atacando o sistema colonial e interrogando a identidade do país, inicia a narrativa neorrealista angolana, de crítica social (*Terra Morta*, 1949, *Viragem*, 1957 e *A Chaga*, 1970). O romance *Terra Morta* situa-se em Lunda, numa localidade de nome Camaxilo, que funciona como um microcosmos fechado e conflituoso, denunciando a violência colonial e a miséria do povo.

TERRA MORTA

Um canto arrastado e monótono veio de longe, trazido pelas brisas da madrugada da planície, e pairou, alongado pelo eco, sobre a vila de Camaxilo. O sipaio, que estava acorocado em frente da fogueira, de guarda à Administração, voltou a cabeça para as bandas da planície e ficou-se, enlevado, a ouvir a música triste que vinha dos ermos. Eram os negros das senzalas que marchavam, a caminho da vila, com cargas de cera às costas, a cantar as suas velhas canções de mercadores errantes.

O canto tornou-se harmonioso e mais triste, quando a caravana começou a descer a encosta, no caminho longo para a povoação-de-baixo. O sipaio Caluis estendeu o pescoço e ficou, de olhos semicerrados, a escutar. Um sorriso iluminou-lhe o carão duro, todo vincado, com grandes olhos tristes e mortiços de fumador de liamba. E começou a cantar baixinho, num lamento, acompanhando a cantiga que vinha dos longes. Era uma canto da sua terra, que muitas vezes cantara quando, vergado ao peso da carga de bolas e mantas de borracha, vinha da aldeia negociar com os brancos de Camaxilo.

Nesse tempo, Camaxilo era uma grande terra, o centro comercial mais importante de toda a Lunda, com mais de cinquenta lojas e uma centena de comerciantes brancos. E nas terras ao redor e por sertões dentro, no Cuilo, Luremo, Lubalo e outra de que só os velhos se lembram, eram em grande número as feitorias comerciais dos brancos, mulatos e negros ambaquistas, aviados das grandes casas comerciais de Malanje e Luanda. Tempos de fortuna, em que os negros das senzalas tinham todos os panos que queriam, montes de fios de missangas, pipos de aguardente e latinhas de pólvora. Os brancos bebiam champanhe e jogavam forte ao bacará. E os sobas faziam batuques que duravam quinze dias e quinze noites, embebedando-se com vinho misturado com água açucarada e aguardente de batata-doce. Esse foi o tempo em que a borracha valia ouro de lei e os brancos corriam para o Leste com as suas pacotilhas, pagando impostos aos sobas para poderem negociar com os seus filhos e transitarem por suas terras cruzadas de trilhos. Era o tempo de Braz Vicesse e do seu bando de quimbundos armados que iam até aos confins da região que borda os Grandes Lagos, em jor-

nadas comerciais que duravam mais de um ano, trazendo caravanas com marfim e borracha e rebanhos de escravos, o ouro branco e o ouro negro da África antiga, que levavam para as praias de Benguela. E fora o teatro das façanhas dos negreiros árabes que varavam com os seus gritos de guerra os sertões do Norte, arrebanhando negros para os vender como escravos.

Agora, o sipaio Caluis, que já tem cabelos brancos e muitos filhos que suas três mulheres arranjam nos braços de homens novos, está a ouvir a canção da sua aldeia e a recordá-la, quando ali houve duas lojas de mulatos, aviados do branco José Aparício, o «seu Jusa» dos negros, que se matou quando a borracha passou a valer tanto como um punhado de areia e os credores lhe levaram quanto tinha em casa. Nesse dia, ele enforcou-se na sua loja.

(SOROMENHO, Castro. *Terra Morta*. Lisboa: Sá da Costa, 1979, p. 43–45)

VIRIATO DA CRUZ

(1928–1973), o poeta pertencente à *Mensagem* de Luanda (1951–1952), ativista político (nacional), na sua primeira fase influenciado pelo neorrealismo, na fase tardia exprime a “negritude angolana”. Dentro da sua obra destacam-se os poemas ligados a Luanda, de uma discursividade coloquial, que retratam o universo da sociedade crioula, a sua linguagem, hábitos, costumes e estratificação social.

SÔ SANTO

Lá vai o sô Santo...
Bengala na mão
Grande corrente de ouro, que sai da lapela
Ao bolso... que não tem um tostão.

Quando sô Santo passa
Gente e mais gente vem à janela:
– “Bom dia, padrinho...”
– “Olá!...”
– “Beçá cumpadre...”
– “Como está?...”
– “Bom-om di-ia sô Saaanto!...”
– “Olá, Povo!...”

Mas por que é saudado em coro?
Porque tem muitos afilhados?
Porque tem corrente de ouro
A enfeitar sua pobreza?...
Não me responde, avó Naxa?

– “Sô Santo teve riqueza...
Dono de musseques e mais musseques...
Padrinho de moleques e mais moleques...
Macho de amantes e mais amantes,
Beça-nganas bonitas
Que cantam pelas rebitas:

“Muari-ngana Santo
dim-dom
ual’o banda ó calaçala
dim-dom

chaluto mu muzumbo
dim-dom...”

Sô Santo...

Banquetes p’ra gentes desconhecidas
Noivado da filha durando semanas
Kitoto e batuque pró povo cá fora
Champanha, ’ngaieta tocando lá dentro...
Garganta cansando:
“coma e arrebenta
e o que sobrar vai no mar...”

“Hum-hum
Mas deixa...
Quando Sô Santo morrer,
Vamos chamar um Kimbanda
Para ngombo nos dizer
Se a sua grande desgraça
Foi desamparo de Sandu
Ou se é já própria da Raça...”

Lá vai...
descendo a calçada
A mesma calçada que outrora subia
Cigarro apagado
Bengala na mão...

... Se ele é o símbolo da Raça
ou a vingança de Sandu...

(CRUZ, VIRIATO DA, “Sô Santo”, *Poemas*, 1961,
In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*.
Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 166–167)

NAMORO

Mandei-lhe uma carta em papel perfumado
e com letra bonita eu disse ela tinha
um sorrir luminoso tão quente e gaiato
como o sol de Novembro brincando de artista nas acácias floridas
espalhando diamantes na fímbria do mar
e dando calor ao sumo das mangas

Sua pele macia – era sumaúma...
Sua pele macia, da cor do jambo, cheirando a rosas
sua pele macia guardava as doçuras do corpo rijo
tão rijo e tão doce – como o maboque...
Seus seios, laranjas – laranjas do Loge
seus dentes... – marfim
Mandei-lhe essa carta
e ela disse que não.

Mandei-lhe um cartão
que o amigo Maninho tipografou:
“Por ti sofre o meu coração”
Num canto – SIM, noutra canto – NÃO
E ela o canto do NÃO dobrou.

Mandei-lhe um recado pela Zefa do Sete
pedindo rogando de joelhos no chão
pela Senhora do Cabo, pela Santa Ifigénia,
me desse a ventura do seu namoro...
E ela disse que não.

Levei à avó Chica, quimbanda de fama
a areia da marca que o seu pé deixou
para lhe fizesse um feitiço forte e seguro
que nela nascesse um amor como o meu...
E o feitiço falhou.

Esprei-a de tarde, à porta da fábrica,
ofertei-lhe um colar e um anel e um broche,
paguei-lhe doces na calçada da Missão,
ficámos num banco do largo da Estátua,
afaguei-lhe as mãos...
falei-lhe de amor ... e ela disse que não.

Andei barbado, sujo e descalço,
como um mona-ngamba.
Procuraram por mim
“Não viu... (ai, não viu...?) não viu Benjamim?”
E perdido me deram no morro da Samba.

Para me distrair
levaram-me ao baile do sô Januário
mas ela lá estava num canto a rir
contando o meu caso às moças mais lindas do Bairro Operário

Tocaram uma rumba – dancei com ela
e num passo maluco voámos na sala
qual uma estrela riscando o céu!
E a malta gritou: “Aí, Benjamim!”
Olhei-a nos olhos – sorriu para mim
pedi-lhe um beijo – e ela disse que sim.

(CRUZ, VIRIATO DA, “Sô Santo”, *Poemas*, 1961,
In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*,
Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 167–168)

ANTÓNIO JACINTO

(1924–1991), um dos maiores poetas da *Mensagem* de Luanda, de fôlego épico, que sob forma de protesto denuncia as injustiças sociais e raciais em Angola. Estreou-se em 1961 com a coletânea *Poemas*. Preso por atividades políticas (nacionalistas), cumpriu pena no campo de concentração para presos políticos no Tarrafal, Cabo Verde (deixou o testemunho poético em *Sobreviver em Tarrafal de Santiago*, 1985).

MONANGAMBA

Naquela roça grande não tem chuva
é o suor do meu rosto que rega as plantações;

Naquela roça grande tem café maduro
e aquele vermelho-cereja
são gotas do meu sangue feitas seiva.

O café vai ser torrado,
pisado, torturado,
vai ficar negro, negro da cor do contratado.

Negro da cor do contratado!

Perguntem às aves que cantam,
aos regatos de alegre serpentear
e ao vento forte do sertão:

Quem se levanta cedo? quem vai à tonga?
Quem traz pela estrada longa
a tipóia ou o cacho de dendém?
Quem capina e em paga recebe desdém
fuba podre, peixe podre,
panos ruins, cinquenta angolares
“porrada se refilares”?

Quem?

Quem faz o milho crescer
e os laranjais florescer
– Quem?

Quem dá dinheiro para o patrão comprar
máquinas, carros, senhoras
e cabeças de pretos para os motores?

Quem faz o branco prosperar,
ter barriga grande – ter dinheiro?
– Quem?

E as aves que cantam,
os regatos de alegre serpentear
e o vento forte do sertão
responderão:
– “Monangambééé...”

Ah! Deixem-me ao menos subir às palmeiras
Deixem-me beber maruvo, maruvo
e esquecer diluído nas minhas bebedeiras
– “Monangambééé...”

(JACINTO, António, *Poemas*, 1961, In FERREIRA, Manuel.
No Reino de Caliban II. Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 135–136)

AGOSTINHO NETO

(1922–1979), poeta, ativista político, várias vezes preso pela PIDE, presidente do MPLA e da República Popular de Angola. A coletânea *Sagrada Esperança* (1974) pode ser considerada, pelo teor heróico na procura da angolanidade, uma “epopeia” angolana. Contém poemas de inspiração neorrealista e negritudinista.

SANGRANTES E GERMINANTES

Nós

da África imensa
e por cima da traição dos crocodilos
através das florestas majestosas invencíveis no rodar da vida
ansiosa fermente caudalosa nos rios rugidores
no som harmonioso das marimbas em surdina
nos olhares juventude das multidões
mundos de braços de ânsia de esperança

da África imensa
debaixo da garra
sangrantes de dor e esperança de mágoa e força
sangrando na terra desventrada pelo sangue das enxadas
sangrando no suor da roça da compulsão dos algodoads
sangrando fome ignorância, desesperos morte
nas feridas no dorso negro da criança da mãe da honestidade
sangrantes e germinantes

da África imensa
negra
e clara como as manhãs da amizade
desejosa e forte como os passos da liberdade

Os nossos gritos
são tamtams mensageiros de desejo
nas vozes harmoniosas das nações
os nossos gritos são hinos de amor para os corações
florescendo na terra como no sol nas sementes
gritos África
gritos das manhãs em que nos mares crescem os cadáveres

acorrentados
sangrantes e germinantes

–Eis as nossas mãos
abertas para a fraternidade do mundo
pelo futuro do mundo
unidas na certeza
pelo direito pela concórdia pela Paz

Nos nossos dedos crescem rosas
com perfumes da indomacibilidade do Zaire
com a grandiosidade do Maiombe

Nos espíritos
a caminhada de amizade pela África
pelo mundo

Os nossos olhos sangue e vida
voltados para as mãos acenos de amor em todo o mundo
mãos em futuro-sorriso inspiradoras de fé na vitalidade
da África terra África humana

da África imensa
germinantes sob o solo da esperança
criando laços fraternos na liberdade do querer
da ânsia da concordância
sangrantes e germinantes

Pelo futuro eis os nossos olhos
Pela Paz eis as nossas vozes
Pela Paz eis as nossas mãos
da África unida no amor.

1953

(NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1987, p. 98–99)

ASPIRAÇÃO

Ainda o meu canto dolente
e a minha tristeza
no Congo na Geórgia no Amazonas

Ainda
o meu sonho de batuque em noites de luar

Ainda os meus braços

ainda os meus olhos
ainda os meus gritos

Ainda o dorso vergastado
o coração abandonado
a alma entregue à fé
ainda a dúvida

E sobre os meus cantos
os meus sonhos
os meus olhos
os meus gritos
sobre o meu mundo isolado
o tempo parado

Ainda o meu espírito
ainda o quissange
a marimba
a viola
o saxofone
ainda os meus ritmos de ritual orgíaco

Ainda a minha vida
oferecida à Vida
ainda o meu Desejo

Ainda o meu sonho
o meu grito
o meu braço
a sustentar o meu Querer

E nas sanzalas
nas casas
nos subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde os negros murmuram: ainda

O meu Desejo
transformado em Força
inspirando as consciências desesperadas.

1949

(NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1987, p. 80–81)

JOSÉ LUANDINO VIEIRA

(1935), nome literário de José Mateus Vieira da Graça, radicado em Angola desde a infância, ativista político (preso 9 anos no Tarrafal). Um inovador e experimentador como João Guimarães Rosa, não se limita a descrever o povo de Luanda e sua linguagem, mas subverte os códigos para criar uma nova, originalíssima linguagem literária, cheia de neologismos e rupturas sintáticas. No foco está a marginalidade, os habitantes dos musseques e suas peripécias tragicômicas (*Luuanda*, 1964, *Vidas Novas*, 1968), o universo da infância e juventude (*A Cidade e a Infância. Contos*, 1960, *No Antigamente na Vida*, 1964), por vezes tingido de trauma de guerra (*Nós, os do Makulusu*, 1975), alegoria político-nacional, de protesto (*A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, 1974), o picaresco (*João Vêncio: os Seus Amores*, 1979).

ESTÓRIA DO LADRÃO E DO PAPAGAIO

– Katul’o maku, sungadibengu ...

Era só mentira dela. Garrido nunca que tentou nem tocar com um dedo na pequena, ela punha esses truques só para os amigos lhe gozarem, chamarem-lhe de saliente, conquistador, de suinguista, as miúdas não resistiam no atrevimento das mãos dele ... Kam’tuta sofria, mas não eram as coisas que lhe diziam, não. Era ainda porque pensava isso estava doer mas era na Inácia, fazerem-lhe pouco assim na frente dela. E porquê? Ora! . . . Ali, na quitanda, era assim sem lhe ligar; mas na hora do fim da tarde, quando o sol quente está para esconder e o escuro vem com os passos manhosos dele, Inácia gostava ir em baixo da mandioqueira e ficar pôr conversas, deixar ele dizer muitas coisas nunca que tinha-lhes ouvido falar noutros, palavras que lhe descobriam o que não podia ser mas ia ser bom se pudesse ser, viver uma vida como Garrido prometia com ela ele arranjava, nem que se matava num trabalho qualquer, não fazia mal. Mas, depois, já com a tristeza da mentira dessas palavras ela gostava ouvir, pareciam vinho abafado, doce e quente, Inácia começava gozar, xingava-lhe a perna coxa, o medo de ele deitar com as mulheres e, nessa hora, adiantava pôr todas as manias, todas as palavras e ideias a senhora estava lhe ensinar ou ela costumava ouvir, e jurava, parecia ela queria se vencer mesmo, ia se casar mas era com um branco, não ia assim atrasar a raça com mulato qualquer, não pensasse.

Garrido fugia embora, semana e semana ficava-lhe rondar, vigiar, sem outra coragem para falar, envergonhado. O corpo virava magro, nem a barba que fazia nem nada, os olhos dele, bonitos olhos azuis da parte do pai, cobriam de um cacimbo feio e, muitos bocados das noites sem dormir, pensava o melhor mesmo era se matar.

Mas Inácia não estava má de propósito, adivinhava o sofrimento, chamava-lhe outra

vez. Só os monandengues, sabedores dos casos, não paravam: zuniam-lhe cada vez pedradas, cada vez insultos, fazendo pouco a perna aleijada:

– O Kam'tuta, sung'ô pé!

Também quem inventou essa mania de lhe insultar foi a Inácia: num fim de raiva berrou-lhe assim e toda a gente ficou repetir todos os dias, até o papagaio Jacó, que só falava asneira de quimbundo, aprendeu. E isso é que doía mal no Garrido. Nas pessoas, ele desculpava; nos monas, esquivava as pedradas; nos mais-velhos, falava eles tinham coração de jacaré ou calava a boca para não passar maca, não era medo, mas ninguém que aceitava lutar mesmo que lhes provocava; e, então, com a Inácia, ficava parecia era burro mesmo: escondia a cabeça no peito magro e punha cara de miúdo agarrado a fazer um malfeito.

Mas a nossa hora chega sempre.

Nesse dia, Kam'tuta tinha-se resolvido. Agarrara uma coragem nova, toda a noite, toda manhã nada que dormiu, só pensando essas conversas para falar na Inácia: ia-lhe convencer de vez para viver com ele, gostar dele, deitar na cama dele, tinha de matar essa cobra enrolada no coração, essa falta de ar que estava lhe tapar nos olhos, no peito, feitiçar-lhe a vida, nada que podia fazer mais. Até tinham-lhe corrido num emprego, serviço de guarda, só ficava pensar a Inácia, a pele dela engraxada via-lhe brilhar no meio dos fogos da fogueira, os risos dela a estalar na lenha e os capianguistas tinham vindo, carregaram cinco sacos de cimento, nem deu conta do barulho nem nada, e o patrão levou-lhe na esquadra, ele é que pagou os casos.

Assim, lá estava no fim da tarde e a maca só passava com o papagaio Jacó, bicho ordinário que sempre queria lhe morder e desatava insultar. Todos os dias tinha aquela luta: de um lado, sentado nas massuicas, Garrido Fernandes, quileba, magro das razões da alcunha como falavam os amigos e as pequenas par ali, arrumando a sua perna aleijada em qualquer lado, parecia era de borracha; do outro lado, nessa hora pendurado no pau de mandioqueira, o papagaio Jacó. De cor cinzenta, sujo de toda a poeira dos anos em cima dele, era mesmo um pássaro velho e mau, só três ou quatro penas encarnadas é que tinha no rabo. E nem merecia olhar-lhes, o bicho deixava aí secar o cocó dele, todo o dia andava passear, coçando os piolhos brancos, daqueles de galinhas, tinha muitos, gostava ir nas capoeiras. Mas isso Kam'tuta alegrava-se só de ver os galas porem-lhe uma surra de bicadas, o coitado tinha de voar embora, atrapalhado, com as asas cortadas.

(VIEIRA, José Luandino. *Luuanda*. Lisboa: Edições 70, 1997, s. 74–76)

AIRES DE ALMEIDA SANTOS

(1922–1992), poeta ligado à cidade crioula de Benguela (tal como Alda Lara e Ernesto Lara Filho), distante do apelo *mensageiro*, colaborador de jornais e revistas (p. ex. *Jornal de Benguela*). Nos seus poemas pulsa um lirismo amoroso e melancólico, de nostalgia dos tempos idos, do universo perdido da infância (*Meu Amor da Rua Onze*, 1987).

A MULEMBA SECOU

A mulemba secou.

No barro da rua,
Pisadas
Por toda a gente,
Ficaram as folhas
Secas, amareladas
A estalar sob os pés de quem passava.

Depois o vento as levou...

Como as folhas da mulemba
Foram-se os sonhos gaiatos
Dos miúdos do meu bairro.

(De dia,
Espalhavam visgo nos ramos
E apanhavam catuituis,
Viúvas, seripipis
Que o Chiquito da Mulemba
Ia vender no Palácio
Numa gaiola de bimba.
De noite,
Faziam roda, sentados,
A ouvir
De olhos esbugalhados
A velha Jaja contar
Estórias de arrepiar
Do feiticeiro Catimba.)

Mas a mulemba secou
E com ela
Secou também a alegria

Da miudagem do bairro:

O Macuto da Ximinha
Que cantava todo o dia
Já não canta.
O Zé Camilo, coitado,
Passa o dia deitado
A pensar em muitas coisas.
E o velhote Camalundo,
Quando passa por ali,
Já ninguém o arrelia,
Já mais ninguém lhe assobia
Já faz a vida em sossego.

Como o meu bairro mudou,
Como o meu bairro está triste
Porque a mulemba secou...

Só o velho Camalundo
Sorri ao passar por lá!...

(SANTOS, Aires de Almeida. “A mulemba secou”,
Meu Amor da Rua Onze. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 46–47)

ALDA LARA

(1930–1962) manteve-se ligada ao universo benguelense da infância e juventude, afastada da versão negritudinizante. A sua obra, de início publicada nos jornais e antologias, foi editada postumamente (*Poemas*, 1966, *Tempo de Chuva*, 1973, *Poemas*, 1984).

PRESENÇA AFRICANA

E apesar de tudo,
ainda sou a mesma!
Livre e esguia,
filha eterna de quanta rebeldia
me sagrou.
Mãe-África!

Mãe forte da floresta e do deserto,
ainda sou,
a Irmã-Mulher
de tudo o que em ti vibra
puro e incerto...

A dos coqueiros,
de cabeleiras verdes
e corpos arrojados
sobre o azul...
A do dendém
nascendo dos abraços das palmeiras...

A do sol bom, mordendo
o chão das Ingombotas...
A das acácias rubras,
salpicando de sangue as avenidas,
longas e floridas...

Sim!, ainda sou a mesma.
A do amor transbordando
pelos carregadores do cais
suados e confusos,
pelos bairros imundos e dormentes
(Rua 11!... Rua 11!...)
pelos meninos
de barriga inchada e olhos fundos...

Sem dores nem alegrias,
de tronco nu
e corpo musculoso,
a raça escreve a prumo,
a força destes dias...

E eu revendo ainda, e sempre, nela,
aquela
longa história inconsequente...

Minha terra...
Minha, eternamente...

Terra das acácias, dos dongos,
dos cólios baloiçando, mansamente...

Terra!

Ainda sou a mesma.

Ainda sou a que num canto novo
pura e livre,
me levanto,
ao aceno do teu povo!

Benguela, 1953

(LARA, Alda. “Presença Africana”, Poemas, 1966. In FERREIRA, Manuel.
No Reino de Caliban II. Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 111–112)

ERNESTO LARA FILHO

(1932–1977), irmão de Alda Lara, fundador da crónica angolana segue na linha da poesia de **Aires de Almeida Santos**. Nos seus poemas há invocações da infância, bem como referências a tradições locais e personagens típicas da vida benguelense, por vezes de sabor mítico, ritualizado ou alegórico, numa linguagem coloquial, fluente e rítmica.

SERIPIPI DE BENGUELA

Para o Paulo de Luanda

Eh! Seripipi de Benguela
escuta aquela canção.

Parece pardal de Luanda
cantando na escuridão.

Levanta voo, seripipi
do galho desta prisão.

Leva no bico uma esperança
ao ninho do teu irmão.

(Publicado no “ABC”, Luanda, 1961)

(FILHO, Ernesto Lara. “Seripipi de Benguela”, *Seripipi na Gaiola*, 1970. In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*. Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 213)

MÁRIO ANTÓNIO

(1934), poeta, investigador, ensaísta e contista, após a independência silenciado (e já antes marginalizado), por causa de opções culturais assumidas e da sua colaboração com instituições portuguesas, ainda que tenha escrito para a *Mensagem* de Luanda. Na sua poesia dominam os temas da infância, da nostalgia do passado, do amor. O sujeito lírico dos seus poemas, que é essencialmente crioulo, consciente da procura do outro na procura de si mesmo, assume a posição anti-heróica, afastada do militanti-smo mensageiro e mesmo distante da ruralidade e da raça negra. Entre os vários títulos da sua obra convém salientar a coletânea *100 Poemas* (1963).

RUA DA MAIANGA

Rua da Maianga
que traz o nome de um qualquer missionário
Mas para nós somente
a rua da Maianga.

Rua da Maianga às duas horas da tarde
lembrança das minhas idas para a escola
e depois para o liceu

Rua da Maianga dos meus surdos rancores
que sentiste os meus passos alterados
e os ardores da minha mocidade
e a ânsia dos meus choros desabalados!

Rua da Maianga às seis e meia
apito do comboio estremecendo os muros
Rua antiga da pedra incerta
que feriu meus pezinhos de criança
e onde depois o alcatrão veio lembrar
velocidade aos carros
e foi luto na minha infância passada!
(Néné foi levado prHospital
meus olhos encontraram Néné morto
meu companheiro de infância de olhos vivos
seu corpo morto numa pedra fria!

Rua da Maianga a qualquer hora do dia
as mesmas caras nos muros
(As caras da minha infância
nos muros inapagados!)
as moças nas janelas fingindo costurar
a velha gorda faladeira
e a pequena moeda na mão do menino
e a goiaba chamando dos cestos
à porta das casas!
(Tão parecido comigo esse menino!)

Rua da Maianga a qualquer hora
o liso alcatrão e as suas casas
as eternas moças de muro
Rua da Maianga me lembrando
meu passado inutilmente belo
inutilmente cheio de saudade!

(ANTÓNIO, Mário. “Rua da Maianga”, Poesias, 1952. In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*. Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 154–155)

DAVID MESTRE

(1948), radicado em Angola desde criança, é, ao lado de **Arlindo Barbeitos** e **Ruy Duarte de Carvalho**, uma das figuras mais destacadas da poesia angolana dos anos 70 que procura equilibrar a ética com a estética, numa linguagem densa e concisa. O seu estilo lapidar, tendendo ao silêncio, costuma assumir o caráter de aforismo, provérbio ou adivinha, numa estética de cruzamento cultural (herança europeia, tradições africanas, *hai-kai* etc.). Na sua vasta obra destacam-se os títulos *Crónica do Ghetto* de 1973 e *Subscrito a giz. 60 Poemas Escolhidos* (1972–1994) de 1996.

CANÇÃO DO EXÍLIO

encerrar-te-ia na palavra
 amor
 escrever-te-ia um poema
 hora
 dir-te-ia a dor que dói
 cá

escrever-te-ia um poema
 não
 o vento vai entre o medo e o verde
 noite
 dir-te-ia África dir-te-ia uma rosa
 medo

escrever-te-ia um poema longe
 exílio
 violão corpo feito de negro
 amor
 a dor dada na razão
 separação

escrever-te-ia um poema
 rasgo
 o concreto recto dos olhos
 dança
 entregue ao amor gasto
 das sílabas

serena senhora minha
sem longe morta

(MESTRE, David. “Canção do exílio”, *Crónica do ghetto*, 1973. FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*. Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 392)

RUY DUARTE DE CARVALHO

(1941–2010) viveu em Angola desde 1963. Poeta, artista plástico, ficcionista, antropólogo, cineasta, técnico agrícola e criador de gado. Na sua obra respira a magia de um mundo ancestral, rural e nómada. Poemas densos e espessos, radicados no real, recuperam a oralidade, línguas e culturas do povo do Sul de Angola. Destacam-se as coletâneas *Chão de Oferta* (1972), *Ondula, Savana Branca. Expressão Oral Africana: Versões, Derivações, Reconversões* (1982) ou *Hábito da Terra* (1988).

VENHO DE UM SUL

Vim do leste
dimensionar a noite
em gestos largos
que inventei no sul
pastoreando mulolas e anharas
claras
como coxas recordadas em Maio.

Venho de um sul
medido claramente
em transparência de água fresca de amanhã.
De um tempo circular
liberto de estações.

De uma nação de corpos transumantes
confundidos
na cor da crosta acúlea
de um negro chão elaborado em brasa.

(CARVALHO, Ruy Duarte de. “Venho de um Sul”, *Chão de oferta*, 1972.

In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*.

Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 406–407)

ARLINDO BARBEITOS

(1940), poeta (para além de antropólogo e professor universitário), cujo lema artístico é a sugestão. Tal como David Mestre, prefere uma expressão lacónica, densa, na qual ecoa uma tradição oral (adivinhas, provérbios etc.). Dentro da sua obra destaca-se *Angola Angolê Angolema* (1976).

em mão frágil de amarelo
se quebra o galho de gajajeira
pela tardinha vermelha em flor
sussurrar de vento
não é voz de capim crescendo
é murmúrio impaciente
de gentes
no azul de parte alguma
em mão frágil de amarelo
se quebra o galho de gajajeira
pela tardinha vermelha em flor

(BARBEITOS, Arlindo. *Angola, angolê, angolêma*. 1976, In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*. Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 417)

PEPETELA

(1941), nome literário de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, romancista. Um dos melhores escritores angolanos que domina as técnicas da ficção contemporânea e as conjuga à tradição. Focando o seu trabalho na reconstrução do passado mítico, revela-se como um dos construtores mais eficientes da ideia de nação. Entre as suas obras destacam-se os romances *Mayombe* (1980), *Yaka* (1984), *Lueji. O Nascimento de Um Império* (1990), *Geração de Utopia* (1992), *Parábola do Cágado Velho* (1996) ou *A Gloriosa Família* (1997).

MUANA PUÓ

Era uma máscara tchokuê.
Máscara de Muana Puó, a rapariga.
Com ela se dança, na festa da circuncisão.

Máscara oval, afilada no queixo, arredondada na testa. Olhos em amêndoa, quase fechados, tristes. Um abismo transparece para lá das pálpebras semicerradas. A meio, paralela ao nariz, desce uma escarificação em curva, que se afasta até abaixo da orelha. Isto do lado direito. A escarificação prolonga-se no meio da face, por uma espécie de bolsa, e volta depois aos olhos. Do lado esquerdo, sob a vista, duas pequenas incisões verticais.

A extremidade exterior de cada pálpebra continua nas sobrancelhas em arco. Estas encontram-se no alto do nariz, unindo-se numa linha. O nariz desce, alargando ligeiramente, em duas linhas divergentes. Termina brusco na horizontal, o que lhe dá forma de triângulo.

Dois pequenos sulcos fazem uma frágil ligação entre o nariz e a boca. Ligação quase imaginária.

A boca tem a forma dos olhos, elíptica, quase fechada. Lábios sensuais, húmidos, meigos. O que realça a escuridão angustiante entre eles.

A máscara é serena, grave, quase severa, formada de elementos violentos.

1

Fitou a máscara. Foi atraído pela tristeza dos olhos. Fixou-se na parte esquerda. Reconheceu-se nela.

Ela foi fatalmente subjugada pelo olho direito. Nele se reconheceu.

2

Ela tentou olhar o lado esquerdo, mas uma montanha a separava. Ele fez o mesmo para o lado direito, mas a mesma montanha o impedia. Cada um contemplou o seu lado, reconhecendo-se, incapaz de transpor a montanha.

(...)

7

O céu era azul, cinzento por vezes. O capim amarelo, verde quando chovia. Troncos castanhos de árvores, mar verde azulado, espuma branca. As cores eram, portanto, ovais.

Deus criara o Mundo, os corvos e os morcegos. Moviam-se em ciclos de vida e de morte. Os morcegos criavam o mel para os corvos e alimentavam-se dos excrementos destes. Os corvos grasnavam, a função deles era grasnar. E isto, só quando queriam.

Os caxinjonjos cantavam e os matrindindes subiam pelos capins secos. Estranhas flores polícromas, chiando no capim.

Deus criara o Mundo oval, coerente, perfeito.

Uma única lei fizera: ninguém deveria subir à montanha, mais alta que o céu, onde o Sol era azul e lançava dardos da cor das rosas.

Os corvos eram livres naquele mundo oval. Grasnavam se quisessem. De qualquer modo, os morcegos teceriam o mel de que se alimentavam. Esse mel dava-lhes forças pra melhor chicotear os morcegos, exigindo maior rendimento. Deus ensinara-lhes como proceder. Também que não subissem à montanha, pois o Universo se deslocaria e o caos seria. Deus era justo, grasnavam os corvos. E faziam os morcegos recitar esses preceitos divinos.

Os corvos eram livres naquele mundo oval.

Mas os morcegos aspiravam à luz do Sol. E se subissem à montanha, os morcegos veriam que o Sol não era amarelo, nem o céu azul, cinzento por vezes. Os morcegos revoltar-se-iam e comeriam todo o mel, alimento dos corvos.

Religiosamente, os corvos rodavam em círculo, sem ousar subir à montanha, impedindo os morcegos de o fazer.

(...)

11

Caminhou em busca de Calpe, a cidade perdida. Longa marcha solitária, acompanhado do seu destino. Na boca, o beijo recusado, porque não imposto. No cérebro, o sonho fugitivo, esfumaçado.

Afastou-se o mais que pode da montanha, seguindo paralelamente o limite do mundo oval, sem ousar sair dele, numa louca esperança de a reencontrar. Os passos levavam-no pra longe dela.

Solitário, recusando sonhos, agarrado ao sonho pressentido.

Os outros existiam, eram também morcegos numa noite demarcada pelo arame farpado. Agitavam-se, procurando a luz, mas caíam, finalmente esgotados, feridos pelas carícias da fronteira farpada. Havia os que acreditavam. Outros desesperavam. Uns organizavam-se, teciam planos, estudavam as fraquezas da vedação.

Ele seguiu com estes, solitário, procurando a porta na noite escura.

Eram morcegos ansiando pela luz, rodando sobre si próprios, num turbilhão de esperança.

12

Chegou a Calpe. Ela não sabia que Calpe estava a dois passos do sopé da montanha. Teve amores, renunciou também à tranquilidade. Ele fora uma impressão fugidia, fácil de esquecer. Procurou em Calpe o seu sonho. E não encontrou.

Marchou como os morcegos, procurando uma porta.

Afastando-se dele, mais se aproximara.

A busca da porta prendeu-a por momentos. A seguir, a decepção de a não encontrar. O mundo era oval, eles eram morcegos, talvez nem porta existisse. Deixou de a procurar, contentou-se com a ovalidade de cada momento, ansiando pelo seguinte, sem interesse pela busca.

(PEPETELA. *Muana Puó*. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 7–11, 21–23, 31–34)

PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO

Ulume, o homem, olha o seu mundo.

Por vezes a terra lhe parece estranha. Fica num planalto sem fim, embora se saiba que tudo acaba no mar. Chanas e cursos de água por toda a parte. Junto dos rios tem florestas, nalguns pontos apenas muxitos, aquelas matitas em baixas húmidas. As elevações são pequenas, excepto a Munda que corta a terra no sentido norte-sul. Nunca se vê o cume da Munda, sempre encoberto por espessos nevoeiros. O seu kimbo fica colado ao pé da Munda, outra forma de dizer montanha, na base de um morro encimado por grandes rochedos cinzentos, por vezes azuis. De cima do morro sai um regato que acaba por se acoitar, muito à frente, num rio largo, o Kuanza de todas as forças e maravilhas, quase fora do seu mundo. Desse regato tiram a água para as nakas, onde verdejam os legumes e o milho de bandeiras brancas. Nele também bebe o gado. Mesmo no tempo das piores secas a água do regato nunca falhou. No alto do morro ainda, existe a gruta de onde todos os dias sai um enorme cágado para ir beber a água da fonte. Palmeiras de folhas irrequeitas rodeiam o kimbo, casando com manguieiras e bananeiras, pintando de verde-escuro os amarelos e verdes esbatidos do capim e do milho.

Neste quadro familiar, algo faz a terra se afigurar de repente estranha. É um momento especial a meio da tarde em que tudo parece parar. O vento não agita as palmas, as aves suspendem seus cantos, o sol brilha num azul profundo sem fulgurações. Até o restolhar dos insectos deixa de ser ouvido. Como se a vida ficasse em suspenso, só, na luminosidade dum céu enxuto. Um instante apenas. E nem sempre acontece. O tempo precisa de estar limpo, de preferência depois de uma chuvada, a Lua tem de aparecer apesar do Sol, e no peito deve ter a angústia da espera.

Todos os dias sobe ao morro mais próximo, senta nas pedras a fumar o cachimbo que ele próprio talhou em madeira dura, e espera. A passagem do cágado velho, mais velho que ele pois já lá estava quando nasceu, e o momento da paragem do tempo. É um momento doloroso, pelo medo do estranho. Apesar das décadas passadas desde a primeira vez. Mas também é um instante de beleza, pois vê o mundo parado a seus pés. Como se um gesto fosse importante, essencial, mudando a ordem das coisas. Odeia e ama esse instante e dele não pode escapar.

Quando ainda muito jovem, falou disso aos outros. Ninguém notara, imaginação só dele. Também era o único que ia para o cimo do morro observar o vale e o mundo. Os amigos conheciam a existência do cágado velho, mas preferiam as cercanias do kimbo, onde brincavam e tentavam namorar as raparigas que iam ao regato. Assim, o cume do Mundo ficava só para ele. Nunca mais falou desse estranho instante, nem a Munakazi. Ela perguntou no princípio da vida comum, mas que hábito é esse de ires todos os dias para cima do morro à tarde? E ele respondeu é só um hábito desde criança. Tentou ligar essa sensação a coisas que lhe sucediam depois, como predição do que vai vir. Mas nada. Não havia ligação possível de adivinhar. As coisas iam e vinham, boas ou más, quer chegasse o instante quer não.

Acontecia apenas. No seu rabo não parecia trazer o bem ou o mal, o desejado ou o temido.

E continua a acontecer, de vez em quando. Talvez mais frequentemente agora. E Ulume fica apenas vazio, numa grande paz intranquila.

(PEPETELA. *Parábola do Cágado Velho*. Alfragide: D. Quixote, 2011, s. 11–13)

BOAVENTURA CARDOSO

(1944), poeta e ficcionista, inovador no campo da linguagem literária pela sua recriação linguística (o português enriquecido pelo *kimbundo*). A sua permanente atenção ao artístico está patente, entre outros, no seu título *O Fogo da Fala (Exercício de Estilo)* de 1980, que contém narrativas curtas e densas, rigorosamente trabalhadas, movendo-se entre um realismo cru e uma transfiguração mágica, recuperadora da oralidade.

O CANTO DA FOME

Tinha chuva grande. Na corrida rápida do vento, o capim alto dobrava-se todo, as árvores estremeçiam.

Os pássaros já tinham passado. Só, uma andorinha voava, perdida. Antes da chuva as cabras correram à toa, saltaram vedações, regressaram à sanzala. Brincadeira das crianças lá fora terminara. As mulheres preparavam o fogo da cozinha dentro das cubatas. Às vezes uma fásca cortava o negro do céu.

Tinha chuva. Chovia. Chuva grande.

O canto crescia. Cada vez que as enxadas cavavam a terra, as vozes eram mais fortes. Desbravando a terra, os contratados cantavam. O chicote marcava o ritmo do canto nas costas negras.

Canto. Trabalho. Canto. Trabalho. Canto. Trabalho. Canto. Força! Força! Trabalho! Trabalho forçado! Força!

Quando começaram a trabalhar era demanhã. Sol ainda nascente. Ainda que chovesse, o tempo estava marcado. Os contratados tinham de trabalhar sem parar. Cortar capim alto, terra preparar, café plantar, plantar, plantar. Trabalho de contratado.

Agora estavam na fila. Alinhados. Os contratados não podiam tossir, nem falar. À frente deles, a uma certa distância, o patrão, barrigudo, encharutado, continuava a fazer contas, a assinar papéis. Quase não olhava para os contratados. No fim de cada mês era sempre assim.

– João Tomé! – começou finalmente a chamada dos contratados.

– Presente ! – respondeu o contratado, enquanto avançava em direção à mesa onde estava o patrão. Humildemente.

– Seis vales na cantina, mais a visita do médico, mais o imposto indígena ... descontando tudo, não tens nada a receber. Nada a receber ! – aqui o patrão falava alto para todos ouvirem. Entretanto, a cena foi acontecendo cada vez. A maior parte dos contratados não recebia nada. Alguns recebiam dez angolares para todo o mês! Avançavam esperançados, para recuarem tristes, na fila. Ninguém percebia as contas que o patrão fazia. Os contratados não sabiam ler, nem escrever.

Terra flor, o café florescia. O patrão aumentava a sua riqueza. Todos os anos comprava carros novos e ia passar as férias no estrangeiro. Os contratados não tinham des-

canso. David Kassule esperava a vez dele. Não estava quieto na fila: mexia-se muito, fechava as mãos de nervos. Ferviam pensamentos na sua cabeça. Cada tempo que passava, ele mais nervoso ainda.

– David Kassule! – o patrão lhe chamou. Fez aldrabice nas contas, assinou os papéis e disse: – Não tens nada a receber! Vá! Toca a andar ! Outro! Vá! Toca a andar !

Vendo que o contratado não saía daquele lugar, começou a ficar furioso. Levantou-se e lhe empurrou. David Kassule rapidamente deu murro na cara do patrão. A confusão era grande. Os papéis estavam no chão. Não tinha mais fila de contratados. Cada um estava admirado. De repente o patrão pegou na pistola e descarregou as balas na cabeça do contratado. David Kassule começou a sangrar. Caiu no chão. Todos estavam em volta dele. O medo não lhes deixava falar nada. O patrão quis disparar mais. A pistola não tinha balas. Foi buscar a caçadeira da caça no mato. Disparou todas as balas, toda a fúria, toda a raiva, tudo no corpo do contratado.

Arrastando os pés descalços, os contratados regressaram. Era noite. Cantavam o mesmo canto. A fila do regresso ia ficando pequena. Uns iam caindo. O canto enfraquecia. Os pés arrastavam-se. As vozes morriam. Não tinha mais canto. A fila dos contratados desaparecera na escuridão da noite escura.

(CARDOSO, Boaventura. “Canto da fome”, In *O Fogo da Fala*.

Lisboa: Edições 70, 1980, p. 25–28)

HENRIQUE GUERRA

(1937), poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta. Entre outras obras, as suas histórias populares (*Três Histórias Populares*, 1980) apelam à curiosidade para descobrir a tradição oral angolana, suas lendas e estórias.

O SASSA-LUKALU

O Sassa-Lukalu é um monstro muito escuro, só metade do corpo: meia cabeça, um só olho, meio nariz, meia boca, um só braço, meio tronco, uma só perna. É do tamanho de uma árvore média, e gosta de se colocar por debaixo das árvores mais altas, confundindo-se com as suas partes mais escuras.

Se alguém, por distração, se vem colocar à sombra de uma árvore sem reparar na sua presença, o Sassa-Lukalu agarra-o e leva-o para a sua lavra.

Como todos os verdadeiros tiranos, gosta de arranjar justificações para os seus actos. Assim, propõe adivinhas ou problemas às suas vítimas, e se estas não dão a resposta esperada, devora-as gostosamente. Mas se alguém responde de maneira conveniente, enche-se de raiva e procura nova forma de destruir a vítima. O Sassa-Lukalu não se dirige para os sítios abertos onde se encontram as habitações dos homens, pois não suporta a claridade. Vive nas matas, destruindo as plantações e as árvores donde os homens tiram sustento, os animais de criação que encontra nos currais, etc., e gosta de se gabar da sua força e impunidade.

Um dia, um camponês regressava de ir fazer compras à loja do povo. Desceu do autocarro da carreira, perto da ponte onde havia combinado encontrar-se com o filho, para este o ajudar a transportar o saco de fuba que tinha ido comprar.

Como o jovem ainda não tivesse chegado ao local do encontro, o camponês dirigiu-se para junto de uma árvore próxima, a fim de descansar à sua sombra. Mas aquela árvore era afinal o Sassa-Lukalu, que o agarrou e o foi arrastando para a sua lavra.

Mas enquanto era levado, o homem fez com a sua navalha um buraco no saco de fuba. Assim o rasto que se ia formando iria dar depois indicações sobre o trajecto percorrido. E enquanto é arrastado, o homem vai discutindo com o Sassa-Lukalu.

– Para onde me levas, ó monstro, e que mal é que eu te fiz para me teres agarrado?

– E porque é que eu não te havia de agarrar? Pois conheces aqui neste sítio alguma coisa que eu não possa fazer, existe alguma coisa vossa que se oponha à minha força? Se fazem uma casa, eu parto a casa. Se plantam uma árvore, eu derrubo a árvore. Se constroem uma ponte ou põem canoas na margem do rio, eu parto a ponte ou destruo as canoas.

– Julgas-te muito forte, ó monstro, mas um dia acabarás por ser destruído.

– Ah! Ah! Ah! – riu-se o monstro, gostosamente.

– Então diz-me lá, ó homem. Qual é a árvore que eu não possa destruir ? Qual o tronco, qual o pau que eu não possa partir?

O homem não sabia responder, e o Sassa-Lukalu continuou a levá-lo para a sua lavra. Aí chegados, prendeu-o a uma árvore amarrando-o pelo tornozelo, e foi procurar lenha para fazer uma fogueira. Entretanto, o filho do camponês havia chegado ao local combinado para encontrar-se com o pai. Não o encontrando, procurou-o pelas imediações. Avista afinal o rasto deixado pela fuba no trajecto para a lavra do monstro, e pensando que aquilo fosse alguma indicação, pôs-se a seguir o rasto. E assim chega finalmente ao local onde o pai estava amarrado, e encontra já uma panela de água em cima da lenha e o monstro a preparar-se para acender o fogo.

(GUERRA, Henrique. “O Sassa-Lukalu”, In *Três Histórias Populares*.

Lisboa: Edições 70, 1980, p. 63–65)

UANHENGA XITU

(1924), nome literário de Agostinho André Mendes de Carvalho, ativista político, ficcionista, que tem seguido um projeto de *africanizar* a literatura angolana e de lhe impor o sabor de *oratura*. Entre outros títulos destacam-se as coletâneas de contos “Mestre” *Tamoda* (1974, *Mestre Tamoda e Outros Contos*, 1977) e *Vozes na Sanzala* (*Kahitu*), 1976.

MESTRE TAMODA

Tamoda, muito novo, dirigiu-se à cidade de Luanda, onde viveu muitos anos. Nesta, trabalhava e estudava nas horas vagas, com os filhos dos patrões e com os criados do vizinho do patrão. Assim, conseguiu aprender a fazer um bilhete e uma cartinha que se compreendia.

No último emprego, na casa de um Doutor que vivia solteiro, quando o patrão se ausentava para o serviço passava o tempo a decorar e a copiar os vocábulos do dicionário. Aqueles vocábulos que lhe soavam bem.

Já homem e na idade de casar abandonou a cidade e o emprego e voltou à sanzala que o viu nascer.

Quando desembarcou na estação dos Caminhos de Ferro sobraçava dois volumosos calhamaços e uma pasta de arquivo na mão. Duas maletas e um saco de pano branco que, além de outros volumes, foram levados pelos parentes que nesse dia iam ao seu encontro.

Em casa, na presença daqueles que o iam saudar, abriu a mala que trazia muitos romances velhos, entre eles um dicionário usado e já carcomido, algumas folhas soltas de dicionários, cadernos garatujados com muito vocabulário, um livro de *Como se escrevem cartas de amor*, outro de *Manual de correspondência familiar* e alguns volumes de leis.

O novo intelectual, no meio de uma sanzala em que quase todos os seus habitantes falavam quimbundo e só em casos especiais usavam o português, achou-se uma sumidade da língua de Camões. Ao dicionário apelidava: o ndunda – aliás, termo também aplicado, em quimbundo, a qualquer livro volumoso e de consulta. Nas reuniões em que estivesse com os seus contemporâneos bundava, sem regra, palavras caras e difíceis de serem compreendidas, mesmo por aqueles que sabiam mais do que ele e que eram portadores de algumas habilitações literárias.

Quando em conversa com moças analfabetas e que mal pronunciavam uma palavra em português, o “literato”, de quando em vez, lozava os seus putos. Porém, alguns deles nem constavam nos dicionários da época.

Era um “etimologista”, um “dicionarista”, que tinha descido na sanzala!

Quem o aturou mais, nessa sua maneira de se expressar em putos caros, em público, foi a namorada Mufula, com quem mais tarde veio a casar-se.

Como da cidade trazia dinheiro e podia pagar a alguém que lhe fizesse o trabalho de obrigação a que certo “morador” estava sujeito a prestar nas lavras dos sobas e de outras autoridades, o “dicionarista” tinha tempo de exhibir os seus fatos, trazidos da cidade. A exibição era feita pelo período da tarde, quando regressava da lavra dos seus pais, e na altura em que, geralmente, todos os lavradores estão de volta dos campos. Granjeava bastante simpatia dos jovens estudantes. E é nesta classe de “moradores” em que os seus putos tiveram terreno propício. Aguardava pela passagem dos moços quando voltavam da escola. Os garotos ouviam o “mestre” Tamoda com grande interesse. Alguns deles tomavam notas nas ardósias e nas capas dos cadernos do vocabulário que o “mestre” ia ditando. Nem sempre havia tempo de tirar o material para tomar nota dos apontamentos, o que os alunos faziam nas suas coxas ou nos antebraços negros como a cor da ardósia. O ditado era rápido.

Nas reuniões juvenis, cada garoto, para mostrar a sua capacidade intelectual, de vez em quando intercalava um vocábulo na conversa, quer tivesse ou não relação com o assunto. Porém, a confusão era tanta que cada um só sabia o que continha a sua folha. A fama do Tamoda, difundida pelos garotos, dominava as povoações, incluindo gente feminina, que, geralmente, não frequentava a escola.

Distribuía folhas soltas de dicionário, para serem decoradas pelos miúdos e eram encaixadas com mais facilidade que o ditongo, sílaba e adjetivo do professor oficial. O mestre era tão querido pelos seus petizes que quando passava, todo ele janota, vestido de calções e camisas bem brancas, meias altas e capacete também da mesma cor do fato, sapatos à praia com lixa, ouvia-se o coro dos rapazes que tributavam ao Tamoda:

– Lungula, Tamoda!...Lungula, Tamoda!

Tamoda, na cadência das vozes e do sapato a chiar, ia marcando o ritmo com a cabeça e os ombros, muito esticada e sorridente, e lungulava como um kingungu-a-xitu:

“...ié-ié, ié-ié, ié-ié (o chiar do sapato)ié-ié, ié-ié...», que era correspondido com a vozaria dos garotos: “Lungula, Tamoda! Lungula, Tamoda! Lungula, Tamoda!”

O “mestre” volteava-se cerimoniosamente para os seus fãs, com o sorriso a relançar-se-lhe na face, e repetia pausadamente, em sua voz grossa, as palavras gritadas:

– “Lungula, Tamoda!” – ao mesmo tempo que, com o capacete entre os dedos e mal pousado na cabeça, fazia com garbo uma vênia de diplomata.

Os garotos, radiantes com a saudação, mais gritavam:

– Lungula, Tamoda! Lungula, Tamoda! . . .

– Às vezes, os garotos acompanhavam o chio dos sapatos com o estribilho de “uá, uákala-uá! Uá-uá, uákala-uá ngasumbile kiá jakuké . . .”

– Tamoda, com uma mão no kimokoto e outra no capacete, girava sobre si e encarava a rapaziada, todo radiante, ao mesmo tempo que estremecia o pé e cumbuacumbuava a cabeça sorrindo.

No lar e na rua os resmungos dos miúdos eram feitos em português do Tamoda, o que criava dissabores aos “estudantes”. Porque os pais e manos que não compreendiam o significado da palavra interpretavam-na como asneira, o que se pagava com uns bons açoites.

– Mano Tamoda, a gente quer saber o feminino de muchacho! – perguntaram dois garotos duvidosos e na altura em que o “mestre” saía da cacimba de banho.

– O feminino de muchacho é “muchachala”! respondeu prontamente o “mestre”, senhor de si e o único a quem se podia consultar nas dúvidas. Os garotos, Kidi e Kuzela, saíram a correr, satisfeitos, para divulgarem o novo vocábulo, a acrescentar aos outros como:

– “Mucama, embasbacado, cavalgadura, cavaldagem, mequetrefe, caviloso, sundéifulo, carabaixa, bajoujo, gentiga, jocoso, grageu, vasca, zoomorfo, zornar, lamecha, xucro, xéta, caduco, panhonho, pacóvio, larápio, manganar, biltre, basbaque, vagabundo...”

– Porém, o novo vocábulo de “muchachala” não vigorou muitos dias, porque é parecido com uma palavra em quimbundo: muxaxala, que significa sulco nadegueiro ou via retal.

As repariguinhas que eram tratadas por “muchachalas” com o significado de moça, jovem, corriam para se queixarem aos pais, quando elas não podiam sovar os novas “acadêmicos». Os pais ou manos daquelas não tardavam a aparecer, para fazer contas com os discípulos do Tamoda.

Vocabulário:

sanzala: aldeia, lugarejo (N.E.)

bundava: intercalava, interpunha (N.A.)

lozava: intercalava, interpunha (N.A.)

puto: português, de Puto que significa Portugal em quimbundo (N.E.)

soba: chefe tradicional (N.E.)

sapatos à praia com lixa: sapatos de cor branca e preta que rangem ao andar (N.E.)

Lungula: Ginga (N.A.)

kingungu-a-xitu: grande pássaro do mato, também conhecido por peru-do-mato (Kingunguazitu ou kingungu) (N.A.)

uákala-uá: o chiar do sapato (N.E.)

kimokoto: ilharga (N.A.)

cumbuacumbuava: meneava (N.A.)

(XITU, Uanhenga. “Mestre” Tamoda In “Mestre” Tamoda & Kahitu.

São Paulo: Ática, 1984, p. 6–9)

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

(1960), jornalista e ficcionista, estreou-se com o romance *A Conjura* (1989), uma recriação da Luanda finissecular, da sua sociedade crioula empenhada num projeto de criar a autonomia. Este espírito é desenvolvido nalgumas outras narrativas (*D. Nicolau Água-Rosada e Outras Estórias Verdadeiras e Inverosímeis*, 1990, *A Feira dos Assombrados*, 1992, *Nação Crioula*, 1997). Atenção particular merece o seu retrato da Angola pós-independente, destacando-se neste a questão da guerra civil, bem como a reflexão sobre a imagem do país (p. ex. *Estação das Chuvas*, 1996, *O Vendedor de Passados*, 2004).

BOCA DO MUNDO

Quando recebeu a carta, não tinha notícias dele há quase catorze meses. Carta é como quem diz. O que o velho Quissongo lhe entregou mereceria mais a designação de diário, não fosse o facto de estar dirigida a si. Eram quase trinta páginas de uma caligrafia apertada e irregular, onde, ora em português, ora em francês, espanhol ou italiano, Esmeraldi lhe dava conta das suas assombrosas peregrinações pelo interior do país. Detinha-se de início em Quivoenga, povoação nos arredores da qual descobrira um cemitério gentílico e neste o beque inteiro de um navio de alto bordo e remota construção.

– “Estou – escrevia Esmeraldi – profundamente impressionado. Quem trouxe esta peça para aqui? E de que maneira a trouxe? E com que fins?”

Explicava depois tratar-se de um grande e sólido beque, de cujo centro se destacava a graciosa escultura de uma ninfa.

– “A tantas milhas da costa” escrevia ainda o aventureiro – “a insólita presença desta peça é um desafio à imaginação.»

A seguir deixava Quivoenga, entranhando-se na floresta, e a partir daí a sua caligrafia tornava-se mais nervosa, o texto multiplicava-se em hiatos e, por vezes, o sentido das frases perdia-se por entre uma confusa profusão de observações desconexas. Repetida e obsessivamente Esmeraldi denunciava a existência de uma “geografia perversa” mas era difícil perceber o exacto significado de tal expressão.

– “Existem” – escrevia o italiano – “perversões naturais. Geografias secretas. Fenómenos aberrantes e monstruosos. Estranhos animais habitam o coração das montanhas ...”

E adiante:

– “O Umbigo do mundo! Aqui onde agora me encontro não há pássaros no céu. As grandes árvores estão curvadas para ocidente e se pegarmos numa pedra e a lançarmos na vertical ela descreverá uma elipse e cairá também na mesma direcção. A dois dias de onde neste momento nos encontramos desatrelámos o pesado carro boer da respectiva junta de bois e ele subiu sozinho uma colina com um desnível de 14 graus!”

E já nas últimas páginas:

– “Não me peças nomes. Neste lugar maldito os nomes são malditos e de todas as formas nenhum mapa os conhece. A Terra, aqui, devora-se a si própria. Não é uma fenda que eu imagino existir ao fundo da ravina: é uma boca!”

A despedir-se Esmeraldi evocava a cena da onça, para confessar que, na altura, tinha sentido muito medo:

– “Mas o medo que sinto agora” – concluía – “não se compara ao que senti então. Não sei o que me aguarda, mas sei que vou descer sozinho até ao fundo da ravina. A única forma de vencer o medo e encará-lo nos olhos. Quando falhaste o tiro e a onça saltou, o que eu fiz não foi salvar-te a ti; o que eu fiz foi matar o meu medo, salvando-me a mim.”

Havia ainda um *Post Scriptum*:

– “Aconteça o que acontecer sejamos racionais. O que me espera não é concerteza a entrada para o inferno (esta a ingénua convicção dos meus carregadores!). Uma aberração gravitacional da magnitude daquela que presenciamos pode explicar-se pela existência, no fundo da fenda, de uma massa de incrível densidade. Talvez tenha caído aqui um meteorito; uma pedra não necessariamente de grandes dimensões, mas muito, muito pesada. Tão densa e tão pesada que seja capaz de atrair tudo o que lhe esteja próximo, alimentando assim, ainda mais, o seu próprio peso e densidade: uma boca! Uma boca voraz, insana e insaciável.

Lembra-te do Carlo, Afonso! Até um dia...”

Através do velho Quissongo, ficou Afonso a saber ter sido a carta entregue numa fazenda de Quibocolo por um negro andrajoso e desvairado, que se dizia natural de Luanda e ter feito parte da quibuca de Carlo Esmeraldi. O homem estava atacado pela hoxa e mal o recolheram afundou-se num sono espesso, do qual só saía para implorar água e a misericórdia de um padre. Nos seus delírios falava de um buraco que engolia os pássaros do céu e onde o demónio edificara a sua casa.

(AGUALUSA, José Eduardo. “Boca do Mundo”, *D. Nicolau Água-Rosada e Outras Estórias Verdadeiras e Inverosímeis*. Lisboa: Vega, 1990, p. 51–53)

O HOMEM DA LUZ

Nicolau Peshkov reconheceu a mala onde guardava o projector e os filmes. Explicou quem era. Há quarenta anos que percorria o país com aquela máquina. Orgulhava-se de ter levado a sétima arte aos desvãos mais longínquos de Angola – lugares esquecidos pelo resto do mundo. Na época colonial viajava de comboio. Benguela, Ganda, Chianga, Lépi, Catchiungo, Chinguar, Cutato, Catabola, Camacupa, Munhango, Luena. Onde o comboio parava ele saía. Estendia a tela, colocava o projector sobre o tripé, armava meia dúzia de cadeiras de lona para os notáveis da vila. O povo, esse, vinha de muito longe, dos sertões em redor, de lugares com nomes secretos, inclusive de lugares sem nome

algum. Ofereciam-lhe cabras, galinhas, ovos, carne de caça. Sentavam-se do outro lado da tela, contra a luz do projector, e viam o filme pelo avesso.

A guerra após a independência destruiu o caminho de ferro e ele ficou amarrado às cercanias das grandes cidades. Perdeu em pouco tempo tudo quanto havia conseguido nos vinte anos anteriores. Fixou-se no Sul. Viajava de bicicleta, com o seu ajudante, o jovem James Dean, entre o Lubango e a Humpata, entre a Huíla e a Chibia. Por vezes arriscava descer a Mossâmedes. Talvez Porto Alexandre. Baía dos Tigres. Não saía dali. Levava um lençol branco, prendia-o à parede de uma cubata, qualquer parede servia, preparava o projector e passava o filme. James Dean pedalava a sessão inteira para produzir a electricidade. Numa noite serena, sem lua, não havia melhor sala de cinema.

O homem alto ouviu-o com interesse. Tomou notas.

«Pode provar que é efectivamente o cidadão que pretende ser?»

Provar? Nicolau Peshkov tirou do bolso da camisa um papel amarelado e desdobrou-o cuidadosamente. Era um recorte do Jornal de Angola. Uma entrevista publicada cinco anos antes: *O Último Herói do Cinema*. Na fotografia, a preto e branco, Nicolau Alicerces Peshkov posava ao lado da sua bicicleta, as mãos no guiador, a enorme cabeça ligeiramente fora de foco. O homem alto agarrou no recorte, voltou-o, e começou a ler um artigo qualquer sobre a importação de farinha de bombó. «Não é esse, chefe, não é esse», gemeu Nicolau Peshkov, «leia por favor a reportagem que está do outro lado. Veja a fotografia. Sou eu.»

O homem alto olhou-o com desdém:

«Camarada Peshkov, você, um sujeito que ignora a língua paterna, é você que me diz o que devo ou não devo ler?!»

(AGUALUSA, José Eduardo. “Homem da Luz”, *Catálogo das Sombras*.

Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003, p. 47–48)

VENDEDOR DE PASSADOS

Desta vez o estrangeiro anunciou-se antes de aparecer, telefonou, e Félix Ventura teve tempo para se preparar. Às sete e meia já estava vestido, como se o esperasse um casamento, e fosse ele o noivo, ou o pai do noivo, num fato claro, em linho cru, sobre o qual brilhava, como um ponto de exclamação, um rubro laço de seda. Herdou o fato do pai.

«Espera alguém?»

Esperava-o a ele. A Velha Esperança deixara no forno, para que não arrefecesse, um caldo de peixe. Comprara nessa madrugada um belo pargo, directamente aos pescadores da Ilha, e cinco bagres fumados no Mercado de São Paulo. Uma prima trouxera-lhe da Gabela uns bagos perfumados de jindungo, *lume em estado sólido*, explicou-me o albino, além de mandioca, batata-doce, espinafres e tomate. Assim que Félix colocou a travessa na mesa espalhou-se pela sala um perfume forte, caloroso como um abraço,

e pela primeira vez desde há muito tempo lamentei a minha actual condição. Também eu gostaria de me poder sentar à mesa. O estrangeiro comia com um apetite radiante, como se saboreasse não a carne firme do pargo mas a vida inteira dele, anos e anos deslizando entre a súbita explosão dos cardumes, o turbilhão das águas, os densos fios de luz que, nas tardes de sol, caem a prumo sob o abismo azul.

«Um exercício interessante», disse, «é tentar ver os factos através do olhar da vítima. Por exemplo, o peixe que estamos a comer... generoso pargo, não é?... Já tentou ver este nosso jantar na perspectiva dele?»

Félix Ventura olhou para o pargo com uma atenção que até ao momento o pobre peixe lhe não merecera; depois, horrorizado, afastou o prato. O outro prosseguiu sozinho:

«Julga que a vida nos pede compaixão? Não creio. O que a vida nos pede é que a festejemos. Voltemos ao pargo. Se fosse este pargo preferia que eu o comesse com desgosto ou com alegria?»

O albino ficou calado. Ele sabe que é um pargo (somos todos), mas prefere, creio, que não o comam nunca. O estrangeiro continuou:

«Uma ocasião levaram-me a uma festa. Um velho festejava o seu centésimo aniversário. Quis saber como é que ele se sentia. O pobre homem sorriu-me atónito, disse-me, *não sei bem, aconteceu tudo demasiado rápido*. Referia-se aos seus cem anos de vida e era como se estivesse a falar de um desastre, algo que sobre ele tivesse desabado minutos antes. Às vezes sinto o mesmo. Dói-me na alma um excesso de passado e de vazio. Sinto-me como esse velho.»

Ergueu o copo:

«E todavia estou vivo. Sobrevivi. Comecei a compreender isso, por estranho que lhe possa parecer, ao desembarcar em Luanda. À Vida, pois! A Angola que me resgatou para a Vida. A este propício vinho, que comemora e une.»

Que idade terá? Talvez sessenta, e nesse caso cuidou muito bem do corpo a vida inteira, ou quarenta, quarenta e cinco, e então deve ter atravessado anos de profundo desespero. Ao vê-lo ali sentado achei-o sólido como um rinoceronte. Os olhos, esses, parecem muito mais antigos, carregados de descrença e de fadiga, mesmo se, em determinados momentos, como quando, ainda agora, ergueu o copo e brindou à Vida, os ilumina uma luz de aurora.

«Que idade tem você?»

«Permita-me que seja eu a fazer as perguntas. Conseguiu o que lhe pedi?»

Félix ergueu os olhos. Conseguira. Tinha ali um bilhete de identidade, um passaporte, uma carta de condução, documentos esses em nome de José Buchmann, natural da Chibia, 52 anos, fotógrafo profissional.

A vila de São Pedro da Chibia, na Província da Huíla, no Sul do país, foi fundada em 1884 por colonos madeirenses, mas já por ali prosperavam, criando gado, cultivando a terra, e louvando a Deus pela graça de os ter feito nascer brancos em terra de pretos, isto disse Félix Ventura, é claro, eu apenas cito, uma meia dúzia de famílias bóeres. Chefiava

o clã o comandante Jacobus Botha. O seu lugar-tenente era um gigante ruivo e sombrio, Cornélio Buchmann, o qual casou, em 1898, com uma jovem madeirense, Marta Medeiros, de quem recebeu dois filhos. O mais velho, Pieter, morreu ainda criança. O mais novo, Mateus, foi um caçador famoso, servindo de guia, durante largos anos, a grupos de sul-africanos e ingleses que chegavam a Angola em busca de emoções fortes. Casou tarde, já passara dos cinquenta, com uma artista americana, Eva Miller, e teve um único filho: José Buchmann.

(AGUALUSA, José Eduardo. *O Vendedor de Passados*.

Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 53–56)

MANUEL RUI

(1941), poeta e ficcionista, reconhecido como um atento observador da realidade angolana, das suas sombras particulares, aproveita-se amiúde de humor, ironia e sátira para traduzir a sua visão do país. Dentro da sua obra destacam-se as narrativas que tematizam a infância (p. ex. *Quem Me Dera Ser Onda*, 1982 ou conto “Rei dos Papagaios” de *1 Morto e Os Vivos*, 1993).

REI DOS PAPAGAIOS

«Kalakata!
quem te comeu na orelha
foi uma rata!»

Sempre a miudagem a estigar nesse já a crescer com nove anos. Por andar assim no menos bocado da orelha esquerda. Metade de um terço, o candeeiro a petroléo caiu quando o sonho de Kalakata era um papagaio grande, ele esticou o braço direito. A torcida baixinha, na maneira que a madrasta punha sempre, ao pé de Kalakata, chefe dos outros seis irmãos mais novos, medo deles dormirem com escuro naquela traseira, improvisada só com tijolo por rebocar e zinco. Traseira que era traseira da casa-anexo, alugado. E, para todos adormecerem, bastava só aquele sinal sentinela de luz mais o cheiro da torcida a queimar petróleo num devagar confiado. Se acordava numa rajada, Kalakata, sono leve de chefe, levantava num salto e a primeira coisa era ver no candeeiro. Se tinha a luzinha firme, ele virava no outro lado e dormia outra vez. Mas depois de Kalakata estender mais o braço direito para dar fio no papagaio grande a lutar com o vento e a querer subir com um comício de gente a ver, no lugar do papagaio caiu o candeeiro. Mas o papagaio sempre a subir com bué de miúdos a gritar Kalakata ganhou! ganhou! e o papagaio sempre a subir nos sonhos de Kalakata até só a dor começar naquele incêndio da orelha.

«Kalakata!
quem te comeu na orelha
foi uma rata!
Kalakata
cu de pato.»

E os outros miúdos sempre a estigar nesse bocado de orelha que já faltava na vida de Kalakata.

«Kalakata!
come orelha com pão

que lhe comeram na orelha
boca de um cão!»

Nas horas de ir no posto do pão, Kalakata acautelava cartões na mão fechada, o cartão dentro da bolsinha de plástico. Aí, na bicha, se alguém lhe estigasse nem reparava, que a madраста naquele aviso constante de toma cuidado, obrigava a cabeça de Kalakata a fixar apenas o lugar. Lugar é lugar. Se ires mijar mija aí mesmo na bicha. Não metas pedra nem tijolo pra sair e marcar. Chega só um da frente arranjar o pão, quando você chegar a pedra já foi nem dá mais tempo de começar a bicha novamente, o pão já acabou. Bicha é pra trazer o pão aqui em casa. Mais nada. E antes de ir na bicha faz chi-chi três vezes.

Kalakata cumpria e cada passo mesmo pequeno que a pessoa da frente dava, Kalakata dava outro quase a encostar, puxava com os pulsos os calções largos, sem cinto, olhava para trás, para os lados e contava mais ou menos as pessoas que faltavam à frente, porque duas vezes, quando na vez dele entregar o cartão, fecharam: o pão já não tem! Outro cuidado dele é nos cotovelos das bichas. Nessas curvas más, os miúdos mais de quinze, costumam penetrar. E daí já ninguém lhes tira por causa do grupo que fica de fora, tudo gregos, facas guardadas nos bolsos, o penetra deles com quatro e cinco cartões. Pão dos gregos, Kalakata sabe essa regra ali no bairro e entre que grego entrar num cotovelo da bicha, Kalakata até obsequia, recua um pouco e aumenta-lhe o espaço do lugar.

A vida de Kalakata a passar-se assim em ir na escola, ajudar com seis irmãos nos serviços de casa, jogar a bola quando lhe escolhem de guarda-redes e, mesmo aí, quando lhe rematam e ele desconssegue defender, a vir a estiga,

«guarda-redes de caxexe
que não vale nada
a bola passou
orelha ratada.»

Mas ainda assim, a tristeza, Kalakata ultrapassa.

Principalmente com três coisas. Uma é ir no pão e trazer sempre tudo direito, sem demoras no caminho. Receber, afastar-se rápido da bicha e arrancar logo-logo com os dois pães um em cada mão, grande velocidade, até chegar em casa que agora desde que o cão da vizinha saltou na altura pra levar o saco de pão a secar na corda e rasgar todo com os dentes, enquanto a vizinha não apresentar outro, Kalakata anda assim com o pão nas mãos e há gente que assalta nas horas, como é miúdo! Deixa só dividir um bocado no mais-velho, não é só gregos, já lhe contaram e ele mesmo já assistiu partirem embora metade de um pão nas mãos apertadas de um candengue a chorar.

Outra felicidade de Kalakata é na escola. Se nas outras só mais ou menos, em é-vê-pê, Kalakata é esclú! Com esferovite nem se fala. É barcos iguaizinhos aos que se vêem no mar, é carros, é blindados, é tudo. Mas trabalha também no barro, madeira, cartão, bimba, latas, tudo Kalakata faz coisas, a professora guarda, mostra nas outras, leva na

provincial a pedir que levem no ministério para o ministro ver coisas do Kalakata da escola dela. Por isso, Kalakata, quando os outros lhe engraxam para fazer coisas, chamam-lhe ministro da indústria me faz um barco dou-te lanche, em faz um carro dou-te duas pilhas, me faz um pára-quedas dou-te um xuinga. E Kalakata sempre na produção a lanchar bem no lanche dos filhos dos importantes, a receber uma campainha de bicicleta, um pedal, um canivete e bué de pilhas aí a pôr um carro de esferovite a andar com pilhas.

Mas maior é nos papagaios! Depois que viu um na Feira, foi só reimaginar, trocar materiais nas trocas, começar o primeiro assim e já no segundo, miúdos mais que bué e também crescidos do bairro a ver o sábado à tarde enfeitar-se no céu com aquele papagaio lindo. Rabo dele de muitas cores. Restos do lixo da Imprensa Nacional.

(RUI, Manuel. “Rei dos Papagaios”, *1 Morto & Os Vivos*.

Lisboa: Cotovia, 1993, p. 11–14)

JOÃO MELO

(1955), poeta e ficcionista, um glosador particularmente acirrado da contemporaneidade angolana. As suas narrativas breves, dinâmicas, de uma ironia e sarcasmo virulento, localizadas no espaço urbano, oferecem uma perspetiva pessoalíssima sobre a sociedade angolana em geral (denunciando a hipocrisia e oportunismo) e sobre as relações entre homens e mulheres em particular (acusando o seu machismo, em especial em *Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir*, 1999).

CRIME E CASTIGO

Freud disse: em todo o acto sexual, há sempre duas pessoas a mais (cito de memória). Se Pedro Domingos João (o camarada Tiro Infalível) era ou não iniciado nos esconos meandros da psicanálise, não o sabemos. Sucede, entretanto, que com excessiva frequência ele se lembrava da Rita, quando fizesse amor com a Lemba, e caso a “privilegiada” (já veremos que o nosso personagem se considerava um “eleito”) fosse a primeira, a imagem desta última interpunha-se sempre entre ambos, um pouco antes dos derradeiros estertores com que, cedendo ao apelo irremediável do sangue, festejavam a ligação física dos seus corpos (no exemplo aqui vertido, a alma desempenhava um papel rigorosamente inócuo).

Antes de avançarmos, convém fazer alguns esclarecimentos: o pseudónimo de Pedro Domingos João era um autêntico nome de guerra e nada tinha a ver com o sentido peccaminoso que se atribui, no português angolano, à expressão “dar um tiro”. Todos lhe tratavam, portanto, por Tiro Infalível, não por causa da sua comentada vitalidade sexual, mas porque, durante a luta pela independência, ele se fizera conhecido por conseguir abater os helicópteros inimigos apenas com um único disparo. Alguns, até, ou porque efectivamente tinham mais confiança com ele ou porque não sabiam medir as distâncias ao lidar com um quase-herói, chamavam-lhe simplesmente: camarada Infalível.

A sua pontaria era tão temível que os tugas chegaram a inventar, em mais do que uma ocasião, que ele havia morrido em combate ou que tinha sido feito prisioneiro, apenas para desmoralizar os outros guerrilheiros. Nas suas patéticas transmissões através da Voz de Angola, referiam-se a ele como “o terrorista Tiro Infalível” e outros insultos histéricos já tão cantados e decantados, em poesia e prosa, na literatura angolana. Mas ele escapulia-se sempre dos seus ferozes caçadores, saltitava de região em região, abatendo helicópteros como quem abate coelhos desprevenidos. Virou lenda.

Bem, mas isso tudo foi antes da independência. Não há mujimbos e muito menos registos que desabonem a conduta do camarada Tiro Infalível, nessa fase da nossa história. Se a ela fiz menção, neste texto, isso é tão-só um procedimento literário, para realçar ainda mais a estranha metamorfose por que passara, nas linhas seguintes, o nosso herói.

A entrada em Luanda, depois da vitória sobre os colonialistas, causou em Pedro Domingos João um impacto psicológico terrível (outros adjectivos possíveis: dramático, tremendo ou qualquer um que o leitor prefira), o que esteve na origem de uma série de inusitadas mudanças de atitudes, que não vale a pena, aqui, enumerar. Direi apenas, para resumir com uma expressão: o camarada Tiro Infalível aburguesou-se.

Isso, aliás, não chega a ser singular. A Revolução Angolana não foi a primeira nem será a última que assistirá a esse processo de decomposição de alguns dos homens que, bravamente, lhe deram corpo. Quando comentava que na natureza tudo se transforma, Engels teria chegado a pressentir como essa verdade, ao mesmo tempo singela e insuportável, se haveria de voltar, mais tarde, contra as suas crenças essenciais?

A verdade é que, depois da independência, Tiro Infalível foi nomeado para vários cargos; para falar com mais propriedade, circulou por praticamente todo o aparelho administrativo: foi duas vezes ministro, vice-ministro, uma vez, e secretário de Estado, outras duas vezes; curiosamente, ocupou sempre as pastas mais díspares, o que poderia ser considerado um sintoma da sua multifacética capacidade, se a complacência estivesse entre as nossas virtudes... Dizem as más-línguas que, enquanto se distraía nessa verdadeira roda-viva, o camarada Pedro Domingos João teve tempo para adquirir cinco automóveis e uma quinta perto de Viana, mas isso, por certo, é politiquice, o que um narrador sensato deve evitar.

Outra notável transformação é que Tiro Infalível descobriu, de repente, como as mulheres da capital eram tão diferentes da companheira que ele arranjava durante a guerrilha, a Lemba. Isso, definitivamente, mexeu com ele. Pelo que, e depois de umas experiências preliminares, para, como ele dizia, *reconhecer o terreno*, acabou por fixar-se em Rita, uma mulata que usava cinco perucas e ia à praia de salto alto. Mas não abandonou a Lemba, com quem tinha três filhos. Quer dizer: a Rita foi erigida apenas à condição de 2.^a *região* (para usar uma expressão militar-sentimental muito em voga), com direito a apartamento e uns presentinhos que ele trazia das viagens; em troca, por exemplo, ela recebia-o sempre com a peruca roxa, além de outras loucuras impublicáveis.

Tiro Infalível tinha uma teoria bastante escorreita para autojustificar a sua alucinante mudança de vida. Perguntava, mas a pergunta já era uma resposta: para quê que lutei? Não se sabe se alguma vez ele chegou a estabelecer uma correspondência entre o número de helicópteros abatidos, no passado, e os benefícios que, segundo achava, lhe eram agora devidos; entretanto, o certo é que espumava de raiva ao mínimo rumor de que, finalmente, iria sair do governo. Quanto ao facto de ter duas mulheres, a única coisa que o preocupava eram aquelas imagens trocadas, quando tinha relações sexuais com elas. De resto, estava em paz com a sua consciência: dava-lhes tudo. Outra pergunta-resposta do camarada Infalível: mas que culpa tenho eu, se elas gostam de mim?

(MELO, João. “Crime e Castigo” In *Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir*.

Lisboa: Caminho, 1999, p. 45–48)

ONDJAKI

(1977), nome literário de Ndalú de Almeida, poeta, ficcionista e dramaturgo, possui uma determinação surpreendente na escrita, encontrando um novo à base de admiração pelo velho. De facto, o seu precursor, José Luandino Vieira (reconhecido como tal pelo romance *Quantas Madrugadas Tem a Noite*, 2004) legou-lhe tanto a criatividade (na linguagem, na construção ficcional), como uma mundividência especial, sensível à marginalidade (com recuperação de certa mitologia luandense e do picaresco).

ASSOBIADOR

Dissoxi era moça vinda não se sabe de onde. Guardava quantidades excessivas de sal em sua casa e sempre que alguém precisasse ela ofertava, de bom gosto, a substância salina. Era jovem, mansa, bela. Tinha os cabelos compridos, despenteados, e a voz rara de ser ouvida: era poupadíssima nas palavras. Um mistério em forma de mulher.

A curiosidade levou-a à igreja. Foi à missa das seis, coisa rara de ser feita por ela. À medida que as pessoas foram saindo, deixou-se estar, fingindo rezar. Notou que o Padre fizera sinais lá para cima durante toda a missa, mas não percebeu do que se tratava. Quando já vazia a igreja estava, o Padre fez que sim com a cabeça e, de lá do sítio onde repousa o enorme órgão, saiu um som tão puro que parecia moldado com o barro dos nossos melhores sonhos. Ela e o Padre imobilizaram as suas atenções, posturas, olhares. O homem desatou num assobio verdadeiramente choroso, numa comoção altamente contagiante, como se a sua vontade de chorar estivesse amordaçada e o único recurso de que se podia valer fosse aquele assobio!

De repente, foram assaltados pelo estrondoso chegar das milhentas pombas que cercaram a igreja. Sentaram-se em tudo quanto era janela, abafando a luz. E calaram-se.

Na escuridão simulada, alguns fiozinhos de luz conseguiam ainda passar, cruzados que estavam com outros fiozinhos vindos das janelas. O interior da igreja parecia um silencioso cenário de guerra bombardeado pelos finos feixes de luz que se entrecrocavam no ar. Tanto o Padre como Dissoxi recusavam mexer-se.

Na brutal escuridão que se instalou, o assobio agudizou a sua triste intensidade, transformando-se num verdadeiro grito de dor e de amor, que incomodava pelo tom nítido da sua solidão, mas imobilizava pela sua paralela beleza.

O Padre conseguiu ir andando; Dissoxi acompanhava-o com o olhar; o homem, escondido, escondendo a sua presença, a sua hipotética e assobiada dor, continuava o seu som agudo. Num momento repentino, cortou completamente o som, assustando, com o seu silêncio, a bela Dissoxi. O Padre encontrou-o.

Encontrou-o sentado no chão com a cara coberta pelas mãos.

– Que se passa, meu filho? – tentou o Padre. O homem não respondeu. Fez sinal com a mão para o quarto que o Padre lhe tinha cedido. O Padre fez que sim.

Dissoxi viu ainda os seus modos desajeitados de correr e o seu cabelo negro. A sua deslocação foi tão repentina e suave que seria verosímil afirmar que, deslocada, a sua aura ficou por momentos bailando no ar sem saber a que corpo prestar assistência.

Acompanhada pelo Padre, Dissoxi estava visivelmente impressionada. Até falou:

– Quem é, Padre? – perguntou, baixinho.

– É um forasteiro ... – respondeu o Padre.

– Chegou ontem de manhã, com um saco e o seu assobio.

– E o senhor vai deixá-lo assobiar na igreja?

– Bem o que combinámos é que ele se encarregaria das limpezas. E sim, quando não houvesse missa, que podia assobiar! – sorriu o Padre. – Não viu como é belo o seu assobio?

– Sim, belo, mas triste -passou a mão pelo cabelo, Dissoxi. – Além disso, assobiar numa igreja ...

– Devia tê-lo ouvido ontem, Dissoxi. Ontem o seu canto era de alegria; era ver a passarada toda aí pregada às janelas ... – olhou para as janelas já vazias.

– Aliás, parece que se vai tornar um hábito. Tanta passarada ...

– Então até domingo, Padre! – pôs-se a andar, Dissoxi.

– Até domingo – respondeu o Padre, pensando quão estranho tinha sido, na realidade, Dissoxi ter vindo àquela missa.

Os pés de Dissoxi levaram-na à porta da igreja, caminhando nessa leveza que o seu corpo usava, sem provocar um qualquer ruído que agredisse o espaço recém-assobiado.

Semicerrou o olhar e inspirou lentamente os ares da manhã, tendo sentido, nas narinas e nos poros, as diferentes densidades que a aldeia e a igreja sofriam. Descendo as escadas, franziu ligeiramente a testa no intuito de apagar da consciência a nítida premonição de que algo estava para acontecer sob a forma da magia.

(ONDJAKI. *O Assobiador*. Lisboa: Caminho, 2002, p. 25–27)

NÓS CHORÁMOS PELO CÃO TINHOSO

Para a Isaura. Para o Luís B. Honwana

Foi no tempo da oitava classe, na aula de português. Eu já tinha lido esse texto dois anos antes mas daquela vez a estória me parecia mais bem contada com detalhes que atrapalhavam uma pessoa só de ler ainda em leitura silenciosa – como a camarada professora de português tinha mandado. Era um texto muito conhecido em Luanda: «Nós matámos o Cão Tinhoso».

Eu lembrava-me de tudo: do Ginho, da pressão de ar, da Isaura e das feridas penduradas do Cão Tinhoso. Nunca me esqueci disso: um cão com feridas penduradas. Os olhos do cão. Os olhos da Isaura. E agora de repente me aparecia tudo ali de novo. Fiquei atrapalhado.

A camarada professora seleccionou uns tantos para a leitura integral do texto. Assim queria dizer que íamos ler o texto todo de rajada. Para não demorar muito, ela escolheu

os que liam melhor. Nós, os da minha turma da oitava, éramos cinquenta e dois. Eu era o número cinquenta e um. Embora noutras turmas tentassem arranjar alcunhas para os colegas, aquela era a minha primeira turma onde ninguém tinha escapado de ser alcunhado. E alguns eram nomes de estiga violenta.

Muitos eram nomes de animais: havia o Serpente, o Cabrito, o Pacaça, a Barata-da-Sibéria, a Joana VoaVoa, a Gazela, e o Jacó, que era eu. Deve ser porque eu mesmo falava muito nessa altura. Havia o É-tê, o Agostinho-Neto, a Scubidú e mesmo alguns professores também não escapavam da nossa lista. Por acaso a camarada professora de português era bem porreira e nunca chegámos a lhe alcunhar.

Os outros começaram a ler a parte deles. No início, o texto ainda está naquela parte que na prova perguntam qual é e uma pessoa diz que é só introdução. Os nomes dos personagens, a situação assim no geral, e a maka do cão. Mas depois o texto ficava duro: tinham dado ordem num grupo de miúdos para bondar o Cão Tinhoso. Os miúdos tinham ficado contentes com essa ordem assim muito adulta, só uma menina chamada Isaura afinal queria dar protecção ao cão. O cão se chamava Cão Tinhoso e tinha feridas penduradas, eu sei que já falei isto, mas eu gosto muito do Cão Tinhoso.

Na sexta classe eu também tinha gostado bué dele e eu sabia que aquele texto era duro de ler. Mas nunca pensei que umas lágrimas pudessem ficar tão pesadas dentro duma pessoa. Se calhar é porque uma pessoa na oitava classe já cresceu um bocadinho mais, a voz já está mais grossa, já ficamos toda hora a olhar as cuecas das meninas «entaladas na gaveta», queremos beijos na boca mais demorados e na dança de slow ficámos todos agarrados até os pais e os primos das moças virem perguntar se estamos com frio mesmo assim em Luanda a fazer tanto calor. Se calhar é isso, eu estava mais crescido na maneira de ler o texto, porque comecei a pensar que aquele grupo que lhes mandaram matar o Cão Tinhoso com tiros de pressão de ar, era como o grupo que tinha sido escolhido para ler o texto.

Não quero dar essa responsabilidade na camarada professora de português, mas foi isso que eu pensei na minha cabeça cheia de pensamentos tristes: se essa professora nos manda ler este texto outra vez, a Isaura vai chorar bué, o Cão Tinhoso vai sofrer mais outra vez e vão rebolar no chão a rir do Ginho que tem medo de disparar por causa dos olhos do Cão Tinhoso.

O meu pensamento afinal não estava muito longe do que foi acontecendo na minha sala de aulas, no tempo da oitava classe, turma dois, na escola Mutu Ya Kavela, no ano de mil novecentos e noventa: quando a Scubidú leu a segunda parte do texto, os que tinham começado a rir só para estigar os outros, começaram a sentir o peso do texto. As palavras já não eram lidas com rapidez de dizer quem era o mais rápido da turma a despachar um parágrafo. Não. Uma pessoa afinal e de repente tinha medo do próximo parágrafo, escolhia bem a voz de falar a voz dos personagens, olhava para a porta da sala como se alguém fosse disparar uma pressão de ar a qualquer momento. Era assim na oitava classe: ninguém lia o texto do Cão Tinhoso sem ter medo de chegar ao fim. Nin-

guém admitia isso, eu sei, ninguém nunca disse, mas bastava estar atento à voz de quem lia e aos olhos de quem escutava.

O céu ficou carregado de nuvens escuras. Olhei lá para fora à espera de uma trovoadas que trouxesse uma chuva de meia-hora. Mas nada.

Na terceira parte até a camarada professora começou a engolir cuspe seco na garganta bonita que ela tinha, os rapazes mexeram os pés com nervoso miudinho, algumas meninas começaram a ficar de olhos molhados. O Olavo avisou: «quem chorar é maricas então!», e os rapazes todos ficaram com essa responsabilidade de fazer uma cara como se nada daquilo estivesse a ser lido.

Um silêncio muito estranho invadiu a sala quando o Cabrito se sentou. A camarada professora não disse nada. Ficou a olhar para mim. Respirei fundo.

Levantei-me e toda a turma estava também com os olhos pendurados em mim. Uns tinham-se virado para trás para ver bem a minha cara, outros fungavam do nariz tipo constipação de cacimbo. A Aina e a Rafaela que eram muito branquinhas estavam com as bochechas todas vermelhas e os olhos também, o Olavo ameaçou-me devagar com o dedo dele a apontar para mim. Engoli também um cuspe seco porque eu já tinha aprendido há muito tempo a ler um parágrafo depressa antes de o ler em voz alta: era aquela parte do texto em que os miúdos já não têm pena do Cão Tinhoso e querem lhe matar a qualquer momento. Mas o Ginho não queria. A Isaura não queria.

A camarada professora levantou-se, veio devagar para perto de mim, ficou quieta. Como se quisesse me dizer alguma coisa com o corpo dela ali tão perto. Aliás, ela já tinha dito, ao me escolher para ser o último a fechar o texto, e eu estava vaidoso dessa escolha, o último normalmente era o que lia já mesmo bem. Mas naquele dia, com aquele texto, ela não sabia que em vez de me estar a premiar, estava a me castigar nessa responsabilidade de falar do Cão Tinhoso sem chorar.

– Camarada professora – interrompi numa dificuldade de falar. – Não tocou para a saída?

Ela mandou-me continuar. Voltei ao texto. Um peso me atrapalhava a voz e eu nem podia só fazer uma pausa de olhar as nuvens porque tinha que estar atento ao texto e às lágrimas. Só depois o sino tocou.

Os olhos do Ginho. Os olhos da Isaura. A mira da pressão de ar nos olhos do Cão Tinhoso com as feridas dele penduradas. Os olhos do Olavo. Os olhos da camarada professora nos meus olhos. Os meus olhos nos olhos da Isaura nos olhos do Cão Tinhoso.

Houve um silêncio como se tivessem disparado búé de tiros dentro da sala de aulas. Fechei o livro.

Olhei as nuvens.

Na oitava classe, era proibido chorar à frente dos outros rapazes.

(ONDJAKI. “Nós chorámos o cão tihoso” In *Os da Minha Rua*.

Alfragide: LeYa, 2009, p. 101–105)

2. Literatura de Moçambique

Como o início da literatura moçambicana pode ser considerado, como no caso angolano, o surgimento da imprensa (*Boletim Oficial*, 1857, *O Progresso*, 1877–1881, *Clamor Africano*, 1892 etc.). O mais importante é, no entanto, *O Brado Africano* (1918) dos irmãos **José e João Albasini**, de orientação para temas das populações locais, em que se reúnem os autores como **Rui de Noronha**, **Fonseca Amaral** ou **Virgílio Lemos**. **João Albasini** é também autor de uma obra fundacional na poesia moçambicana, *O Livro da Dor* (1925). Por outro lado, os primórdios da ficção devem-se a **João Dias** (*Godido e Outros Contos*, ed. da CEI de 1952). Nos inícios dos século XX escreve também **Rui de Noronha** (*Sonetos*, 1946, postumamente).

Mais tarde surgem as revistas *Itinerário* (1941–1955) e, sobretudo, *Msaho* (1952), preocupada com a “moçambicanidade”, com número único, em cujas páginas foi publicado o que era essencial na poesia da época. Neste período, antes da independência, há pelo menos três poetas que devem ser salientados: **Noémia de Sousa** (*Sangue Negro*, caderno policopiado), **José Craveirinha**, o “poeta nacional”, com obra nos jornais, revistas e gavetas (*Xigubo*, 1964, *Karingana ua Karingana*, 1974, *Cela 1*, 1980, e *Maria*, 1988) e **Rui Knopfli** (*Mangas Verdes com Sal*, 1969). Na prosa destaca-se **Luís Bernardo Honwana** (*Nós Matámos o Cão Tinhoso*, 1964) e **Orlando Mendes**, o autor do primeiro romance moçambicano (*Portagem*, 1966).

Em 1971–1972 saem ainda os cadernos *Caliban* sob a direção de **António Quadros**, **Eugénio Lisboa** e **Rui Knopfli**, de carácter cosmopolita, não vinculado à luta pela libertação, onde são publicados autores portugueses ao lado de moçambicanos.

Após a independência, aparece a revista *Charrua* (1984), em que se revelam os novos autores como **Ungulani Ba Ka Khosa**, e *Gazeta de Artes e Letras* (da revista *Tempo*), dirigida por **Luís Carlos Patraquim**, um dos maiores nomes da poesia contemporânea (*Monção*, 1980). Entre os autores contemporâneos, mundialmente conhecidos e traduzidos, destacam-se **Mia Couto** e **Paulina Chiziane**.

RUI DE NORONHA

(1909–1943), o precursor da moderna poesia moçambicana. Conhecido pelos seus sonetos (*Sonetos*, 1943, edição póstuma).

SURGE ET AMBULA

Dormes! e o mundo marcha, ó pátria do mistério.
Dormes! E o mundo avança, o tempo vai seguindo...
O progresso caminha ao alto de um hemisfério
E no outro tu dormes o sono teu infindo...

A selva faz de ti sinistro eremitério,
onde sozinha, à noite, a fera anda rugindo.
A terra e a escuridão têm aqui o seu império
E tu, ao tempo alheia, ó África, dormindo...

Desperta. Já no alto adejam negros corvos
Ansiosos de cair e de beber aos sorvos
Teu sangue ainda quente, em carne de sonâmbula...

Desperta. O teu dormir já foi mais que terreno...
Ouve a voz do Progresso, este outro Nazareno
Que a mão te estende e diz – “**África, surge et ambula**”.

(NORONHA, Ruy de, *Sonetos*, s/d [1943], In FERREIRA, Manuel.

No Reino de Caliban III. Lisboa: Plátano Editora, 1984, p. 37)

NOÉMIA DE SOUSA

(1926–2003), poetisa, cujo caderno *Sangue Negro* (1961?) pode ser considerado um dos mais acabados exemplos da poética negritudinista, a porta-voz dos marginalizados e menosprezados pela cor da pele. Com os seus poemas deu um impulso a outros poetas seus contemporâneos.

NEGRA

Gentes estranhas com seus olhos cheios doutros mundos
quiseram cantar teus encantos
para eles só de mistérios profundos,
de delírios e feitiçarias ...
Teus encantos profundos de África.

Mas não puderam.
Em seus formais e rendilhados cantos,
ausentes de emoção e sinceridade,
quedaste-te longínqua, inatingível,
virgem de contactos mais fundos.
E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,
jarra etrusca, exotismo tropical,
demência, atracção, crueldade,
animalidade, magia...
e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.

Em seus formais cantos rendilhados
foste tudo, negra...
menos tu.

E ainda bem.
Ainda bem que nos deixaram a nós,
Do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,
sofrimento,
a glória única e sentida de te cantar
com emoção verdadeira e radical,
a glória comovida de cantar, toda amassada,
moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE

Lourenço Marques, 8 de novembro de 1951

(SOUSA, Noémia de, “Negra”, Mensagem, Luanda, nº 2/4, 1951, In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban III*. Lisboa: Plátano Editora, 1984, p. 90)

SANGUE NEGRO

Ó minha África misteriosa e natural,
minha virgem violentada,
minha Mãe!

Como eu andava há tanto desterrada,
de ti alheada,
distante e egocêntrica,
por estas ruas da cidade
engravidadas de estrangeiros!

Minha Mãe, perdoa!

Como se eu pudesse viver assim,
desta maneira, eternamente,
ignorando a carícia fraternamente
morna do teu luar
(meu princípio e meu fim)...

Como se não existisse para além
dos cinemas e dos cafés, a ansiedade
dos teus horizontes estranhos, por desvendar...

Como se nos teus matos cacimbados
não cantassem em surdina a sua liberdade
as aves mais belas, cujos nomes são mistérios ainda fechados!

Como se teus filhos – régias estátuas sem par – ,
altivos, em bronze talhados,
endurecidos no lume infernal
do teu sol causticante, tropical,
como se teus filhos intemeratos, sofrendo, lutando,
à terra amarrados,
como escravos, trabalhando,
amando, cantando
– meus irmãos não fossem!

Ó minha Mãe África, “ngoma” pagã,
escrava sensual,
mística, sortilêga, – perdoa

À tua filha tresvairada
– abre-te e perdoa!
Que a força da sua seiva vence tudo!
E nada mais foi preciso, que o feitiço ímpar
dos teus tantãs de guerra chamando,
dundundundun-tã-tã-dundundun-tã-tã,
nada mais que a loucura elementar
dos teus batuques bárbaros, terrivelmente belos...
– para que eu vibrasse,
– para que eu gritasse,
– para que eu sentisse, funda, no sangue, a tua voz, Mãe!
E, vencida, reconhecesse os nossos elos...
E regressasse à minha origem milenar.
Mãe, minha mãe África
das canções escravas ao luar,
não posso, não posso repudiar
o sangue bárbaro que me legaste...
Porque em mim, em minha alma, em meus nervos,
ele é mais forte que tudo,
eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, Mãe!

(SOUSA, Noémia de, “Sangue Negro”, Mensagem, Luanda, nº 2/4, 1951,

In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban III*.

Lisboa: Plátano Editora, 1984, p. 91–92)

JOSÉ CRAVEIRINHA

(1922–2003), poeta, jornalista e ativista político, preso pela PIDE (o testemunho poético em *Cela 1*, 1980). Figura tutelar da poesia moçambicana, com poemas de inspiração neorrealista e negritudinista (*Xigubo*, 1964, *Karingana ua Karingana*, 1974), mas também intimista, confessional e amorosa (*Maria*, 1988). A sua obra na totalidade, que exprime uma busca incessante da moçambicanidade, pode ser percebida como uma “epopeia” da nação.

GRITO NEGRO

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
E fazes-me tua mina
Patrão!

Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão
Para te servir eternamente como força motriz
mas eternamente não
Patrão

Eu sou carvão!
E tenho que arder, sim
E queimar tudo com a força da minha combustão.

Eu sou carvão!
Tenho que arder na exploração
Arder até às cinzas da maldição
Arder vivo como alcatrão, meu irmão
Até não ser mais tua mina
Patrão!

(CRAVEIRINHA, José. *Xigubo*. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 13)

HINO À MINHA TERRA

O sangue dos nomes
é o sangue dos homens
Suga-o também se és capaz
tu que não os amas.

Amanhece
sobre as cidades do futuro.
E uma saudade cresce no nome das coisas
e digo Metengobalame e Macomia
e é Metengobalame a cálida palavra
que os negros inventaram
e não outra coisa Macomia.

E grito Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!
E torno a gritar Inhamússua, Mutamba, Massangulo!!!
E outros nomes da minha terra
afluem doces e altivos na memória filial
e na exacta pronúncia desnudo-lhes a beleza.
Chulamáti! Manhoca! Chinhambanine!
Morrumbala, Namaponda e Namarroi
e o vento a agitar sensualmente as folhas dos canhoeiros
eu grito Angoche, Marrupa, Michafutene e Zóbuè
e apanho as sementes do cutlho e a raiz da txumbula
e mergulho as mãos na terra fresca de Zitundo.
Oh, as belas terras do meu áfrico País
e os belos animais astutos
ágeis e fortes dos matos do meu País
e os belos rios e os belos lagos e os belos peixes
e as belas aves dos céus do meu País
e todos os nomes que eu amo belos na língua ronga
macua, suaíli, changana,
xítsua e bitonga
dos negros de Camunguine, Zavala, Meponda, Chissibuca
Zongoene, Ribáuè e Mossuril.
– Quissimajulo! Quissimajulo! – Gritamos
nossas bocas autenticadas no hausto da terra.
– Aruângua! – Responde a voz dos ventos na cúpula das micaias.

E o luar de cabelos de marfim nas noites de Murrupula
e nas verdes campinas das terras de Sofala a nostalgia sinto
das cidades inconstituídas de Quissico
dos chindjinguiritanas no chilro tropical de Mapulanguene
das árvores de Namacurra, Muxilipo, Massinga
das inexistentes ruas largas de Pindangonga
e das casas de Chinhanguanine, Mugazine e Bala-Bala
nunca vistas nem jamais sonhadas ainda.

Oh! O côncavo seio azul-marinho da baía de Pemba
e as correntes dos rios Nhacuaze, Incomáti, Matola, Púnguè
e o potente espasmo das águas do Limpopo.
Ah! E um cacho das vinhas de espuma do Zambeze coalha ao sol
e os bagos amadurecem fartos um por um
amuletos bantos no esplendor da mais bela vindima.
E o balir pungente do chango e da impala
o meio olhar negro do xipene
o trote nervoso do egocero assustado
a fuga desvairada do inhacoso bravo no Funhalouro
o espírito de Mahazul nos poentes da Munhuana
o voar das sécuas na Gorongoza
o rugir do leão na Zambézia
o salto do leopardo em Manjacaze
a xidana-kata nas redes dos pescadores da Inhaca
a maresia no remanso idílico de Bilene Macia
o veneno da mamba no capim das terras do régulo Santaca
a música da timbila e do xipendana
o ácido sabor da nhantsuma doce
o sumo da mampsincha madura
o amarelo quente da mavúngua
o gosto da cuácua na boca
e o feitiço misterioso de Nengué-ua-Suna.

Meus nomes puros dos tempos
de livres troncos de chanfuta umbila e mucarala
livres estradas de água
livres pomos tumefactos de sémen
livres xingombelas de mulheres e crianças
e xigubos de homens completamente livres!

Grito Nhanzilo, Eráti, Macequece
e o eco das micaias responde: Amaramba, Murrupula,
e nos nomes virgens eu renovo o seu mosto em Muanacamba
e sem medo um negro queima as cinzas e as penas de corvos de agoiro
não corvos sim manguavavas
no esconjuro milenário do nosso invencível Xicuembo!

E o som da xipalapala exprime
os caninos amarelos das quizumbas ainda
mordendo agudas glandes intumescidas de África

antes da circuncisão ébria dos tambores incandescentes
da nossa maior Lua Nova.

(CRAVEIRINHA, José. *Xigubo*. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 21–23)

JACARANDÁS DE SAUDADE

Tempo
de seus passos vindo
pelo tapete de roxas flores
dos jacarandás enfileirados na rua.

Hoje
é eterno o ontem
da silueta de Maria
caminhando no asfalto da memória
em nebuloso pé ante pé do tempo.

...

Todo o tempo
colar de missangas ao pescoço
sempre o tempo todo
suruma minha suruma da saudade.

Suruma daquela saudade
das flores dos jacarandás
nos passos de Maria.

(CRAVEIRINHA, José. *Maria*. Lisboa: Caminho, 1998, p. 20)

RUI KNOPFLI

(1932–1997), viveu em Moçambique até 1975, um dos nomes mais importantes da vida cultural moçambicana. Consciente do labor poético, nunca cedeu a imediatismos portadores de ideologias, mantendo a sua independência artística, autonomia e, decerto, exclusividade. Autor bipátrida, cuja obra, para além de outros temas, denuncia uma procura sempre aflita de raízes e identidade (a nível pessoal e literário). Hoje em dia recuperado pela voz de novas gerações de poetas. Dentro da sua obra destacam-se as coletâneas *O País dos Outros* (1959), *Mangas Verdes Com Sal* (1969), *Memória Consentida*. *20 Anos de Poesia – 1959/1979* (1979), *O Monhé das Cobras* (1997).

NATURALIDADE

Europeu, me dizem.
Eivam-me de literatura e doutrina
europeias
e europeu me chamam.

Não sei se o que escrevo tem a raiz de algum
pensamento europeu.
É provável... Não. É certo,
mas africano sou.
Pulsa-me o coração ao ritmo dolente
desta luz e deste quebranto.
Trago no sangue uma amplidão
de coordenadas geográficas e mar Índico.
Rosas não me dizem nada,
caso-me mais à agrura das micaias
e ao silêncio longo e roxo das tardes
com gritos de aves estranhas.

Chamais-me europeu? Pronto, calo-me.
Mas dentro de mim há savanas de aridez
e planuras sem fim
com longos rios langues e sinuosos,
uma fita de fumo vertical,
um negro e uma viola estalando.

(KNOPFLI, Rui. *O país dos outros*, 1959, In *Obra Poética*.
Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, p. 59)

AUTO-RETRATO

De português tenho a nostalgia lírica
de coisas passadistas, de uma infância
amortalhada entre loucos girassóis e folguedos,
a ardência árabe dos olhos, o pendor
para os extremos: da lágrima pronta
à incandescência súbita das palavras contundentes,
do riso claro à angústia mais amarga.

De português, a costela macabra, a alma
enquistada de fado, resistente a todas
as ablações de ordem cultural e o saber
que o tinto, melhor que o branco,
há-de atestar a taça na ortodoxia
de certas vitualhas de consistência e paladar telúrico.

De português, o olhinho malandro, concupiscente
e plurirracial, lesto na mirada ao seio
entrevisto, à nesga de perna, à fimbria de nádega,
a resposta certa e lépida a dardejar nos lábios,
o prazer saboroso e enternecido da má-língua.

De suíço tenho, herdados de meu bisavô,
um relógio de bolso antigo e um vago, estranho nome.

(KNOPFLI, Rui. *Mangas verdes com sal*, 1969, In *Obra Poética*.

Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, p. 259)

DAWN

Agónica noite estremece
e despedaça-se
lá fora em chuva
nas vidraças.
Das sombras, das solidões
dos recantos recônditos
da noite e da chuva
saem homens.
Pela crosta da terra passa
um frémito de arrepio.
Chove.
Chove em África.

É noite
É noite em África.
Mão desmedida ergue-se
no breu,
corpo da terra que as águas
fecundam, impregnam.
Silêncios, hesitações,
sono de séculos, jugos,
racham em surdina.
Jogamos *bridge* na tepidez
do *living*,
reclinamo-nos na morna
penumbra erótica
dos cinemas,
ou dormimos em calma
digestão.
Para lá
da noite angustiada
monótono acalanto ergue
a voz.
No inescrutável, nas sombras,
nos recantos recônditos de agónica noite
África desperta...

(KNOPFLI, Rui. *O país dos outros*, 1959, In *Obra Poética*.
Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, p. 88–89)

LUÍS BERNARDO HONWANA

(1942), nome literário de Luís Augusto Bernardo Manuel, ficcionista, ativista político. A sua obra, limitada a uma coletânea de contos (*Nós Matámos o Cão-Tinhoso*, 1964), é considerada como uma das mais marcantes da literatura moçambicana. Num estilo coloquial, mas invulgarmente denso e emotivo, desenvolvem-se as histórias que por um lado suportam uma mensagem ideológica, circunscrita ao contexto da resistência ao sistema colonial, por outro lado exprimem as constantes universais de arte e humanidade, de alcance simbólico (o tema da aprendizagem dum jovem que passa pelo erótico, pela violência e pela aquisição de consciência, o tema da marginalidade e solidariedade etc.).

NÓS MATÁMOS O CÃO TINHOSO

O Cão-Tinhoso tinha uns olhos azuis...

O Cão-Tinhoso tinha uns olhos azuis que não tinham brilho nenhum, mas eram enormes e estavam sempre cheios de lágrimas, que lhe escorriam pelo focinho. Metiam medo aqueles olhos, assim tão grandes, a olhar como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer.

Eu via todos os dias o Cão-Tinhoso a andar pela sombra do muro em volta do pátio da Escola, a ir para o canto das camas de poeira das galinhas do Senhor Professor. As galinhas nem fugiam, porque ele não se metia com elas, sempre a andar devagar, à procura de uma cama de poeira que não estivesse ocupada.

O Cão-Tinhoso passava o tempo todo a dormir, mas às vezes andava, e então eu gostava de o ver. Com os ossos todos à mostra no corpo magro. Eu nunca via o Cão-Tinhoso a correr e nem sei mesmo se ele era capaz disso, porque andava todo a tremer, mesmo sem haver frio, fazendo balanço com a cabeça, como os bois e dando uns passos tão malucos que parecia uma carroça velha.

Houve um dia que ele ficou o tempo todo no portão da Escola a ver os outros cães a brincar no capim do outro lado da estrada, a correr, a correr, e a cheirar debaixo do rabo uns aos outros. Nesse dia o Cão-Tinhoso tremia mais do que nunca, mas foi a única vez que o vi com a cabeça levantada, o rabo direito e longe das pernas e as orelhas espetadas de curiosidade.

Os outros cães às vezes deixavam de brincar e ficavam a olhar para o Cão-Tinhoso. Depois zangavam-se e punham-se a ladrar, mas como ele não dissesse nada e só ficasse para ali a olhar, viravam-lhe as costas e voltavam a cheirar debaixo do rabo uns aos outros e a correr.

Duma dessas vezes, o Cão-Tinhoso começou a chiar com a boca fechada e avançou para os outros quase que a correr, mas com a cabeça muito direita e as orelhas mais

espetadas do que nunca. Quando os outros se viraram para ver o que ele queria, teve medo e parou no meio da estrada.

Os outros cães ficaram um bocado a pensar no que haviam de fazer por ele estar a olhar para eles daquela maneira. É que o Cão-Tinhoso queria ir meter-se com eles.

Depois o cão do Senhor Sousa, o Bobí, disse qualquer coisa aos outros e avançou devagar até onde estava o Cão-Tinhoso. O Cão-Tinhoso fingiu não ver e nem se mexeu quando o Bobí lhe foi cheirar o rabo: olhava sempre em frente. O Bobí, depois de ficar uma data de tempo a andar em volta do Cão-Tinhoso, foi a correr e disse qualquer coisa aos outros - o Leão, o Lobo, o Mike, o Simbi, a Mimosa e o Lulu - e puseram-se todos a ladrar muito zangados para o Cão-Tinhoso. O Cão-Tinhoso não respondia, sempre muito direito, mas eles zangaram-se e avançaram para ele a ladrar cada vez mais de alto. Foi então que ele recuou com medo, e voltando-lhes as costas, veio para a Escola, com o rabo todo enfiado.

Quando passou por mim ouvi-o a chiar com a boca fechada e vi-lhe os olhos azuis, cheios de lágrimas e tão grandes a olhar como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer. Mas ele nem olhou para mim e foi pela sombra do pátio da Escola, sempre com a cabeça a fazer balanço como os bois e a andar como uma carroça velha, para o canto das camas de poeira das galinhas do Senhor Professor.

Os outros cães ainda ficaram um bocado a ladrar para o portão da Escola, todos zangados, mas voltaram para o capim do outro lado da estrada para continuar a correr, a rebolar, a fingir que se mordiam uns aos outros, a correr, a correr e a cheirar debaixo do rabo uns dos outros.

De vez em quando o Bobí olhava para o portão da Escola e, lembrando-se do Cão-Tinhoso, punha-se a ladrar outra vez. Os outros, ao ouvi-lo, deixavam de brincar e punham-se também a ladrar, muito zangados, para o portão da Escola.

(...)

O Cão-Tinhoso tinha a pele velha, cheia de pelos brancos, cicatrizes e muitas feridas, e em muitos sítios não tinha pêlos nenhuns, nem brancos nem pretos e a pele era preta e cheia de rugas como a pele de um gala-gala. Ninguém gostava de lhe passar a mão pelas costas como aos outros cães.

A Isaura era a única que gostava do Cão-Tinhoso e passava o tempo todo com ele, a dar-lhe o lanche dela para ele comer e a fazer-lhe festinhas, mas a Isaura era maluquinha, todos sabiam disso.

A Senhora Professora já tinha dito que ela não regulava lá muito bem e que o pai a havia de tirar da Escola pelo Natal.

A Isaura não brincava com as outras meninas e era a mais velha da segunda classe. A Senhora Professora zangava-se por ela não saber nada e dar erros na cópia, e dizia-lhe que só não lhe dava reguadas porque sabia que ela não tinha tudo lá dentro da cabeça. Quando ia para o estrado ler a lição não se ouvia nada e a gente dizia -. «Não se ouve

nada, não se ouve nada» –, e a Senhora Professora dizia que os meninos da quarta classe não tinham nada que ouvir. Então os meninos da segunda classe começavam a dizer: «Não se ouve nada, não se ouve nada». A Senhora Professora zangava-se e fazia uma bronca dos diabos. Por isso, no intervalo, as outras meninas faziam uma roda com a Isaura no meio e punham-se a dançar e a cantar: «Isaura-Cão-Tinhoso, Cão-Tinhoso, Cão-Tinhoso, Tinhoso, Isaura-Cão-Tinhoso, Cão-Tinhoso, Tinhoso». A Isaura parecia que não ouvia e ficava com aquela cara de parva, a olhar para todos os lados à procura de não sei que, como dizia a Senhora Professora.

(HONWANA, Luís Bernardo. “Nós matámos o cão tinhoso”

In *Nós Matámos o Cão Tinhoso*. Porto: Afrontamento, 1972, p. 9–11, 12–13)

AS MÃOS DOS PRETOS

Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar.

Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras que agora é ver-me a não largar seja quem for enquanto não me disser porque é que eles têm as palmas das mãos assim mais claras. A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa.

O Senhor Antunes da Coca-Cola, que só aparece na vila de vez em quando, quando as coca-colas das cantinas já tenham sido todas vendidas, disse que tudo o que me tinham contado era aldrabice. Claro que não sei se realmente era, mas ele garantiu-me que era. Depois de eu lhe dizer que sim, que era aldrabice, ele contou então o que sabia desta coisa das mãos dos pretos. Assim:

“Antigamente, há muitos anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o barro das criaturas levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum, ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber porque é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?!”.

Depois de contar isto o Senhor Antunes e os outros Senhores que estavam à minha volta desataram a rir, todos satisfeitos.

Nesse mesmo dia, o Senhor Frias chamou-me, depois de o Senhor Antunes se ter ido embora, e disse-me que tudo o que eu tinha estado para ali a ouvir de boca aberta era uma grandessíssima pêta. Coisa certa e certinha sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo.

Mas eu li num livro que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de mais não sei aonde. Já se vê que a Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só por as mãos deles desbotarem à força de tão lavadas.

Bem, eu não sei o que vá pensar disso tudo, mas a verdade é que ainda que calosas e gretadas, as mãos dum preto são sempre mais claras que todo o resto dele. Essa é que é essa!

A minha mãe é a única que deve ter razão sobre essa questão de as mãos de um preto serem mais claras do que o resto do corpo. No dia em que falámos nisso, eu e ela, estava-lhe eu ainda a contar o que já sabia dessa questão e ela já estava farta de se rir. O que achei esquisito foi que ela não me dissesse logo o que pensava disso tudo, quando eu quis saber, e só tivesse respondido depois de se fartar de ver que eu não me cansava de insistir sobre a coisa, e mesmo assim a chorar, agarrada à barriga como quem não pode mais de tanto rir. O que ela disse foi mais ou menos isto:

“Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver ... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exactamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem, é apenas obra de homens ... Que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos”.

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos.

Quando fugi para o quintal, para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido.

(HONWANA, Luís Bernardo. “As mãos dos pretos”

In *Nós Matámos o Cão Tinhoso*. Porto: Afrontamento, 1972, p. 111-114)

MIA COUTO

(1955), nome literário de António Emílio Leite Couto, ficcionista e biólogo, uma voz original e inovadora não só na literatura moçambicana. A sua escrita caracteriza-se por uma subversão do português, criando (“brincando”) uma linguagem nova, exposta ao cruzamento de culturas, ao mesmo tempo coloquial (fala popular) e artística (no sentido de uma criação artificial). O universo das suas narrativas, rural, de sabor ancestral e com recurso ao mágico, próprio da tradição oral, denuncia a tragédia moçambicana expressa na guerra civil, bem como a conflituosidade entre o tradicional e o moderno. Destacam-se os romances *Terra Sonâmbula* (1993), *O Último Voo do Flamingo* (2000), *Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra* (2002), *A Confissão da Leoa* (2012) e as coletâneas de contos (*Vozes Anotecidas*, 1986, *Cada Homem É Uma Raça*, 1990, *Na Berma de Nenhuma Estrada e Outros Contos*, 2001, *O Fio das Missangas*, 2003 etc.)

O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA

De repente, o boi explodiu. Rebentou sem um múúú. No capim em volta choveram pedaços e fatias, grão e folhas de boi. A carne eram já borboletas vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas. Os chifres ficaram num qualquer ramo, balouçando a imitar a vida, no invisível do vento. O espanto não cabia em Azarias, o pequeno pastor. Ainda há um instante ele admirava o grande boi malhado, chamado de Mabata-bata. O bicho pastava mais vagaroso que a preguiça. Era o maior da manada, régulo da chifraria, e estava destinado como prenda de lobolo do tio Raul, dono da criação. Azarias trabalhava para ele desde que ficara órfão. Despegava antes da luz para que os bois comessem o cacimbo das primeiras horas.

Olhou a desgraça: o boi poeirado, eco de silêncio, sombra de nada.

“*Deve ser foi um relâmpago*”, pensou.

Mas relâmpago não podia. O céu estava liso, azul sem mancha. De onde saía o raio? Ou foi a terra que relampejou?

Interrogou o horizonte, por cima das árvores. Talvez o ndlati, a ave do relâmpago, ainda rodasse os céus. Apontou os olhos na montanha em frente. A morada do ndlati era ali, onde se juntam os todos rios para nascerem da mesma vontade da água. O ndlati vive nas suas quatro cores escondidas e só se destapa quando as nuvens rugem na rouquidão do céu. É então que o ndlati sobe aos céus, enlouquecido. Nas alturas se veste de chamas, e lança o seu voo incendiado sobre os seres da terra. Às vezes atira-se no chão, buracando-o. Fica na cova e aí deita a sua urina.

Uma vez foi preciso chamar as ciências do velho feiticeiro para escavar aquele ninho e retirar os ácidos depósitos. Talvez o Mabata-bata pisara uma réstia maligna do ndlati.

Mas quem podia acreditar? O tio, não. Havia de querer ver o boi falecido, ao menos ser apresentado uma prova do desastre. Já conhecia bois relampejados: ficavam corpos queimados, cinzas arrumadas a lembrar o corpo. O fogo mastiga, não engole de uma só vez, conforme sucedeu-se.

Reparou em volta: os outros bois, assustados, espalharam-se pelo mato. O medo escorregou dos olhos do pequeno pastor.

– *Não apareças sem um boi, Azarias. Só digo: é melhor nem apareceres.*

A ameaça do tio soprava-lhe os ouvidos. Aquela angústia comia-lhe o ar todo. Que podia fazer? Os pensamentos corriam-lhe como sombras mas não encontravam saída. Havia uma só solução: era fugir, tentar os caminhos onde não sabia mais nada. Fugir é morrer de um lugar e ele, com os seus calções rotos, um saco velho a tiracolo, que saudade deixava? Maus tratos, atrás dos bois. Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância. Brincar era só com os animais: nadar o rio na boleia do rabo do Mabata-bata, apostar nas brigas dos mais fortes. Em casa, o tio adivinhava-lhe o futuro:

– *Este, da maneira que vive misturado com a criação há-de casar com uma vaca.*

E todos se riam, sem quererem saber da sua alma pequenina, dos seus sonhos maltratados. Por isso, olhou sem pena para o campo que ia deixar. Calculou o dentro do seu saco: uma figa, frutos do djambalau, um canivete enferrujado. Tão pouco não pode deixar saudade. Partiu na direcção do rio. Sentia que não fugia: estava apenas a começar o seu caminho. Quando chegou ao rio, atravessou a fronteira da água. Na outra margem parou à espera nem sabia de quê.

(COUTO, Mia. “O dia em explodiu Mabata-bata” In *Vozes Anoitecidas*.

Lisboa: Caminho, 1987, p. 47–49)

NA BERMA DE NENHUMA ESTRADA

Estou aqui no sopé da estrada, à espera que alguém me leve. Um qualquer, tanto faz. Basta que passe e me leve. É meu sonho antigo: sair deste despovoado, alcançar o longe. Até já cansei este sonho. Meu tio sempre me avisou: não durma perto da estrada que as poeiras irão sujar seus sonhos. E aconteceu. Mas eu, nem se acredita, eu sempre gostei de poeira porque me traz ilusão dos caminhos que não conheço.

Assim, vou santificando os dias, sempre iguais, no mesmo-que-mesmo. Me ajeito de belezas emprestadas, peço roupas às vizinhas, pinto-me com sobras de maquilhagens que apanho na loja do Tio Josseldo. Me exhibo na margem, os camiões vão passando, uns e todos. Nenhum pára para mim. A vila de Passo-Longe é tão longe que nem saudade aqui chega. Ao fim do dia, me olho no espelho da cantina e nem me reconheço. Porque dentro de mim há qualquer coisa de falecida, a secreta desistência de mim – nunca ninguém me vai carregar.

Aquele é o único espelho da nossa vila. O Tio até cobra quem nele se espreita. É por tempo, nunca mais de cinco minutos, não vá desbotar o brilho do espelho. De regresso à loja do Tio Josseldo, eu fico olhando a tabuleta - a Boutique Pinta-Bocas - e agradeço aquela dádiva de existir um parente que me seja familiar. Ali durmo, bem enroscada, que é para a noite nem me notar. Embrulhada, à moda de quarto minguante.

Dia seguinte, volto a pintar os lábios enquanto meu tio vai repetindo sua ladainha:

– *Pode pintar os dois, de cima e de baixo.*

– *Obrigada, tio.*

– *Agora, fala a verdade: não é que ninguém lhe queira levar. Você é que sempre inventa razão para ficar. Confessa lá, sobrinha.*

– *Não é verdade, tio. Eu só quero ir daqui.*

– *Você há-de ficar na soleira da estrada.*

Há, sim, motoristas que páram. Pensam que sou prostituta. Confundem o intento de minhas vestes. Mas não é meu corpo que ofereço. O que entrego é minha vida. Só mostro minhas redonduras por vaidade, convidaçã das carnes. Minha vaidade é estar viva. Os outros são outros, juntos é que somos gente. Só eu padeço de mim, envelhecida de esperar, mais baça que o espelho da loja.

Não quero alegria de morcego que sai para o mundo quando já tudo anoiteceu. Quero sair quando ainda tenho mocidades para viver, peito encostado na alma. Tenho inveja da chuva: tomba e logo muda de nome. Termina a chuvinha e começa a água, acaba o corpo e começa a substância.

Veja-se: brincar é a primeira festa que a vida nos oferece. Depois, vem o sonho, segundo festejo. Agora, o que eu quero: a vida me ofereça uma festa para mim. Porque, antes, eu não tive criancice nem sonho. Meu pai saiu cedo, minha mãe, em seguida, perdeu o prumo do juízo. De meus pais só tenho lembrança de uma tarde que se repete como se fosse o tempo inteiro. Ainda estado e havido, meu pai não me dera nenhum nome. Minha mãe reclamava:

– *Mas como lhe hei-de chamar?*

– *Há-de-se ver, mulher. Há-de-se ver.*

Respondia como sempre falava: há-de-se ver. Não fazia nenhuma ideia.

– *Lhe vá chamando só assim: menina.*

Meu pai foi-se, escoado na estrada. Nesta mesma estrada onde eu me alinho, mais minhas monotonidades. Foi nas minas, não voltou. Minha mãe ficou tão pasmada no regresso dele, que ela nunca saiu daqueles aguardos. Os vizinhos até inventaram um fingimento: fazia-se de conta que chegavam lembranças, encomendas que eles mesmos improvisavam.

– *Seu marido lhe trouxe isto, Dona Constança.*

Tudo de mentira. Minha mãe se comovia até às lágrimas. Homem bom, nunca esquecido dos deveres. Tão bom que nem existia, concluíam em silêncio os vizinhos. Como eu queria não saber daquela mentira, acreditar como minha mãe acreditava.

Por isso eu, agora, quero tanto ter saudade de alguém. No entanto, não tenho ninguém em quem deitar amor. Podia gostar do Tio Josseldo que me tem tomado conta. Mas não quero. Amor é como dever de religião – a gente não tem folga. Eu quero é distração para o meu peito. Alívio de canseira. Quero uma estrada para meu coração . De ida sem volta. Só para o além.

(COUTO, Mia. “Na berma de nenhuma estrada”.

In: *Na Berma de Nenhuma Estrada e Outros Contos*.

Lisboa: Caminho, 2001, p. 117–119)

O CAÇADOR DE AUSÊNCIAS

O miúdo falou que Florinha fugira de casa, numa noite dessas. Diz-se que ela se entranhara na floresta, deambulando sem destino. Ainda lhe seguiram o rasto até à curva do rio. Depois, subitamente, nenhuma pegada, nenhum vestígio, nenhuma gota. Mal soube da fuga, Vasco ordenou que todos espalhassem vigília e desgrenhassem capins e arvoredos. Enlouquecido passou o mato a pente fino. Pobre homem: abanava a árvore para cair fruto, mas quem tombou foi serpente. A solidão se enroscou, definitiva, no seu viver. E o homem se azedou a pontos de se raivar contra tudo e todos. Quem sabe tinha sido boa fortuna eu ter falhado encontrar-me com esse Vasco? Com certeza, ele me receberia a tiro de espingarda ...

Assim, com saco vazio e alma magra eu me fiz ao mato, ensaiando um arrastoso regresso. Trazia comigo o meu nenhum dinheiro, bolso enchido de sopro. Um céu triste me enevoava. Pela primeira vez, chamava lembranças e a Florinha não comparecia. Estranhei, com suspeição. Porque ela se tinha retirado da sua ausência?

Meu sobressalto tinha razão. Porque, sem saber, um contrabandoleiro me tinha seguido desde a cidade. O malandro sabia, por certo, que eu ia colectar um montante. Tomando-me por um zé-alguém, o bandido me emboscou. Saltou de um penhasco, sombra encostando-se-me no corpo. Foi espetando nariz no meu hálito enquanto encostava o cano da espingarda no meu pé. Olhei para baixo, em respeito do medo.

De repente, o valor das minhas partes inferiores se desenhou, superior, ante o meu juízo. Cada pé sustenta mais que uma perna, meio corpo, meia vida. Um pé suporta o passado, outro dá apoio ao futuro. Aquele pé que o matulão me ameaçava, eu sabia, aquele pé dava sustento ao meu futuro.

– *Esse, não. Lhe peça, dispare no outro pé.*

A mão do mautrapilho procurou encosto no meu ombro. Era gozo de tocar-me? Ou seria o gosto de me ver liquedesfazer em tremuras? Eu já fazia descontos na minha vivência, mais vazado que o saco que tremia em meu regaço. Corajoso é o que esquece de fugir? Pois, imóvel fiquei até que se escutou o formidável rugido, clamor de cavernosos dentes. Cruz em peito, credo na boca! O que seria um tal escarcéu? E eis que um

leopardo se subitou entre os ramos das árvores. E soou o disparo, tangenciando o instante. Tombei no meio de gritaria. Que se passara? O bandido, tomado de susto, disparou em seu próprio corpo. Tudo se passou em fracção de um «oh» e, no rebuliço, ainda acreditei ver um dedo maiúsculo voando, avulsamente pelo ar. Mas eu já me desencadeara dali, correndo tanto que os quilómetros se juntaram às léguas. Em pulos e tropeços, a distância me foi escudando.

Mas, contudo e porém. Mordido por ter cão, mordendo por não o ter. E eu me salvava de balázio para me perder na escura selva. Salvei-me da boca, metia-me no dente? Olhei em volta e o verde me enleava, pegajoso. Dormi com o relento, lençolei-me com o infinito da estrela. Pensava que era noite de passagem. Mas rodopiei mais noites às voltas, zarantolo. Assisti às quatro estações da lua. Comi raiz, masquei folha, trinquiei casca, cuspi-me a mim. Beberiquei orvalhos, na cafeteira da madrugada.

Já eu tinha perdido contas às manhãs quando ao despertar me rasgou um susto. Focinhando em meu rosto estava o leopardo. Minha alma caiu de joelhos, me entreguei a meu próprio fim. O felino achegou-se e estacou a rasar-me o corpo. Olhei seus olhos e estremei até às lágrimas: ali estavam, serenos e espantosos, os olhos de quem eu nunca me curara de ter amado.

Florinha!

E mesmo debaixo de tontura entreguei meu rosto, meu pescoço ao afago. Tanto que não senti nem dente, nem sangue. Os outros dizem que foi milagre o bicho não consumir em mim sua matadora vocação. Só eu guardo meus secretos motivos.

(COUTO, Mia. „O caçador de ausências.“ *O Fio das Missangas*.
Lisboa: Caminho, 2004, p. 120–122)

PAULINA CHIZIANE

(1955), ficcionista, considerada a primeira romancista moçambicana. Sensível em especial à problemática da mulher na sociedade moçambicana. Os seus romances (p. ex. *Balada de Amor ao Vento*, 1990, *Niketche, uma História de Poligamia*, 2002) inspiram-se na arte de contar estórias, recuperando a tradição oral, a sua linguagem e universo mágico. Põe em destaque o choque entre o mundo tradicional e o moderno.

NIKETCHE

A minha sogra andou esvoaçando entre casas e caminhos. Visita as novas noras, os netos, e distribui rebuçados e chocolates. Conquista-os. Visita os irmãos, filhos, famílias. Busca aliados e consensos. Fala de boca em boca. Busca votos de confiança. Faz a campanha a favor da família alargada, as noras devem ser loboladas. Não é de mim que eu falo, dizia ela. Fala em nome das crianças que crescem marginalizadas, sem conhecer as suas origens. Fala em nome daquelas mulheres pescadas no deserto da vida, produzindo almas que engrandecem esta família, mas que vivem à margem da sombra que lhes pertence. São chamadas de mães solteiras, confundidas com as divorciadas e as adúlteras, por viverem longe da sombra do seu homem. Grita não à monogamia, esse sistema desumano que marginaliza uma parte das mulheres, privilegiando outras, que dá tecto, amor e pertença a umas crianças, rejeitando outras, que pululam pelas ruas. Grita não contra o novo costume de ter uma esposa à luz e várias concubinas, com filhos escondidos. Os meus netos marginalizados pela lei clamam por reconhecimento. O sangue da grande família deve ser reunido na sombra da grande árvore dos antepassados. O meu filho é belo, dizia ela. As mulheres não resistem aos seus encantos. O meu filho tem sangue forte, em cada contacto produz um filho. O meu filho é um rizoma. É bambu. Estende-se pelos campos, alastra-se, multiplica-se. O meu filho tem destino de rei, de patriarca. O pai dele só teve poucos filhos, três apenas, mas Deus deu-nos o Tony para vingar a fertilidade da família estendendo o nosso grande nome pelos quatro cantos do mundo. Vai ter com o irmão padre e confronta-o. Por causa das vossas doutrinas as nossas famílias africanas não passam de montanhas isoladas boiando nas nuvens. Tu, padre, és filho da poligamia, filho da terceira mulher. Como podes tu condenar a poligamia que te trouxe ao mundo? Afasta as tuas más influências do meu filho. Deixa-o em paz com as suas esposas e filhos, nós africanos somos felizes assim. Todas aquelas mulheres devem ser loboladas.

A minha sogra fez de si uma flecha. Insurgiu-se contra os bons costumes da família cristã e tornou-se agente de regresso às raízes. Não encontrou nenhuma resistência.

O ciclo de lobolos começou com a Ju. Foi com dinheiro e não com gado. Lobolou-se a mãe, com muito dinheiro, num lobolo-casamento. As crianças foram legalmente reco-

nhecidas, mas não tinham sido apresentadas aos espíritos da família. Era preciso trazê-las do tecto da mãe para a sombra do patriarcal num acto de lobolo-perfilha, uma forma de legitimá-las uma vez que nasceram fora das regras de jogo de uma família polígama. Depois fez-se lobolo da Lu e dos filhos. As nortenas espantaram-se. Essa história de lobolo era nova para elas. Queriam dizer não por ser contra os seus costumes culturais. Mas envolve dinheiro e muito dinheiro. Dinheiro para os pais, dinheiro para elas, e para os filhos. Dinheiro que faz falta para comer, para viver, para investir. Quando se trata de benesses, qualquer cultura serve. Elas esqueceram o matriarcado e disseram sim à tradição patriarcal. Passámos três meses a andar de festa em festa. Era importante que todos os lobolos fossem feitos numa rajada, antes que o Tony mudasse de ideias. Nos lobolos todos introduzimos uma inovação: a certidão de lobolo, com todas as cláusulas contratuais, menos aquela parte que fala de assistentes conjugais em caso de incapacidade do marido. Ficaria um bocado imoral, não acham? Toda em papel almaço, com timbre e tudo, dactilografada, assinada por todos os membros presentes nas cerimónias. Com tantas assinaturas, aquilo ultrapassava uma certidão, parecia mais uma petição. Estamos na era da escrita, não estamos?

Fiquei de coração deprimido. O meu marido estava completamente retalhado. Retalhados todos os meus bens, a nossa segurança social, a nossa reforma, o nosso conforto que estava a ser jogado na terra como um punhado de sal numa panela de água. Eu partilho o pão e o vinho em comunhão. Partilho o marido por cinco, partilhamos um amante, a Lu e eu. Ah, amor profundo. Tu me retalhas o coração e me destroças em cada sopro. Vida, tu me obrigas a receber migalhas de amor que só a mim pertence. Fazes-me morrer devagarinho, célula a célula, e me sangras gota a gota. Adeus, meu marido total, meu amor de intimidade. Ah, vida! Fazes-me aceitar esta mordança só para ter o Tony por perto. Se eu digo não a toda esta confusão, o meu amor se espanta.

Tivemos a nossa primeira reunião formal, o parlamento conjugal, inaugurado pela minha sogra e pelas tias já velhotas, para nos darem lições e tudo o que quiséssemos saber sobre o amor polígamo.

– O meu Tony, ao lobolar cinco mulheres, subiu ao cimo do monte – diz a minha sogra. – Ele é a estrela que brilha no alto e como tal deve ser tratado. E tu, Rami, és a primeira. És o pilar desta família. Todas estas mulheres giram à tua volta e te devem obediência. Ordena-as. Castiga-as se for preciso. Tu é que deténs o trono e o ceptro. Exerça o teu poder sobre elas, submeta-as ao teu comando. Tu és a rainha desta casa.

Sinto-me promovida na hierarquia da tirania. Dão-me um chicote a que chamam ceptro, para açoitar todas as infelizes que cruzarem a minha estrada. Mas não vou açoitar ninguém. Vou guardar este bastão num baú e atirá-lo bem para o fundo do mar.

– Para começar, vocês devem elaborar uma escala conjugal. O marido deve ficar uma semana por cada uma, numa escala rotativa. Quem menstruar na semana de escala deve notificar-se imediatamente. Não podem conspurcar o corpo do Tony com as impu-

rezas das vossas menstruações. Isso pode-lhe provocar aquelas doenças que fazem os testículos ganhar o tamanho das abóboras.

Aquelas velhas damas têm rouxinóis nas gargantas e chilreiam as vozes mórbidas das cativas. Aquelas bocas desdentadas foram sugadas pelas pancadas. Os lábios nunca conheceram beijos, só lamentos.

– Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca servi-lo na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha. Quando servirem galinha, não se esqueçam das regras. Aos homens se servem os melhores nacos: as coxas, o peito, a moela. Quando servirem carne de vaca, são para ele os bifés, os ossos gordos com tutano. É preciso investir nele, tanto no amor como na comida. O seu prato deve ser o mais cheio e o mais completo, para ganhar mais forças e produzir filhos de boa saúde, pois sem ele a família não existe.

Não nos rimos daquilo, mas apetece-nos. Guardamos silêncio perante a ladainha com que sempre adormeceram as mulheres ao longo dos tempos ..

– Vocês, as mulheres modernas, têm o mau hábito de alimentar os homens de qualquer maneira. Guardam a comida na geleira por dias e dias. Um homem deve ser alimentado com comida fresca. É preciso acender uma fogueira em cada dia. Não dêem batatas cozidas no dia anterior, porque incham os testículos dos homens, principalmente dos rapazes em crescimento. Não comam nunca a cabeça de peixe, nem de vaca, nem de cabrito, que é comida de homem. A cabeça do animal representa a cabeça da família. A cabeça da família é o homem.

– Na ausência do pai, toma o comando da família o filho varão mais velho, mesmo que seja um bebé, é um líder, é o chefe da família por substituição.

– Façam uma escala conjugal. Uma semana em cada casa é quanto basta para conviver. Dormir e despertar no mesmo lugar é saudável. O homem não deve percorrer o perímetro da cidade em cada dia, porque é desgastante, pode morrer cedo. Tem muitas vantagens: em casos de aflição, todas saberão o lugar certo onde o poderão procurar.

Essas vozes são sal na brisa, roendo lentamente como salitre. Elas só sabem aquilo que a dor ensina. Não conhecem outro mundo senão a própria noite. E colocam a noite aos nossos olhos como único saber ao seu alcance.

Ah, Tony. Já não estou sozinha no teu encaço. Agora somos cinco. Quero ver se nos escapas com a tua esperteza de rato.

(CHIZIANE, Paulina. *Niketche. Uma História de Poligamia*.

Lisboa: Caminho, 2002, p. 123–127)

UNGULANI BA-KA-KHOSA

(1957), nome tsonga de Francisco Esaú Cossa, ficcionista, com um trabalho notável no domínio da ficção histórica (*Ualalapi*, 1987), de grande originalidade, em que a História (o registo documental, historiográfico) dialoga com a tradição oral, fornecendo ao mesmo tempo um suporte para a fantasia ficcional. As suas narrativas breves exploram também as vicissitudes do espaço urbano (*Orgia dos Loucos*, 1990).

MORTE INESPERADA

- O que é que se passa?
- Morreu um homem.
- Em que andar?

– No décimo, mamã –, e os dois moços desapareceram. E depois vieram outros, e a gritaria aumentou. A velha tentou lançar-se às escadas. O corpo não a ajudou. Em vez de se preocupar de novo com o andar sinistrado teve o cuidado de perguntar pelo nome do filho, com a nítida preocupação de não querer ouvir o nome do filho. Ao chegar ao quinto andar, após inúmeras perguntas, informaram-na, longe de saberem que se tratava da mãe. Nada mais fez que sentar-se e esvaír as lágrimas que saltavam dos olhos encovados e cansados com tal intensidade que em poucos segundos atingiram os seios flácidos, e continuaram a descer, em jorros contínuos, pelo vestido, ensopando-o e colando-o ao corpo. Minutos depois, levada pelo pressentimento infundado de que a morte tocara outra porta, subiu as escadas, recordando-se, no entanto, como todas as mães abaladas pelo infortúnio de um filho perdido em plena força da idade, do dia em que largara a enxada e percorrera, com as mãos e joelhos assentes na terra, o atalho que levava a casa, sentindo o filho bulindo no ventre. As mulheres acorreram no seu encaço e levaram-na à cabana principal. Foi o princípio duma semana de dores intensas ante o espanto e o medo das velhas que a largaram no fim do primeiro dia, cientes de que o demónio que carregava não mais viria, pois de tantas cenas macabras a que já puderam assistir nunca presenciaram cena igual, em que uma mulher de tanto gritar passara a uivar como os cães que pela noite adentro vão lançando maus presságios nas casas trancadas. O curandeiro, chamado a propósito, confessara, após três dias e três noites de trabalho intenso, ser incapaz de esconjurar os maus espíritos que dela se tinham apossado. E os uivos preencheram os dias e as noites até que Simbine, no sétimo dia, assomou por entre as coxas da mãe que desmaiou no momento em que acabara de lançar um uivo tão lancinante que as pessoas que cercavam a casa enterraram as mãos e os rostos na areia branca, enquanto outras, mais distantes, atiraram-se às mangueiras que cobriam o átrio.

Terás uma morte maldita, filho, disse-lhe, anos depois, o filho já adolescente, quando este recusava ir à escola, invocando razões já invocadas pelo avô, quando em redor do

fogo que lançava chispas intermitentes a noite polvilhada de estrelas, afirmara que os pretos viveram séculos sem o quinino e o livro, e que a sua vitalidade ia de gerações em gerações, e sua História corria na memória fértil dos velhos que habitaram estas terras antes dos homens da cor do cabrito esfolado entrarem com o barulho das suas armas, a sua língua e os seus livros.

– O tempo é outro, meu filho.

– As raízes ainda assentam na terra mãe. Não me ensinaste há tempos que o elefante não esquece, o lugar de repouso?

– Tens razão. Mas afirmei também que o que não acaba é um milagre. Deves ir à escola, filho.

– Não vou, mãe. E não te esqueças que uma galinha de poupa dá outras galinhas de poupa.

– O tambor deve estar esticado, filho.

– Não te preocupes, mãe.

E preferia correr por entre os arbustos do verde sem fim, nas manhãs e tardes, como uma gazela, livre, saltando os ramos e troncos aspargos pelo chão húmido e seco, e penetrar no capim alto e verde, aspirando a limpidez do ar e ouvindo as sonatas não pautadas dos pássaros multicolores que gorjeavam, ao findar da tarde com o sol vermelho queimando as copas verdes das árvores altas e baixas que se alongavam por terras sem fim; ou derrubava, com fúria animal, as mulheres que vinham do rio, limpas, com os seios como maçalas verdes coladas à pequena blusa molhada que não chegava ao umbigo, retirando rapidamente a capulana que punha a descoberto o corpo nu donde exalava o odor extasiante do púbis. Depois, os ramos que se quebravam e os estertores que se despegavam dos corpos misturavam-se aos trinados que enchiam o espaço incomensurável, numa harmonia inaudita. Combalidos, com os corpos ainda estirados no capim, sentiam a noite entrar, com outros compassos e outras músicas mais profundas, como que vindas das entranhas da terra. Era a hora das almas acordarem e deambularem pelas casas, atirando as suas vozes malélicas e benéficas. O meu mundo, mãe, é esta terra selvagem, dizia. É a minha escola.

(BA KA KHOSA, Ungulani. “Morte Inesperada”,

In SAÚTE, Nelson, *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*.

Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 426–429)

3. Literatura de Cabo Verde

De modo parecido a Angola e Moçambique, a literatura começa, em princípio, com a imprensa (*Cabo Verde*, 1907, *A Voz de Cabo Verde*, 1911, *O Mindelense*, 1913, *O Cabo-verdiano*, 1918 etc.). No início do século XX, instaura-se o período *Hesperitano*, nomeado pela alusão ao mito das Ilhas Hespérides, em que sobressai o tema de Pasárgada (pela referência ao poema do brasileiro Manuel Bandeira), de evasão (Pedro Cardoso, *Hespérides*, 1930, José Lopes, *Hesperitanas*, 1929).

Em 1936 aparece a revista *Claridade*, à volta de **Baltasar Lopes**, com o lema “fincar os pés na terra caboverdiana”, destacando-se nesta, também, o poeta **Jorge Barbosa** e os ficcionistas **Manuel Lopes** e **António Aurélio Gonçalves**. Com uma educação literária portuguesa e europeia (em especial, na literatura francesa do século XIX), trata-se de facto dos criadores da literatura caboverdiana autónoma que introduzem novos temas como a estígia, a emigração, a vida urbana (sobretudo do Mindelo e da burguesia). Baltasar Lopes é autor do romance caboverdiano fundador, *Chiquinho*, (1947). A revista é publicada ainda nos anos de 1947–1949 e de 1958–1960. Na esteira desta revista surge *Certeza* (1944), com maior preocupação pela temática social, à laia do neorealismo português (**Manuel Ferreira**, **Orlanda Amarílis** etc.).

No início da segunda metade do século XX, há uma ruptura significativa constituída pelo *Suplemento Cultural* do *Boletim de Cabo Verde* (1958), em que se anuncia uma nova geração (**Gabriel Mariano**, **Ovídio Martins**), introduzindo o tema da nacionalidade literária. Esta ruptura é exemplarmente expressa no ensaio *Consciencialização na Literatura Caboverdiana* (CEI, 1963) de **Onésimo Silveira** e no poema “Gritarei berrarei matarei Não vou para Pasárgada” de Ovídio Martins, nos quais se recusa o evasão esteticista hesperitano e claridoso.

Em 1962 aparece ainda *Sêló*, o suplemento de *Notícias de Cabo Verde*, a que estão ligados poetas como **Arménio Vieira** ou **Oswaldo Osório**.

Nos anos 70, a literatura consolida-se ainda mais com uma profusa obra narrativa (p. ex. **Teixeira de Sousa**), bem como com uma poesia original (**Corsino Fortes**). Após a independência, surgem muitas novas revistas, destacando-se *Ponto & Vírgula* (1983–1987) de **Germano Almeida**, autor de ficções entre o realismo e a fantasia.

JORGE BARBOSA

(1902–1971), poeta importante do movimento gerado em torno da revista *Clareidade* (1936). A sua poesia exprime a condição do ilhéu – a sensação de insularidade, configurada como uma tensão entre a necessidade de partir (escapar, por motivos de miséria, seca e fome, à prisão marítima) e o desejo de ficar, o amor à terra (*Arquipélago*, 1935, *Ambiente*, 1941, *Caderno de Um Ilhéu*, 1956).

POEMA DO MAR

O drama do Mar,
o desassossego do Mar,
sempre
sempre
dentro de nós!

O Mar!
cercando
prendendo as nossas Ilhas,
desgastando as rochas das nossas Ilhas!
Deixando o esmalte do seu salitre nas faces dos pescadores,
roncando nas areias das nossas praias,
batendo a sua voz de encontro aos montes,
baloiçando os barquinhos de pau que vão por estas costas...

O Mar!
pondo rezas nos lábios,
deixando nos olhos dos que ficaram
a nostalgia resignada de países distantes
que chegam até nós nas estampas das ilustrações
nas fitas de cinema
e nesse ar de outros climas que trazem os passageiros
quando desembarcam para ver a pobreza da terra!

O Mar!
a esperança na carta de longe
que talvez não chegue mais!...

O Mar!
saudades dos velhos marinheiros contando histórias de tempos passados,

histórias da baleia que uma vez virou a canoa...
de bebedeiras, de rixas, de mulheres,
nos portos estrangeiros...

O Mar!
dentro de nós todos,
no canto da Morna,
no corpo das raparigas morenas,
nas coxas ágeis das pretas,
no desejo da viagem que fica em sonhos de muita gente!

Este convite de toda a hora
que o Mar nos faz para a evasão!
Este desespero de querer partir
e ter de ficar!

(BARBOSA, Jorge. “Poema do Mar”, *Ambiente*, 1941,

In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban I*, Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 97–98)

REGRESSO

Navio aonde vais
deitado sobre o mar?

Aonde vais
levado pelo vento?

Que rumo é o teu
navio do mar largo?

Aquele país talvez
onde a vida
é uma grande promessa
e um grande deslumbramento!

Leva-me contigo
navio.
Mas torna-me a trazer!

(BARBOSA, Jorge. “Regresso”, *Caderno de um ilhéu*, 1956,

In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban I*. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 101)

BALTASAR LOPES

(1907–1990), figura importante da revista *Claridade*, escreveu poesia sob o pseudónimo de **Oswaldo Alcântara**. Poeta, ficcionista, ensaísta, filólogo e investigador da língua (português e crioulo). A sua poesia é marcada pela tradição de rimances populares, oralizada e simultaneamente intelectualizada e esteticamente trabalhada. Autor do primeiro romance cabo-verdiano, *Chiquinho* (1947), o *bildungsroman* sobre a infância e juventude de um rapaz da ilha de S. Nicolau.

MAR

És estrela e única vida.

Vida que sobe das esquinas ocultas
no mar sem águas, no mar
com águas sem sal que vêm a diluir-se
lá do fundo das distâncias mágicas!

Vida para quê?

Ó distância da vida pouco e pouco escoando-se.
Mistério do caminho cada vez mais certo?
E as auroras que eu via
e nelas me alava para as viagens futuras!

Mas não esta viagem em limite,
de passadas mutiladas.

Mar, tu és o que fica.

(ALCÂNTARA, Oswaldo. “Mar”, In *Colóquio/Letras*, nº 14, 1973,
In FERREIRA, Manuel, *No Reino de Caliban I*. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 117)

MANUEL LOPES

(1907–2005), ligado à revista *Claridade*, juntamente com Baltasar Lopes fundou a moderna ficção cabo-verdiana. Autor de contos (*Galo Cantou na Baía*, 1959, o conto homónimo publicado pela primeira vez na *Claridade* em 1936, antecipando o neorrealismo português) e de romances (*Chuva Braba*, 1956, *Os Flagelados do Vento Leste*, 1960). Descreve o desafio do povo cabo-verdiano à natureza, às condições climáticas que, gerando sucessivas secas, obrigam os homens a emigrar.

GALO CANTOU NA BAÍA

Guarda Toi não tinha sono essa madrugada. Quem ignora que a inspiração tira o sono como qualquer dor? Como, por exemplo, e segundo a comparação do próprio Toi, a dor do parto. Uma inquietação que ele bem conhecia formigava-lhe no espírito, coisa parecida com a inspiração. Mas era inspiração mesmo, uma irreprimível vontade de fazer algo, de se dar. Todo o mundo sabia que o guarda de Alfândega, Toi, era „mornador“ brabo, e as mornas que inventava eram dançadas e cantadas com entusiasmo nos bailes nacionais, menos de uma semana depois de nascidas.

Toi tinha uma equipa de propaganda e divulgação bem instruída, composta quase toda de colegas. Morna nova de Toi era coisa boa, „sabe coma mel, pra todo o mundo“, como gostava de dizer a Salibânia, da Rua de Coco ...

A estrada marginal refresca a caixa de pensar. Lá na sua – porque Toi tinha ideias fixas que ele chamava de filosofia – ficara assente que a morna veio do mar. Como Vénus (imagem colhida num tal Alcindo que fazia parte dum grupo literário), surgiu pura e nua das espumas do mar, e também como Vénus, é a protectora do amor porque foi à sua sombra que os nossos avós armaram casamento e o farão também os filhos dos nossos filhos, afirmou Toi, como evidente eloquência, num baile nacional do Tolentino. Foi ali que Jack de Inácia repontou dizendo que não sabia o que é que ele queria dizer com esta história de Vénus e outras, que de Vénus só conhecia uma coisa de borracha que chamavam camisa e que vendiam na farmácia. Os companheiros falavam das basófilias do Toi, convencidos de que estas e outras ideias e algumas palavras difíceis não eram de sua lavra. Transmitia-as tal qual as ouvia, para espantar a malta. Mas não deixavam de ser seus amigos por isso, pois era um bom compincha. Nunca acrescentou, todavia, qualquer justificação à convicção de que foi na ilha da Boavista, entre os pescadores, que nasceram as primeiras toadas rítmicas e queixosas da morna – razão, acrescentava, por que a morna tinha a cadência de remo na forqueta, e embalava os pares, na sala, como o bote embalava os pescadores no mar da costa. Foi para esquecerem as horas que os pescadores arranjaram uma cantilena ao ritmo do balanço do bote. Vão lá tirar razão ao Toi com provas que sim ou que não numa terrazinha pobre onde não

havia documentação sobre nada do passado, como se o passado das gentes e das ilhas não tivesse importância nenhuma! Quem nada tem todo o mundo é seu – não é assim que a gente costuma dizer? – o que pode significar que quando não há documento sobre sim ou não de uma coisa, o sim ou o não pode constituir prova suficiente em si, isto é, todo o bicho-careta pode agarrar umas das duas opiniões sem deixar de ter a verdade na mão. “Porquê que havia de ser os pescadores de Boavista e não outros?” “Ora essa! Por que não? Se vocês querem saber tratem de indagar...” Lógico. Mas Toi tinha outras opiniões mais graves. Um dia gritou para todo o mundo ouvir, ali no reservado da Salibânia: “Ouvi uma conversa que me entrou na cabeça e daqui não sai. Porque é mesmo assim. Pois fiquei sabendo que a morna é mais antiga que o tango. E tango tem alguma coisa que ver com os nossos antigos emigrantes na Argentina. Eu por mim afirmo, de alma e coração, que o tango veio da nossa morna.” Ai, ai, guarda Toi metido em cavalarias altas. “Mas ó Toi...” “Aqui não tem discussão. Quem quiser saber trate de indagar...” Toi era guarda, podia livrar um de uma enrascadela, de modo que era melhor deixar tudo como ele dizia ...

Gostava dessas nocturnas e solitárias deambulações – um pouco puxado por hábito profissional – e a Pontinha prestava-se para aliviar a caixa do juízo depois da meia fusca com que deixara a festa de guarda-cabeça em casa do compadre Severino, no Alto-de-S. Nicolau. Mas o que se estava a passar com o Toi essa madrugada não se relacionava já apenas com o grogue bebido no Severino. Havia nele uma euforia que o punha tonto e confuso e o fazia sofrer. Do mesmo modo, uma inquietação muito doce parecia suspendê-lo no ar e assobiava-lhe harmonias musicais cadenciadas ao ouvido. Era assim o “estado de transe” de Toi. Nesses momentos angustiosos qualquer coisa crescia no seu espírito a forçar uma saída. A válvula de escape dava passagem a uma morna. Morna de Toi.

A última que fez entusiasinou deveras. Título pirandélico: “*Sôdade ô non*”. Quem faz “*Sôdade ô non*” tem destino traçado. Foi depois dum baile no Tolentino, na madrugada, durante o passeio solitário para os lados da Cova da Inglesa, com o vento do mar a bater-lhe na cara e as ondas fosforescentes ali a dois passos rebolando na areia invisível, «como Vénus na sua luminosa aparição, parte onda parte mulher ... ou meia morna”.

“Digo e torno a dizer a vocês que morna veio do mar, cada vez tenho mais a certeza. Toada de morna é toada de mar. Minhas mornas têm um gostinho salgado – dizem – pois se é lá no mar onde nascem que as vou buscar ...” Basofe, mas mornador quente – dizia Jack da Inácia. E Teodora mordida Toi na nuca, sadicamente, porque gostava das mornas que ele fazia. E lá veio a explicação. Foi num piquenique, e Toi tinha dois grãos na asa: “Sou como bicho fêmea grávida. Quando sinto que estou para “ter” morna, procuro sombra. E sombra com mar diante. Só com mar diante ...”

(LOPES, Manuel. Galo *Cantou na Baía e outros contos*.

Lisboa: Caminho, 1998, p. 15–17)

ANTÓNIO AURÉLIO GONÇALVES

(1901–1984), ficcionista, desde 1947 colaborador da *Claridade*, cultor de uma forma breve da narrativa (novela ou noveleta) que entre os 19 e os 38 anos viveu em Lisboa. Aos títulos mais importantes pertencem: *Pródiga* (1956), *Enterro de Nhâ Candinha Sena* (1957), *Noite de Vento* (1970), *Virgens Loucas* (1971), *Recaída* (1947). As suas prosas, herdeiras do realismo oitocentista europeu, são em geral localizadas no Mindelo (ilha de S. Vicente), o primeiro centro urbano do arquipélago.

O ENTERRO DE NHÂ CANDINHA SENA

Há tanto tempo ... Nhâ Candinha Sena era uma mulata muito escura, quase preta pode dizer-se, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto, como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto; com o tempo, apagou-se-me da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas nunca me esqueci. Dos olhos – pretos, sorridentes e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me, também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna ... Além disso, basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia ao ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nhâ Candinha tinha uma voz, que era verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Quando a doença se lhe agravou – já nas últimas – passou definitivamente para casa do Abel Ferreira, seu sobrinho, e lá morreu. Mas, até à velhice, morou sempre numa casinha a poucos passos da nossa. Era andar um bocadinho, subir uma rampazinha e, ao fundo, do lado esquerdo, encontrava-se a sua moradia, apenas com a porta de entrada e uma janela. A porta dava para uma pequena varanda envidraçada, guarnecida de trepadeiras, caixotes com tulipas, que estabelecia comunicação com uma salinha de visitas, desembocava num quintalejo onde o sol era certo como certas visitas íntimas, de todos os dias, que, onde chegam, instalam-se, tagarelam, faiscam e nunca dão sinal de quererem retirar-se. Lá havia cadeiras de verga, uma madeira de balouço e era descansando nesta ou assomada à janela que eu encontrava nhâ Candinha, à tarde, quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de nhâ Maria Arcângela ... com a mariolagem da minha rua.

A distância, perdido no meio dos outros, espreitava o aparecimento da minha amiga. Fui sempre uma criança retraída; bastava a curta separação de um dia para me despertar a timidez. Chegado à sua porta, a minha vontade seria entrar por ali dentro numa lufada e lançar-me todo em festa nos seus braços. Era assim que via fazer a alguns dos meus camaradas com pessoas da sua amizade. O seu desembaraço era o orgulho das famílias e fazia o encanto de estranhos. Em todas as conversas, comigo presente, era certo gabarem-nos; achavam-lhes uma graça inesgotável, apontavam-nos como modelos. No íntimo, eu admirava-os como a privilegiados e desejava ser como eles; mas um travão interior abatia inevitavelmente os meus impulsos. Por isso, ia deixando passar o tempo e fingia que tomava parte nas traquinices. A verdade é que não fazia senão esperá-la. Ela via-me – os nossos olhos cruzavam-se –, e chamava-me. Outras vezes demorava-se. Eu, então, a pouco e pouco, subtilmente ... aproximava-me da casa de nhâ Candinha. Deslizava ao longo da parede e surgia à porta a sorrir-me acanhadamente.

(GONÇALVES, António Aurélio. „Enterro de nhâ Candinha Sena“, *Noite de Vento*. Instituto Caboverdiano do Livro, 1985, p. 87-88)

OVÍDIO MARTINS

(1928), poeta e contista, ativista político, preso e exilado na Holanda, onde publicou o seu livro de poemas mais importante: *Gritarei Berrarei Matarei – Não Vou para Pasárgada* (1973) que, através de diálogo intertextual com o poema famoso do brasileiro Manuel Bandeira, exprime a crítica ao suposto *evasionismo* da *Claridade*.

ANTI-EVASÃO

*Ao camarada poeta
João Vário*

Pedirei
Suplicarei
Chorarei

Não vou para Pasárgada
Atirar-me-ei ao chão
e prenderei nas mão convulsas
ervas e pedras de sangue

Não vou para Pasárgada

Gritarei
Berrarei
Matarei

Não vou para Pasárgada

(MARTINS, Ovídio. “Anti-evasão”, *Caminhada*, 1962, In FERREIRA, Manuel.
No Reino de Caliban I. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 186)

GABRIEL MARIANO

(1928–2002), poeta, ficcionista, ensaísta. Um grande contador de histórias com temas da infância, da marginalidade, da injustiça social, baseadas na oralidade e num ritmo encantatório (*Vida e Morte de João Cabafume*, 1976).

CAMINHO LONGE

Caminho
caminho longe
ladeira de São-Tomé
Não devia ter sangue
Não devia, mas tem.

Parados os olhos se esfumam
no fumo da chaminé.
Devia sorrir de outro modo
o Cristo que vai de pé.

E as bocas reservam fechadas
a dor para mais além
Antigas vozes pressagas
no mastro que vai e vem.

Caminho
caminho longe
ladeira de São Tomé
Devia ser de regresso
devia ser e não é.

(MARIANO, Gabriel. “Caminho Longe”, *12 Poemas de Circunstância*, 1965,
In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban I*. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 171–172)

VIDA E MORTE DE JOÃO CABAFUME

Moço, entende direito o que te vou contar. João Cabafume não foi um qualquer. Ele não era como um eu, ou como um tu que estendemos as mãos para outro pôr corda. Morreu no meio da baía numa noite de lua cheia. Não, moço, não foi destino. João Cabafume não teve destino. Quando veio da Ladeira Grande para aqui passou ao destino a primeira calaca. Destino queria matá-lo de fome. Então ele foi ter de mestre Joãozinho:

– Mestre Joãozinho, leve-me para S. Vicente no seu navio. E quando senhor admini-

strador quis pegá-lo para o mandar embora João Cabafume passou ao destino a segunda calaca. Moço , entende direito o que te vou contar. Foi assim: andava na ilha um homem comprido de cara vermelha. Manhento como gato ladrão. Andava catando gente para assinar contrato. Cada cabeça cem escudos. Foi então que mandaram apanhar pobres para fechar no Albergue. Pobre chateava as pessoas finas e incomodava os passageiros que desembarcavam. Por isso senhor Administrador deu ordem para fechar no Albergue toda a criatura que não tinha trabalho. Pobre e cachorro vadio, nenhum podia passear na rua. Albergue encheu. O homem comprido foi ter com o senhor Administrador. Andava catando gente para assinar contrato. Cada cabeça cem escudos. Albergue estava cheio. Foi falar com o senhor Administrador. Cem escudos bem que davam para dois. Passearam de automóvel, foram ao Grémio beber uísque e soda. As pessoas tiravam os chapéus:

– Boa noite, senhor Administrador . . .

Os comerciantes cumprimentavam com respeito:

– Senhor Administrador . . . Senhor Nogueira . .

Depois de jantar saíram de automóvel e andaram Monte e Chã de Alecrim à procura de mulheres.

No dia seguinte senhor Administrador foi ao Albergue.

– Vocês são todos uns mandriões . . . Porque é que não trabalham? Querem é esta vida de pedir esmolas. Corja de preguiçosos...

Albergue estava cheio. Aqueles pobres de Cristo ouviam, calados, a fala do senhor Administrador.

– Porque é que não procuram que fazer?

– Dondê trabalho, senhor Administrador? Porquê que o senhorão não manda abrir trabalho?

Sr. Administrador olhou para João Cabafume mas não respondeu. Continuou a falar. Depois tirou da pasta uns papéis castanhos.

– Vocês têm de assinar isto se querem sair. Depois vão ter com o senhor Nogueira. No escritório da Casa Gomes . . .

Todos botaram assinatura e saíram. Todos foram ter de Sr. Nogueira no escritório da Casa Gomes. Ele andava catando gente. Por cada cabeça recebia cem escudos. Contou os homens que estavam na sua frente. O Administrador era homem de palavra. Depois falou para eles. Cada um ia receber, adiantado, setenta e cinco escudos. Tirou as notas do cofre. No dia 30 seguiriam no vapor da carreira. Setenta e cinco escudos para quem não tem pão certo é muita coisa. Só João Cabafume não recebeu. Moço, entende direito o que te estou contando . . . Quem podia obrigar João Cabafume? João Cabafume não teve destino. Quando Sr. Administrador o chamou no seu gabinete ele disse que ninguém o podia obrigar. Sr. Administrador falou: tu assinaste contrato. João Cabafume respondeu: assinei contrato para sair do albergue. Sr. Administrador gritou: tu tens de ir. João Cabafume abriu a boca: não vou.

- Tu vais!
- Não vou!
- Mando-te para a cadeia . . .
- Cadeia não foi feita para cães !
- Ladrão!
- Ladrão não tem marca na testa !
- Cachorro!

João Cabafume arrebentou-lhe a boca com duas palmadas na cara!

Valente lá fora! Brigador como ele só! Moço, entende direito o que te estou contando.

João Cabafume não aguentava desaforo de ninguém. Nem de preto nem de branco. Nem de pobre nem de rico. Como é que ele podia brigar com o destino se ele fosse um aguentador de desaforo?

(MARIANO, Gabriel. “Vida e morte de João Cabafume”,
Vida e morte de João Cabafume. 2ª ed. Lisboa : Vega 2001, p. 69-71)

CORSINO FORTES

(1933), autor de uma poesia altamente original (*Pão & Fonema*, 1974) que, pela sua profunda reflexão sobre o país e o povo cabo-verdiano, pode ser considerada uma epopeia moderna. Um dos traços interessantes é o trabalho com o imaginário cabo-verdiano: a paisagem, clima, problemas de seca, fome, emigração, mas também a música e cultura participam na (re)criação da identidade cabo-verdiana. Nalguns poemas é aproveitada a língua crioula ao lado (ou em vez) da portuguesa.

DE BOCA A BARLAVENTO

I

Esta

a minha mão de milho & marulho

Este

o sol a gema E não

o esboroar do osso na bigorna

E embora

O deserto abocanhe a minha carne de homem

E caranguejos devorem

esta mão de semear

Há sempre

Pela artéria do meu sangue que g

o

t

e

j

a

De comarca em comarca

A árvore E o arbusto

Que arrastam

As vogais e os ditongos

para dentro das violas

II

Poeta! todo o poema:

geometria de sangue & fonema

Escuto Escuta

Um pilão fala
 árvores de fruto
 ao meio do dia

E tambores
 erguem
 na colina
 Um coração de terra batida

E lon longe
Do marulho à viola fria
 Reconheço o bemol
Da mão doméstica
 Que solfeja

Mar & monção mar & matrimónio
Pão pedra palmo de terra
 Pão & património

(FORTES, Corsino. *Pão & fonema*. Lisboa: Sá da Costa, 1980, p. 7–8)

OSVALDO ALCÂNTARA

A GRANDE A GRANDE
a pequeno a pequeno
B GRANDE
 e
 b pequeno

Pelo outubro destas veredas vão
Filhos e filhas das nossas vizinhas

Enquanto soletram
 a geometria das serras +
 caminhos de ferro d'Europa
Os corvos passeiam pelos pátios da ilha

 NÃO
 NHÔ BALTAZ DIRIA

Com miúdo & miúda angústia +
 centavos de alegria

As crianças vão
Curva da mão

Que acena
Planta dos pés que partem
E de cócoras
 As almas crescem
Para os aviões
 Que bradam
Navio aceso
No meu osso osso de milho verde
A GRANDE A GRANDE
a pequeno a pequeno
B GRANDE
b pequeno b pequeno

(FORTES, Corsino. *Pão & fonema*. Lisboa: Sá da Costa, 1980, p. 28–29)

ARMÉNIO VIEIRA

(1941), poeta e ficcionista, preso pela PIDE, descrente da poesia utilitária, renova a expressão artística pela metaforização e por um jogo de fingimentos e referências culturais. Na sua obra destacam-se as coletâneas poéticas *Poemas* (1981) e *MITOgrafias* (2006), bem como a novela *O Eleito do Sol* (1990) e o romance *No Inferno* (1999).

POEMA

Mar! Mar!

Mar! Mar!

Quem sentiu mar?

Não o mar azul
de caravelas ao largo
e marinheiros valentes

Não o mar de todos os ruídos
de ondas
que estalam na praia

Não o mar salgado
dos pássaros marinhos
de conchas
areia
e algas do mar

Mar!

Raiva-angústia
de revolta contida

Mar!

Silêncio – espuma
de lábios sangrados
e dentes partidos

Mar!
do não-repartido
e do sonho afrontado

Mar!

Quem sentiu mar?

(VIEIRA, Arménio. “Poema”, In *Sêló*, nº 2, 1962, In FERREIRA, Manuel.
No Reino de Caliban I. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 219–220)

TEIXEIRA DE SOUSA

(1919–2006), médico e ficcionista, conhecido sobretudo pela sua trilogia (*Ilhéu de Contenda*, 1978, *Xaguaté*, 1988, *Na Ribeira de Deus*, 1992), um fresco traçando a sociedade da Ilha do Fogo no decorrer do século XX. Também autor de contos (*Contra Mar e Vento*, 1972) e de outras prosas.

MENOS UM

Por trás da casa estava-se melhor. Não havia tanto calor. Àquela hora, depois do meio-dia, havia sempre um bocado de sombra. O meu avô contava casos do mar, a vizinhança vinha catar piolhos, os homens fumavam e as enxadas criavam ferrugem. Era já tarde e a respeito de chuva, nada. O céu andava escancarado. O mundo, seco como a lenha. Nem um borrifo para apagar a poeira do chão. Os animais, destripados. Tudo como se viesse um redemoinho e varresse os campos.

As pessoas crescidas achavam que o meu avô estava virando leve de cabeça.

– Esta madrugada vi a estrela d’Alva sair mesmo do fundo da Cova-Tina. É um sinal sagrado. A estrela está prometendo uma tina d’água.

Toda a gente torcia o pescoço para o meu avô. Eu sentia raiva da gente grande, que só pensava era na chuva. Quando ele contava as coisas mais bonitas deste mundo é que paravam de estar calados para lhe perguntar quando chovia. Quando Deus quisesse. O que é que o meu avô podia dizer da chuva? Ali sisudos a fumar, aquela gente não tinha coração para ouvir as coisas do mar. Só sabiam dizer que as pessoas, quando chegavam à idade do meu avô, começavam a avariar o juízo. Então, porque lhe perguntavam pelo tempo?

– Depois de amanhã é a lua nova.

– Não, a chuva há-de vir. E não tarda. Em Setembro, quando o vento começa de madrugada, serena depois e torna a começar de tarde, de sudoeste, os navios que estão fundeados no porto da Vila saem todos para fora, porque é raro não cair refrega forte. Costuma vir acompanhada de chuva. Devemos estar debaixo do signo de Setembro. É muito certo. Costuma acontecer assim. Se assim for, não deve tardar que não tenhamos isto tudo alagado.

– Amen, boca de anjão!

Ainda por cima faziam troça dele. Destorciam o cachaço, cuspiam negro e continuavam fumando.

– Eduardo, já foste mudar a cabra?

Respondi que era tudo a mesma coisa – não havia palha em nenhum lugar. Mas a minha mãe não queria perceber. Que só sabia era estar ao pé da conversa da gente

grande e a respeito de trabalhar, nada. A cabra andava com a barriga pregada às costas. O que havia de fazer?

O mar lá em baixo era um lago de azeite e a ilha Brava parecia um porco grande a derreter-se num tanque. A cabra, assim que me via, punha-se a berrar. Metia-me raiva aquele bicho. Puxava-a pela corda aos esticões. Queria levá-la para outro lugar, mas ela ficava os pés no chão e não andava. A minha gente também não me compreendia. Tratavam mal o meu avô só porque era velho e estava virando leve da cabeça. Ele não ligava importância. Mas eu ficava com aquilo aqui na garganta como um nó. Tinha prometido fazer-me um navio se chovesse. Que me estragava com mimos em vez de me dar bons conselhos. Eu sabia que, se chovesse, prantavam-me de riba dum cutelo a guardar corvos. Como é que podia ir à ribeira correr o barco? Uma noite sonhei que tinha chovido e eu estava sobre um monte a atirar pedradas aos corvos com a funda. A água subia, subia e havia milhares e milhares de corvos à roda da minha cabeça. Já não tinha forças para estalar a funda. A água dava-me pelo pescoço. Gritava mas os corvos tinham feito uma sombra negra sobre mim. Apupava para os espantar e eles riam-se às gargalhadas, mostrando os dentes. A água cercava-me por todas as bandas e o meu destino era morrer afogado.

(SOUSA, Teixeira de. “Menos um”, In *Contra Mar e Vento*.

Lisboa: Prelo, 1972, p. 11-13)

ORLANDA AMARÍLIS

(1924–2014) publicou três volumes de contos (*Cais-do-Sodré té Salamansa*, 1974, *Ilhéu dos Pássaros*, 1983, *A Casa dos Mastro*, 1989), nos quais dominam os temas da infância, emigração e experiência feminina.

THONON-LES-BAINS

Gabriel ia dando notícias sobre aquele frio de França em Thonon-les-Bains perto da fronteira com a Suíça.

França tem muito frio, mamãe, mas gente põe galochas forradas, luvas e capote. Mana fez-me um gorro e um cachecol vermelho. Anteontem foi domingo e, por acaso, encontrei Mochinho um moço badio de Ribeira da Barca. Ele apalpou o meu cachecol e experimentou o meu gorro e riu muito, mamãe. Disse eu estava rascon, já podia conquistar menina-branca de Thonon.

O seu trabalho no torno numa fábrica de esquis agradava-lhe sobremaneira. Descrevia em pormenor como apertava os parafusos, dava a volta aqueles paus informes, aparava-os, alindava-os à força de máquinas, desapertava os parafusos de novo e lá iam eles para outras mãos fortes para os polirem, depois para outras para lhes colocarem os ferros e assim por diante. A irmã estava no serviço de colar as etiquetas e dar uma limpeza final a cada esqui.

Não fiques apoquentada com esta conversa sobre o frio de Thonon, mamãe, porque mana também faz limpeza no hotel de manhãzinha muito cedo e o patrão deixa-nos dormir no caveau da escada no corredor onde tem um calorzinho sabe dia e noite.

Piedade procurava sossegar a mãe, estivesse descansada porque aqui na França não é preciso coser enxoval. A gente vai nos magasins e compra tudo, roupa de casa, roupa-de-baixo, tudo-enquanto. Ela e Gabriel iam arranjar para morar junto duns amigos, patrícios de Santanton, tinham uma casa grande, ela ia ficar a morar aí quando casasse. Jean era um bocado ciumento, tinha quarenta e dois anos, era separado de uma outra mulher, mas era muito seu amigo. Trazia-lhe chocolates quando vinha namorar com ela, tudo à vista de Gabriel e dos seus amigos. Nunca ficava só com ele porque Gabriel não deixava, sempre a espiar, até os dois amigos eram capazes de lhe ir contar qualquer coisa mal feita ela viesse a fazer.

Nh'Ana descansou. A filha não esquecera ainda os bons ensinamentos de sua mãe. Esta, no entanto, evitava falar nas cartas à sua comadre. Era boa criatura, mas debaixo de suas boas intenções ainda era capaz de deitar algum quebranto na vida de sua filha. Quebranto podia apanhar qualquer pessoa em qualquer idade. Por isso gente põe os fios de conta, pretas e brancas, de volta das barrigas de menino-novo, por baixo do umbigo. Gente-grande não precisa de um fio de conta de quebranto, mas quando desconfia de

quebranto vindo por via de um elogio quase sempre (inveja), de um olhar intenso (mau olhado), é fazer figas com a mão esquerda escondida por entre as saias, debaixo de uma prega ou mesmo com a mão atrás das costas. Figa canhota, bardolega, mar de Espanha. E assim a força malfazeja de olhar ou das palavras é afastada.

Ia guardando as cartas debaixo do pano bordado da cómoda ou então debaixo da caixa de jóias. Algumas vezes relia-as para saborear as coisas sabe-de-mundo de França, terra onde todos os menininhos falavam francês desde pequeninos. Assim iam passando os dias, nh'Ana a pensar no seu botequim no seu negócio para depois do casamento da Piedade.

Todavia, ou por muitos afazeres ou por um pouco de preguiça, as cartas da filha iam rareando. Uma vez por outra quando dava notícias eram logo umas quantas folhas de papel de carta daquelas azuis ou cor-de-rosa com flores estampadas, coisas só mesmo de França. Não parecia muito entusiasmada com a perspectiva do casamento, mas continuava a dizer bem do noivo, era seu amigo dava-lhe muitos presentes, já a tinha levado duas vezes à Suíça, era muito perto de Thonon, só atravessar a fronteira e pronto. Gabriel abria-se mais com a madrastra. Mãe Ana, comprei anteontem uma televisão a cores. Sabe como é? As pessoas se estão vestidas de encarnado ou de azul, a gente vê tudo tal e qual de encarnado de azul ou verde. A minha televisão está em frente da minha cama e quando a quero apagar tenho uma maquininha onde carrego num botão e já está. É como uma pistola, mãe Ana. Aponto para a televisão e carrego no botão e ela apaga-se. Não é uma coisa bonita, mãe Ana?

Não era por acaso a falta de notícias da filha. Andara muito influída com a ideia do casamento mas ultimamente esmorecera. Jean era bom, era seu amigo, mas começou a pensar na sua idade e na dele, começou a pensar na seriedade do Jean, na sua maneira de tratar tudo tão a sério. Deitava contas à vida, calculava todos os francos para isto e para aquilo e ela começou a perder a paciência para aquelas conversas. Um bocado levantada, esboada mesmo, queria brincar, rir, fumar o seu cigarrinho e ei-la agoniada com as conversas de gente-velha do Jean. E depois, aquele moço da Ribeira da Barca, badio de pé ratchado, vinha todas as tardes com o transistor e aí começavam a dançar os dois, a fazer partes, a cair para a frente e para trás, a dar voltas e a mornar. Jean ficava na ponta da cama, sorria. Não gostava de dançar, preferia ver as dengosices da Piedade e o Maninho a segurá-la em meias voltas inesperadas, parecia um vime tocado pela brisa.

(AMARÍLIS, Orlanda. “Thonon-les-Bains”, *Ilhéu dos Pássaros*.

Lisboa: Plátano Editora, 1982, p. 18–21)

GERMANO ALMEIDA

(1945), ficcionista que, recorrendo ao humor, ironia e sátira social, oferece uma visão sobre a sociedade cabo-verdiana. Na sua obra, já mundialmente conhecida, destacam-se os romances *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo* (1989), *O Meu Poeta* (1990) e *A Família Trago* (1998).

IN MEMORIAM

Não obstante ser feriado nacional, a missa que D. Rosalinda Almeida manda rezar na data do aniversário do abrupto falecimento de Fernando de Macedo continua a ser muito concorrida. Aliás, toda a cidade recorda com comoção o grande choque que foi a notícia da trágica morte do Fernando e mesmo aqueles que não comungavam das suas ideias políticas lamentam ainda que o Macedo, tão bom rapaz, embora de facto um bocado despassarado, tivesse escolhido precisamente a noite da festa da independência nacional para se matar.

D. Rosalinda mantém a preocupação de fazer anunciar, quer no “Voz di Povo”, quer nos demais órgãos de comunicação social, que no dia 5 de Julho, pelas 17 horas, mandara rezar missa na Igreja Matriz da freguesia de Nossa Senhora da Luz pelo eterno descanso da alma do malgrado Fernando de Macedo que se entregou ao Criador no próprio dia em que uma nova vida nascia para o secularmente martirizado povo de Cabo Verde. Porém, não confiando que toda a gente lê os jornais ou presta atenção à agenda de informações da Rádio Nacional, telefona pessoalmente a cada um dos muitos amigos do falecido lembrando-lhes o dever sagrado de não esquecer o pobre Fernando, coitado, paz à sua alma, no fundo ele não é má pessoa, e como cristãos é nossa obrigação contribuir dentro do possível para o maior sossego da sua alma.

Hoje, D. Rosalinda faz o último pelo-sinal no fim da missa e com o aliviado suspiro de mais um dever cumprido, despede-se agradecida e com beijinhos dos que tiveram a amabilidade de comparecer e de braço dado com o seu terceiro marido, o Teodoro de Almeida, deixa a igreja dobrando a mantilha de renda preta com que cobre a cabeça durante a cerimónia e dirige-se ao *Xê Nu* quase ali ao lado. Diz sorrindo que é importante não se perder o tradicional e inteligente costume de se “tirar a boca de morte”, sobretudo depois de meia hora de joelhos num chão de ladrilhos a penitenciar-se por pecados alheios. Porém, naquele dia felizmente já distante, ela tinha-se desesperado completamente ao entrar em casa e deparado com o marido estendido no meio da sala, ainda quente e com a pistola aferrolhada na mão esquerda, uma poça de sangue em redor da sua bonita cabeça.

Como louca tinha saído porta fora a correr feito uma desalmada e toda a gente a tinha visto aos gritos destemperados no meio dos foguetes e bazucadas e música e vivas

de todo o povo que enchia a rua de Lisboa e em grande algazarra se prolongava até pelos lados da pracinha do liceu comemorando a independência nacional que nascia naquela hora. Porque, embora na altura ainda morasse para os lados de Fonte Cónego, tinha partido em corrida desenfreada e, não se sabe bem por que carga d'água, desembocado nas proximidades do Liceu Velho onde um nutrido povo festejava aos gritos. Conseguiu furar pelo meio das pessoas sempre aos berros de, já mataram o meu marido! já mataram o meu marido! e dobrando para a rua do Madeiral passou em frente do velho tribunal pela primeira vez sem comentar a soturnidade do edifício, desceu a rua que dá para o posto de venda de gasolina da Sacor que por acaso estava completamente iluminado embora de portas já fechadas àquela hora. Mesmo assim ela tinha parado junto da bomba da super a bater punhadas furiosas e a gritar, Franck! Fraanck! Ó Fraaanck, quero gasolina, quero morrer também, por favor dá-me gasolina!, mas ante a mudez daquelas frias luzes que a deixavam como que exposta num palco rodeada por alguns espectadores curiosos que tinham abandonado as comemorações e vindo no seu encalço, decidiu furar de novo pelo meio deles e sempre em corrida desabrida seguiu em direcção a Chã de Cemitério.

Quando as pessoas que começaram a persegui-la finalmente a alcançaram já perto da Fábrica Favorita, ela limitou-se a dizer, torcendo as mãos em desespero, que estava a correr para se ir matar na praia da Matiota porque queria que o seu corpo fosse arrastado para o Brasil ou então comido pelos tubarões. Não aceitou nenhuma explicação no sentido de que a Matiota ficava precisamente do lado oposto àquele para onde estava correndo, clamou que tudo aquilo fazia parte de uma maldita conspiração destinada a destruir a sua família, que Deus e todos os poderes da terra se tinham conluiado contra ela, pelo que lá mesmo na estrada foi necessário dar-lhe uma forte bofetada para a serenar um pouco. De seguida foi manietada e conduzida à força de braços ao hospital Baptista de Sousa, pois praticamente todos os carros da cidade estavam incorporados no desfile dos apitos comemorativos, onde um apressado enfermeiro lhe aplicou uma injeção de um qualquer tranquilizante.

D. Rosalinda continua a ser uma senhora de excelente humor e hoje já fala com naturalidade e graça daquela peste que tinha em casa e que mesmo depois de morto continua a fazer-lhe gastar bastante dinheiro em responsos de mês a mês e uma missa anual. No entanto, quando o Teodoro, depois de seis meses de visitas diárias, a pediu formalmente em casamento, ela disse que estava na disposição de analisar a proposta mas em caso de aceitação ele teria que se comprometer a não se opor à continuação da missa anual em memória do falecido. É uma vez por ano, justificou-se, graças a Deus que calha sempre num dia feriado e não lhe causa qualquer transtorno pessoal. Teodoro concordou de imediato, disse não ter nada contra, até porque aquela missa lhe parecia uma devoção estritamente familiar onde ele certamente estaria a mais. Mas D. Rosalinda foi sempre uma mulher de raciocínio rápido e por isso logo entendeu que Teodoro queria pôr-se de fora daquelas obrigações que ela já considerava domésticas. Se isto

significa uma recusa de participar nesse acto piedoso, disse-lhe veemente, então, meu caro, lamento muito mas não haverá casamento. Repare que não faria qualquer sentido eu estar ajoelhada sozinha nas lajes da igreja, tendo um homem em casa para me acompanhar nesse sacrifício anual!

(ALMEIDA, Germano. “In Memoriam”, In *Estóreas de Dentro da Casa*.

Praia-Mindelo: Centro Cultural Português, p. 13–16)

4. Literatura de S. Tomé e Príncipe

A literatura santomense como um sistema autónomo liga-se à obra poética de **Marcelo Veiga**, na medida em que recupera a memória coletiva, e sobretudo à obra de **Francisco José Tenreiro**, preocupado substancialmente pela questão da identidade pessoal (enquanto mestiço) e coletiva. Aberto o caminho de semelhante reflexão, surgem outros autores que cultivam a poesia militante. Nestes, destaca-se o nome de **Alda Espírito Santo**. Na literatura contemporânea, sobressai o escritor **Albertino Bragança**.

FRANCISCO JOSÉ TENREIRO

(1921–1963), considerado o primeiro poeta da Negritude em língua portuguesa, exprime as realidades do mundo negro-africano, o orgulho da raça, ancestralidade e regresso às origens (*Ilha de Nome Santo*, 1942, *Coração em África*, 1977).

EPOPEIA

Não mais a África
da vida livre
e dos gritos agudos de azagaia!
Não mais a África
de rios tumultuosos
– veias entumescidas dum corpo em sangue!

Os brancos abriram clareiras
a tiros de carabina.
Nas clareiras fogos
arroxendo a noite tropical.

Fogos!
milhões de fogos
num terreno em brasa!

Noite de grande lua
e um cântico subito
do porão do navio.
O som das grilhetas
marcando o compasso!

Noite de grande lua
e destino ignorado!...

Foste o homem perdido
em terras estranhas...

No Brasil
ganhaste calo nas costas
nas vastas plantações do café!
No Norte
foste o homem enrodilhado
nas vastas plantações de fumo!

Na calma do descanso nocturno
só a saudade da terra
que ficou do outro lado...
– só as canções bem soluçadas
dum ritmo estranho!...

Os homens do norte
ficaram rasgando
ventres e cavalos
aos homens do sul!

Os homens do norte
estavam cheios
dos ideais maiores
tão grandes
que tudo foi um despropósito!...

Os homens do norte
os mais lúcidos e cheios de ideais
deram-te do que era teu
um pedaço para viveres...
Libéria! Libéria!

Ah!

os homens nas ruas da Libéria
são dollars americanos
ritmicamente deslizando...

Quando cantas nos cabarés
fazendo brilhar o marfim da tua boca
é a África que está chegando!

Quando nas Olimpíadas
corres veloz
é a África que está chegando!

Segue em frente
irmão!
que a tua música
seja o ritmo de uma conquista!

E que o teu ritmo
seja a cadência de uma vida nova!
... para que a tua gargalhada
de novo venha estraçalhar os ares
como gritos agudos de azagaia!

(TENREIRO, Francisco José. “Epopéia”, In TORRES, Francisco Pinheiro (org.).
Novo Cancioneiro. Lisboa: Caminho, 1989, p. 391–393)

ILHA DE NOME SANTO

Terra!
das plantações de cacau de copra de café de coco a perderem-se de vista
que vão morrer numa quebra ritmada
num mar azul como o céu mais gostoso de todo o mundo!

Onde o sol bem amarelo bem redondo incendeia as costas
dos homens das mulheres agitando-lhes os nervos
num cadenciar mágico mas humano: capinar sonhar plantar!

Onde as mulheres que têm os braços mais grossos e mais tortos que oca
são negras como o café que colhem depois de torrado
trabalham ao lado de seu homem numa ajuda toda de músculos!

Onde os moleques vêm seus pais no ritmo diário
deixando correr gostosamente pelo queixo quente
o sabor e a seiva húmida do sàfu maduro!

Onde nas notes estreladas
e uma lua redonda como um fruto
os negros as sangués os moleques os caçô
– mesmo o branco e a sua mulata –
vêm no sòcòpé de uma sinhá
ouvir um malandro tocando no violão
cantando ao violão!

E o som fica ecoando pelo mar...

Onde apesar da pólvora que o branco trouxe num navio escuro
onde pesar da espada e duma bandeira multicolor

dizerem poder dizerem força dizerem império de branco
é terra de homens cantando vida que os brancos jamais souberem
é terra do sãfu do sòcòpé da mulata
– ui! fetiche di branco! –
é terra do negro leal forte e valente que nenhum outro!

(TENREIRO, Francisco José. “Ilha de nome santo”, In TORRES,
Francisco Pinheiro (org.), *Novo Cancioneiro*. Lisboa: Caminho, 1989, p. 402–403)

ALDA DO ESPÍRITO SANTO

(1926–2010), poeta e militante política, na sua obra resgata o povo santomense e uma África vista de dentro, não distorcida pelo colonialismo (*O Jogral das Ilhas*, 1976, *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, 1978).

DESCENDO O MEU BAIRRO

Eu vou trazer para o palco da vida
pedaços da minha gente,
a fluência quente da minha terra dos trópicos
batida pela nortada do vendaval de Abril.
Eu vou descer a Chácara
subir depois pelos coqueiros do pântano
ao coração do Riboque,
onde o Zé Tintche, tange sua viola
neste findar dum dia de cais
com gentes de longe
na Ponte Velhinha
num dia de passageiros.
E vou subir dum lado a outro da estrada barrenta
com gentes sentadas nos caminhos
vendendo cana, azeite, micóco,
com uma candeia acesa em cada porta
aproveitando o lucro, na gente que desce,
que sobe e desce
com policiais parados,
à espreita da briga certa
neste bairro populoso,
onde nos juntamos à porta
no findar de cada dia.
Vou recordar...
As farras onde se bebe e dança,
os ritmos estuantes da nossa gente,
cabeças juntinhas num ritmo maluco
e a festa linda do Carnaval passado
com “Rosa Branca” tangendo viola
seguido de povo, rindo e cantando
como a gente só topa

no borburinho
do nosso bairro antigo,
onde a agente de carro
passa a ver
o formigar do nosso ritmo estuante,
até no futebol
do grupo bulhento
juntinho ao domingo
na folga da tarde,
juntando gente como milho
a mirar a nossa vida
e a ver,
num vaso oco de barro
escoar o nosso bairro
onde bem lá juntinho ao mato,
passa o sopro dum socopé de gozo
e os ritmos arrepiantes
dum batuque de encomendação
p'lo Mé Zinco
que a vida não ajuda
a descer a ladeira
rumo ao chafariz novo
onde hão-de chover em caudal
a água estuante do nosso bairro Riboquense,
filho da população heterogénea
brotada pela conjuntura
duma miscelânea curiosa
de gentes das áfricas mais díspares,
da África una dos nossos sonhos
de meninos já crescidos.

(SANTO, Alda do Espírito. In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*.

Lisboa: Plátano Editora, 1988, 2ª ed., p. 454–455)

ALBERTINO BRAGANÇA

(1944), ficcionista e político. Nas suas narrativas apela para a preservação da memória coletiva (colonialismo, situação pós-colonial, transformação da sociedade, usurpação do poder e ditadura), abordando também as relações pessoais (entre pais e filhos, o machismo etc.), bem como as questões da convivência entre a tradição e a modernidade. Na sua obra destacam-se *Rosa do Riboque e Outros Contos*, 1985, *Um Clarão sobre a Baía*, 2005 e *Aurélia do Vento*, 2011.

REENCONTRO

Na solidão da tarde de Outubro, o som ritmado das gotículas de chuva caindo sobre as folhas largas da matabala e a brisa voando, leve, por entre as bananeiras, envolviam o quintal de Fernandinho num ambiente de tranquilidade.

Protegida pelo arvoredado, ao fundo ficava a casa, à qual se chegava por um corredor de pagauês gigantes retorcidos pela idade, cujas folhas se projectavam no espaço em fantasmagóricos arabescos.

Ignorando o espectáculo patético do sol e da chuva em estranho diálogo, crianças entretinham-se catando borboletas que esvoaçavam, assustadas com a caça implacável a que as submetiam. No quintal por detrás da casa, um casal de porcos grunhia no lamaçal do chiqueiro, enquanto alguns cabritos se perseguiam, chocarreiros, cabriolando a cada passo.

A casa, de estilo simples e tradicional, era de madeira e apoiava-se em estacas que a deixavam suspensa a escassos centímetros do solo. As paredes eram de cor indefinida e acusavam a inclemência de sucessivas chuvas e gravanas. Via-se que fora iniciada com certo esmero, pela singeleza de linhas que se adivinhava na sua estrutura. Agora era um casebre quase à beira da ruína, as janelas desprendendo-se das dobradiças e algumas tábuas não garantindo já a devida cobertura. Da escada apenas restavam uns degraus carcomidos e mal seguros, que oscilavam, rabugentos, quando sujeitos a algum peso.

Lá dentro, Ma Dêçu desdobra-se no trabalho caseiro. Emagrecera desde que abandonara a casa do pai, o rosto perdera o bom humor de outrora. Estaria arrependida do passo que dera? Não se lembrava de alguma vez ter posto esta questão a si mesma, mas reconhecia que amadurecera muito com a experiência. Compreendia que a ideia paradisíaca que tinha da vida não era senão fruto de uma infância acarinhada em demasia. Vida que é amor e ódio, alegria e dor, compreensão e impaciência, vividos entre a felicidade e o sofrimento. Na monotonia do trabalho caseiro voava-lhe o tempo nos cuidados com o filho, com os animais de criação e no desbravar do mato que, persistente, procurava entrar pelo quintal dentro.

Numa breve pausa no trabalho sentou-se à varanda, contemplando o mato à sua

frente. Do lugar onde se encontrava, fronteiro à janela, destacava-se a abóbada das copas das árvores imponentes e o emaranhado da vegetação circundante misturando-se com as casas vizinhas, numa combinação de que só a natureza é capaz. Chegava até ela o canto lamuriento das águas da chuva e trazia-lhe, com veemência, o cheiro pungente da terra a ser desventrada.

Relanceou o olhar à sua volta. Só agora reparava na força que vinha do conjunto cerrado e silencioso do arvoredor, como se a mata se preparasse para se defender de um qualquer inimigo invisível.

Desce a noite e a chuva cai de forma intensa, não passando de minúsculos raios cruzando a escuridão a luz fraca que se filtra pelas frinchas das janelas entreabertas.

– Mamã, quando é que papá vem? – pergunta o pequenino Rui, na inocência dos seus dois anos.

– Papá deve estar vir. Como hoje choveu muito, a estrada não está boa e é difícil gente chegar à casa – era mais uma mentira pra entreter a criança, igual a tantas que já inventara. Até porque o filho não estava muito habituado à presença do pai, pois eram raras as vezes em que Dinho chegava antes de ele adormecer.

Má Dêçu tentava compreender a vida do homem, repartindo-se pelo trabalho, pela bisca, pelas mulheres e pelos infalíveis bailes e *matinéés*. . . Sem contar com as intermináveis discussões entre ambos, as ameaças por parte dele. Mas as exceções como o seu pai radicavam nela a certeza de que tudo poderia ser diferente.

Para além do que acontecera, ela lembrava-se do pai sempre com afeição e respeito. Retinha ainda bem vivas as imagens da sua infância: a velha casa juncada de fiá códo qué, fetos e buganvílias silvestres; os atalhos que infestavam o mato e por onde seguia para a aventura sempre renovada dos banhos e da apanha do agrião lá na grotta de Sum Mè Coliá; o deslumbramento que lhe provocavam os aromas cruzados dos arbustos e das árvores gigantes, e a sinfonia do vento enrodilhando-se por entre eles; a voz afável da mamã Milinda – intercedendo amiúde em seu favor, nas vezes em que se deixara estar mais tempo na grotta.

Tudo abandonara impulsionada pela ânsia em seguir por caminhos desconhecidos, longe pela primeira vez da férrea tutela paterna. Optara livremente por descobrir o mundo e descobrir-se e agora teria de vencer essa obstinada vontade de regressar ao lar paterno, esse sentimento de culpa que persistia em tomar conta dela.

– Vida de homem é assim mesmo, comadre. O “qué” que gente pode fazer? Comadre liga eles, comadre é que morre, coisa de mundo fica! – já mais de uma vez lhe dissera, conformada, Sam Potaja, sua comadre de úlulu, mulher de meia-idade, boa pessoa e mãe por nove vezes.

Mas algo lhe segredava que talvez as coisas não devessem ser necessariamente assim ...

(BRAGANÇA, Albertino. “Reencontro”, In *Rosa do Riboque e Outros Contos*.

Lisboa: Caminho, 1997, p. 73–76)

5. Literatura de Guiné-Bissau

Também na Guiné, assiste-se a um desenvolvimento da imprensa (*Boletim Oficial da Guiné Portuguesa*, 1880, *Ecos da Guiné*, 1920, *A Voz da Guiné*, 1925, *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, 1946–1973). A literatura no entanto, restringe-se à feição colonial. Mais tarde, predomina a poesia militante (**Vasco Cabral**), recolhida também na antologia (*Mantenhias par Quem Luta! A Nova Poesia da Guiné Bissau*, 1977). Para além desta antologia, aparecem, até ao final do século XX, outras compilações poéticas (*Poilão, Caderno de Poesias*, 1973 ou *Antologia Poética da Guiné Bissau*, 1990).

Na contemporaneidade, destacam-se novos autores como **Odete Semedo** ou **Abdulai Sila**.

ODETE SEMEDO

(1959) poeta, conhecida pelo forte pendor à oralidade (*Entre o Ser e o Amar*, 1996).

EU

Na poesia liberto-me
 Sou poeta
 Sou livre
 Enquanto poeta
 A natureza leva-me embalada
 Apodera-se do meu ser
 E da minha alma
 Enquanto poeta
 Sou apenas eu

(SEMEDO, Maria Odete da Costa Semedo. In GARCÍA, Xosé Lois.

Antologia da poesia feminina dos PALOP.

Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1998, s. 194)

UM VELHO POILÃO

O tempo fez-me vergar
 E as minhas raízes saltar
 Agarro ao que de mim resta

E tento reconhecer a minha geração
Neste carnaval
De extrema solidão
No meu reino

Tenho pesadelos
Tractores de dentes aguçados
Ávidos lenhadores
De machado em punho
Meu oradores
Miram o meu tronco
Carcomido pelo tempo
À espera da queda fatal

Angustiado sonho como os belos tempos
Vejo os meus braços verdes
O meu tronco firme
Ostentando uma cabeça frondosa
De cabelos encarapinhados
Simulando perfis ocos
De rostos apinhados
Ainda recordo
De sombras que dei
Histórias de amor, noites de fogueira...
Quantas não assistiu?
Fui símbolo de amor proibido

(SEMEDO, Maria Odete da Costa Semedo. In GARCÍA, Xosé Lois.

Antologia da poesia feminina dos PALOP.

Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1998, s. 195)

ABDULAI SILA

(1958), autor do primeiro romance guineense, *Eterna Paixão* (1994). Os seus textos abordam a transformação pós-colonial da sociedade, a desilusão e degradação da vida bissau-guineense após a independência, enquanto reinava uma esperança coletiva (*A Última Tragédia*, 1995, *Mistida*, 1997).

MISTIDA

Era uma guerra que tinha começado algumas semanas antes. Sem nenhuma declaração formal, sem nenhum aviso prévio, sem ultimato. E ainda por cima sem a sua presença. Foram apenas alguns dias de febre que a obrigaram a ausentar-se do beco onde passara quase uma vida inteira sentada e logo tinha sido desalojada. Quando voltou, o lixo já se tinha apossado do seu lugar. Pediu-lhe que se retirasse, mas foi ignorada e desprezada. Protestou um dia inteiro.

No dia seguinte, o lixo tinha crescido o dobro. Passou os dias a vigiar, uma semana inteira. Na escuridão da noite o monte ia crescendo, noite após noite, sem parar. Finalmente pediu socorro, não podia lutar sozinha contra forças tão poderosas e cruéis. Os reforços solicitados e mil vezes prometidos ficaram pelo caminho minado pelo egoísmo e pela pobreza do espírito. A solidariedade requerida perdeu-se nos confins do desespero.

A partir de então tinha assistido impotente à maior humilhação de toda a sua vida. Ia de manhã e ficava perto de lixeira, a passear de um lado para outro, à procura de algum sinal aníamdor, algo que a fizesse crer que voltaria a ocupar os eu lugar de costume naquele beco de que sempre tão bem cuidara. Ainda não podia acreditar que não voltaria a sentar-se naquele sítio e vender as coisas que costumava vender para ganhar a vida, que uma actividade exercida ao longo de tantos anos podia ser interrompida daquela maneira, de um dia para o outro, s em mais nem menos. Mas por mais que tentasse não obtinha nada que fizesse crescer a esperança ou devolver-lhe o ânimo.

Mesmo assim, lutou até ao dia em que recebeu aquele rude golpe que jamais iria esquecer. Foi ao cair da noite, estava a dar a última volta ao local. Pareceu-lhe que alguém estava a chamar o seu nome atrás de si. Virou-se e procurou por todo o lado, mas não havia ninguém perto. Poucos instantes depois ouviu otra vez a mesma voz chamar o seu nome. Desconfiou, mas não quis acreditar. Olhou à volta e não encontrou nada. Então resolveu ficar parada no mesmo sítio e prestar muita atenção. Tudo ficou claro. A voz vinha do centro da lixeira. Chamava o seu nome e depois dava uma gargalhada comprida. Às vezes parecia voz de homem, outraz vezes de mulher. Ficou sempre no mesmo lugar a escutar...

As gargalhadas eram cada vez mais compridas. Alguém estava a gozar com ela. Não era suficiente a maldade de expulsá-la do seu lugar, agora queria também fazer troça dela. Foi então que tomou aquela decisão. A batalha final ia começar.

Foi até à casa e voltou com um pau comprido. Ficou atenta à espera. Quando ouviu a voz, espetou o pau com toda a força que tinha no sítio donde ela tinha saído. Removeu quase todo o lixo em torno desse ponto, criando um enorme buraco. Ofegante e suada, ficou a olhar durante largos momentos para as pessoas que tinham começado a aglomerar-se à volta da lixeira. Com o pau bem seguro nas mãos, ela continuava à espera.

Deu mais uma volta ao local, enquanto um ar de triunfo começava a desenhar-se no seu semblante. Era uma sensação maravilhosa depois de tanto tempo de angústia. Tinha feito desaparecer a voz que a desafiava e provocava. Acabava de obter a primeira vitória naquela luta que vinha travando contra forças visíveis e invisíveis que ameaçavam destruir toda a sua vida. Era uma vitória à qual certamente se iriam seguir as outras, até à recuperação final e definitiva do lugar que lhe pertencia. Subiu para a lixeira e do seu topo dirigiu-se às pessoas que estavam à volta, cujo número aumentava cada minuto que passava. Havia muito murmúrio no local e por isso ela levantou as mãos para pedir silêncio. Falou em voz alta, num tom de quem tinha conseguido uma proeza inigualável:

– Todos os que estão aqui sabem que fui alvo de injustiça. Este sítio aqui, eu sempre cuidei dele; varria-o todos os dias, cuidava dele como cuido da minha casa. Estava sempre limpo e por isso muitas vezes as crianças vinham aqui brincar. Elas corriam e jogavam aqui durante todo o dia. Mas o que é que aconteceu depois? Vocês todos estão a ver. Este lixo veio para aqui sem ninguém o chamar. Veio e tomou o meu lugar. Tomou também o lugar das crianças. Quase está a tapar a estrada. Agora, eu queria pedir-vos, pedir a todos, uma coisa... É uma coisa muito simples: ajudem-me a tirar o lixo daqui. Ajudem-me a recuperar o lugar que sempre foi meu, ajudem-me a recuperar o espaço onde as crianças costumavam brincar. Eu sozinha não posso... por favor ajudem-me... ajudem-me, pro favor...

Mal iniciara a sua intervenção as pessoas começaram a abandonar o local. Uma única criança tinha ficado para ouvir as últimas palavras. Com o pau seguro numa mão, desceu do monte de lixo. Foi até à árvore que estava perto e encostou-se nela, mantendo os olhos fixos na lixeira.

(SILA, Abdulai. *Mistida*. In CABRAL, Eunice. *Roteiro da literatura contemporânea em língua portuguesa*. Universidade de Évora, 2010, pp. 305–307)

Bibliografia

Antologias

- FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban I*, Lisboa: Seara Nova, 1975
 ----- . *No Reino de Caliban II*, Lisboa: Plátano Editora, 1988
 ----- . *No Reino de Caliban III*, Lisboa: Plátano Editora, 1984
 CABRAL, Eunice. *Roteiro da literatura contemporânea em língua portuguesa*,
 Universidade de Évora, 2010
 GARCÍA, Xosé Lois. *Antologia da poesia feminina dos PALOP*, Santiago
 de Compostela: Edicións Laiovento, 1998
 SAÛTE, Nelson. *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*, Lisboa:
 D. Quixote, 2007
 TORRES, Francisco Pinheiro (org.). *Novo Cancioneiro*, Lisboa: Caminho, 1989

Obras literárias

- AGUALUSA, José Eduardo. *D. Nicolau Água-Rosada e Outras Estórias Verdadeiras
 e Inverosímeis*, Lisboa: Vega, 1990
 ----- . *Catálogo de Sombras*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003
 ----- . *O Vendedor de Passados*, Lisboa: Dom Quixote, 2004
 ALMEIDA, Germano. *Estóreas de Dentro da Casa*, Praia-Mindelo:
 Centro Cultural Português
 AMARÍLIS, Orlanda. *Ilhéu dos Pássaros*, Lisboa: Plátano Editora, 1982
 BRAGANÇA, Albertino. *Rosa do Riboque e Outros Contos*, Lisboa: Caminho, 1997
 CARDOSO, Boaventura. *O Fogo da Fala*, Lisboa: Edições 70, 1980
 CHIZIANE, Paulina. *Niketche. Uma História de Poligamia*, Lisboa: Caminho, 2002
 COUTO, Mia. *Vozes Anotecidas*, Lisboa: Caminho, 1987
 ----- . *Na Berma de Nenhuma Estrada e Outros Contos*, Lisboa: Caminho, 2001
 ----- . *O Fio das Missangas*, Lisboa: Caminho, 2004
 CRAVEIRINHA, José. *Maria*, Lisboa: Caminho, 1998
 ----- . *Xigubo*, Lisboa: Edições 70, 1980
 FORTES, Corsino. *Pão & fonema*, Lisboa: Sá da Costa, 1980
 GUERRA, Henrique. *Três Histórias Populares*, Lisboa: Edições 70, 1980
 HONWANA, Luís Bernardo. *Nós Matámos o Cão Tinhoso*, Porto: Afrontamento, 1972
 KNOPFLI, Rui. *Obra Poética*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003

- LOPES, Manuel. *Galo Cantou na Baía e outros contos*, Lisboa: Caminho, 1998
- MARIANO, Gabriel. *Vida e morte de João Cabafume*, Lisboa: Vega 2001
- MELO, João. *Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir*, Lisboa: Caminho, 1999
- NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1987
- ONDJAKI. *Os da Minha Rua*, Alfragide: LeYa, 2009
- . *O Assobiador*, Lisboa: Caminho, 2002
- PEPETELA. *Muana Puó*, Lisboa: Dom Quixote, 1995
- . *Parábola do Cágado Velho*, Alfragide: D. Quixote, 2011
- RUI, Manuel. *1 Morto & Os Vivos*, Lisboa: Cotovia, 1993
- SANTOS, Aires de Almeida. *Meu Amor da Rua Onze*, Lisboa: Edições 70, 1987
- SOROMENHO, Castro. *Terra Morta*, Lisboa: Sá da Costa, 1979
- SOUSA, Teixeira de. *Contra Mar e Vento*, Lisboa: Prelo, 1972
- TRONI, Alfredo. *Nga Mutúri*, Lisboa: Edições 70, 1991
- VIEIRA, José Luandino. *Luuanda*, Lisboa: Edições 70, 1997
- XITU, Uanhenga. *“Mestre” Tamoda & Kahitu*, São Paulo: Ática, 1984

História e crítica literária

- GOMES, Aldónio, CAVACAS, Fernanda. *Dicionário de Autores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1997
- LARANJEIRA, Pires. *Ensaio Afro-Literários*, Coimbra: Novo Imbondeiro
- . *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta, 1995
- OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. *A Formação da Literatura Angolana*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997
- PORTUGAL, Francisco Salinas. *Entre Próspero e Caliban. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, Santiago de Compostela: Edicións Laivento, 1999
- SOARES, Francisco. *Notícia da Literatura Angolana*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001

Literaturas africanas de língua portuguesa I

Antologia de textos literários

Silvie Špánková

Vydala Masarykova univerzita v roce 2014

1. vydání, 2014

Sazba: ASTRON studio CZ, Veselská 699, 199 00 Praha

ISBN 978-80-210-6911-4